



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

RAFAEL DINIZ LANZA

UMBERTO GALIMBERTI E A CRÍTICA DA RAZÃO TÉCNICA

Belo Horizonte

2024

RAFAEL DINIZ LANZA

UMBERTO GALIMBERTI E A CRÍTICA DA RAZÃO TÉCNICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de pesquisa I: Fundamentos da Técnica, da Tecnologia e do Trabalho no âmbito da Educação Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique de Lacerda Abrahão

Belo Horizonte

2024

Lanza, Rafael Diniz
L297u Umberto Galimberti e a crítica da razão técnica / Rafael Diniz Lanza. – 2024.
92 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação
Tecnológica.

Orientador: Luiz Henrique de Lacerda Abrahão.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas
Gerais.

1. Galimberti, Umberto – 1942- – Teses. 2. Tecnologia – Filosofia – Teses.
3. Tecnologia – Aspectos sociais – Teses. 4. Ensino técnico – Filosofia – Teses.
5. Humanidade – Teses. I. Abrahão, Luiz Henrique de Lacerda. II. Centro Federal
de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título.

CDD 370.1

RAFAEL DINIZ LANZA

UMBERTO GALIMBERTI E A CRÍTICA DA RAZÃO TÉCNICA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 26 de julho de 2024, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelos professores:



Prof. Dr. Luiz Henrique de Lacerda Abrahao – Orientador
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais



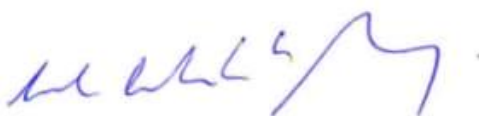
Documento assinado digitalmente

SABINA MAURA SILVA

Data: 02/09/2024 10:18:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Sabina Maura Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais



Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

“É o máximo de objetivos com o mínimo de meios. Essa é a lógica racional da técnica.”

Umberto Galimberti

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a realização desta pesquisa. Este projeto não teria sido concluído sem o apoio e o incentivo de muitas pessoas realmente incríveis ao longo do caminho.

Primeiramente, desejo expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Henrique de Lacerda Abrahão, pela sua orientação, apoio incansável e valiosos *insights* ao longo de toda essa jornada, e por me introduzir no mundo da filosofia. Sua experiência e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação e meu desenvolvimento pessoal.

Agradeço também a todos os professores deste programa, em especial, àqueles que lecionaram valiosas disciplinas que contribuíram para abertura de um novo mundo: Prof. Dr. Luiz Henrique de Lacerda Abrahão; Prof.^a Dra. Sabina Maura Silva; Prof.^a Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi; e Prof.^a Dra. Maria Adélia Da Costa. Além dos membros do colegiado deste programa na figura do Prof. Dr. Alexandre Da Silva Ferry pela análise com sensibilidade dos requerimentos feitos à coordenação. Faço um agradecimento, também, aos membros da minha banca examinadora: Prof. Dr. Luiz Henrique de Lacerda Abrahão; Prof.^a Dra. Sabina Maura Silva; e Prof. Dr. Celso Candido Azambuja por dedicarem seu tempo e expertise para avaliar este trabalho e fornecer valiosas sugestões e críticas construtivas.

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos e amigas Eliane Silvestre Oliveira, Cássia Kéria Silva, Édson Júnior Campos de Faria e Yuri Tiradentes Murta pelo incentivo nos momentos de maior dúvida e desalento. Ao povo da Cidade de Esmeraldas/MG, através de sua Prefeitura, pela concessão de licença remunerada durante os primeiros meses desta jornada neste programa.

Por último, mas não menos importante, quero expressar minha eterna gratidão à minha família e entes queridos. Seu amor, apoio incondicional e compreensão ao longo deste período foram a luz que guiou meus passos, mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigado mãe, pai, meus irmãos e meu companheiro Wallison.

A todos vocês, meu mais sincero obrigado. Esta pesquisa não é apenas minha, mas de todos que contribuíram de alguma forma para sua realização.

RESUMO

A Filosofia da Técnica apresentada por Umberto Galimberti em sua obra *Psiche e techne: o homem na idade da técnica* aborda a complexa interação entre o ser humano e a técnica. A pesquisa feita por meio de uma análise qualitativa e descritiva e com levantamento bibliográfico sobre o autor e sua obra. Identificou-se que o filósofo italiano faz parte de uma tradição filosófica humanista, pertencente à geração mais antiga, ou clássica, da Filosofia da Tecnologia (FdT) italiana. Observou-se que Galimberti não aparece em compêndios introdutórios para estudos da FdT e que utiliza as palavras "técnica" e "tecnologia" com denotações distintas ao longo de sua obra. Para ele, o Absoluto da Técnica envolve a reificação do homem pela manifestação da racionalidade técnica, que reduz todas as qualidades a quantidades e transforma os indivíduos em recursos funcionais. A abordagem crítica do filósofo permitiu antever uma interface entre a Educação e a Filosofia da Técnica, destacando a reflexão sobre os impactos sociais, ambientais e éticos das tecnologias, em uma perspectiva transdisciplinar. Por fim, entende-se que para uma maior compreensão da FdT italiana deve-se incluir a crítica da *Razão Técnica* desenvolvida pelo pensador de Monza.

ABSTRACT

The Philosophy of Technique presented by Umberto Galimberti in his work *Psiche e techne: The Man in the Age of Technique* addresses the complex interaction between human beings and technique. The research was conducted through a qualitative and descriptive analysis, along with a bibliographic review of the author and his work. It was identified that the Italian philosopher is part of a humanistic philosophical tradition, belonging to the older, or classical, generation of Italian Philosophy of Technology (FdT). It was observed that Galimberti does not appear in introductory compendiums for FdT studies and that he uses the words "technique" and "technology" with distinct meanings throughout his work. For him, the Absolute of Technique involves the reification of man through the manifestation of technical rationality, which reduces all qualities to quantities and transforms individuals into functional resources. The philosopher's critical approach allowed for an anticipation of an interface between Education and the Philosophy of Technique, highlighting the reflection on the social, environmental, and ethical impacts of technologies from a transdisciplinary perspective. Finally, it is understood that for a deeper understanding of Italian Philosophy of Technology, the critique of *Technical Reason* developed by the thinker from Monza should be included

LISTA DE SIGLAS

FdT	Filosofia da Tecnologia
FTH	Filosofia da Tecnologia das Humanidades
FET	Filosofia Empírica da Tecnologia
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicações
2P2Q	2 polos da ética da informação 2 polos da ontologia da informação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - A PERSPECTIVA ITALIANA SOBRE A FILOSOFIA DA TECNOLOGIA DAS HUMANIDADES	15
1.1. Carl Mitcham: Um olhar para questões humanas dentro Filosofia da Tecnologia	15
1.2. A essência das conexões humanistas na FdT	16
1.3. A Filosofia da Tecnologia das Humanidades sob a ótica italiana	18
1.4. Dois expoentes da Filosofia da Tecnologia italiana	19
1.4.1. Luciano Floridi: os desafios da ética nas tecnologias da informação	20
1.4.2. Emanuele Severino: um olhar niilista sobre a Técnica	22
1.5. “Técnica” e “Tecnologia”: a perspectiva dos Filósofos Italianos	25
CAPÍTULO II - A TÉCNICA COMO UM ABSOLUTO DA CONDIÇÃO HUMANA	28
2.1. Idade da Técnica: a perspectiva de Galimberti	28
2.2. “Técnica” e “Tecnologia” em <i>Psiche e techne</i>	29
2.3. A simbologia da técnica galimbertiana: incompletude humana e acesso ao mundo	31
2.4. A fenomenologia da técnica galimbertiana: a transformação dos meios em fins	36
2.4.1. A alienação técnica e a autonomia dos meios	47
2.5. A semiologia galimbertiana: a verdade como eficácia	51
2.5.1. A reificação humana no mundo da técnica	56
CAPÍTULO III - OS EFEITOS DA TÉCNICA SOBRE AÇÕES GENUINAMENTE HUMANAS ..	66
3.1. O fim das ideologias: a submissão da Política e da Ética	66
3.2. A impotência das ideologias frente à submissão da política à técnica	67
3.3. A impotência da ética face ao progressivo incremento da técnica	74
3.3.1. O dissídio entre técnica e ética	76
3.4. A Educação na Idade Da Técnica	79
3.5. Filosofia da Técnica galimbertiana e a Educação Tecnológica: interfaces	81
3.5.1. O papel da comunicação na Educação das sociedades tecnológicas	86

CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

A Filosofia da Tecnologia (FdT) é frequentemente – embora não de forma unânime – considerada uma subárea relativamente nova da Filosofia (Reydon, 2018, p. 235; Franssen, Lokhorst; Van De Poel, 2021; Ararātu, 2017). Sua origem remonta à publicação da obra *Grundlinien der Philosophie der Technik* de Ernst Kapp (1808-1896), em 1877, e sua institucionalização ocorreu aproximadamente um século depois, com a fundação da *Society for Philosophy of Technology* em 1977, seguida pelo lançamento da série editorial *Research in Philosophy of Technology* em 1978 (Ferré, 1995, p. 9-10).

Embora tenha pouco mais de um século de existência, a evolução da FdT é tipicamente segmentada em pelo menos duas fases: a *clássica*, abrangendo o período do final do século XIX até meados do século XX; e a *empírica*, que teve seu início por volta do final do século XX, mais precisamente na década 1980, e estende-se até os dias atuais.

Verbeek (2020, p. 35) afirma que, na década de 1980 houve um movimento na FdT em direção a uma abordagem mais empiricamente fundamentada. Buscou-se entender a tecnologia enquanto prática, isto é, considerando seus artefatos, sistemas e processos tecnológicos. Assim, para o autor, muitos filósofos optaram por adotar uma compreensão mais direta da tecnologia e suas interações entre humanos e a sociedade. Essencialmente, essa perspectiva coincide com a descrição de uma “forma de americanização” (Achterhuis, 2001, p. 6) da FdT. Segundo essa leitura, a migração da FdT da Europa para os Estados Unidos ocorreu quando filósofos americanos – que eram, em grande parte, herdeiros da tradição pragmatista – passaram a considerar as concepções clássicas sobre tecnologia como inadequadas para abordar questões centrais nesse campo do conhecimento (Ihde, 1998).

Dessa forma, figuras proeminentes, como Martin Heidegger (1889-1976) ou Hans Jonas (1903-1993), teriam pouco a contribuir para a metodologia do *design* tecnológico ou para a dimensão epistemológica das engenharias atuais. Em suas obras, como *A questão da Técnica* (conferência proferida em 1953) e *O Princípio Responsabilidade* de 1979, os dois filósofos germânicos dedicam-se, respectivamente, à forma de existência ou às questões éticas da *Technik* moderna (Mitcham, 1994, P. 104-105, 207; Cupani, 2016, P. 40-47; Dusek, 2009, P. 105).

Coeckelbergh (2019) ressaltou, mais recentemente, que a FdT permaneceu por um período considerável limitada à perspectiva ocidental sobre tecnologia. No entanto, a partir do início do século XXI, a FdT gradualmente adotou uma postura mais *intercultural* e *transcultural*, com o surgimento de publicações que compartilham reflexões filosóficas sobre tecnologia originadas em países para além dos Estados Unidos e Alemanha, também além de outros continentes que não Europa e América do Norte. Como resultado, atualmente é possível

acessar contribuições da FdT desenvolvidas na França, China, México, Brasil, Espanha, Costa Rica, Chile ou Venezuela (Mitcham, 1994; Laspra; Cerezo, 2018; Lombardi, 2020; Jerónimo, 2023; Wang, 2020).

Coeckelbergh (2019) afirma que a tecnologia não se restringe ao conjunto de ferramentas ou invenções, consistindo, ainda, em uma força transformadora que molda as vidas, valores e relações humanas. Nesse sentido, a tecnologia suscita questões filosóficas, por exemplo, sobre aspectos éticos, políticos ou culturais, sem esquecer da forma como percebemos a realidade em um mundo cada vez mais tecnologicamente mediado. Nesse sentido, em sua obra *Introduction to Philosophy of Technology*, o estudioso belga percorre por várias abordagens filosóficas acerca da tecnologia. Um dos pontos mais interessantes da discussão proposta naquele texto envolve a consideração de que a FdT recebe contribuições de diversas regiões do mundo. Embora tenha surgido na Alemanha, e posteriormente se institucionalizado nos Estados Unidos da América, há teses de filósofos da tecnologia em locais como, por exemplo, França, Japão, Brasil e Itália. Coeckelbergh escreve:

alguns estudiosos de países como a China, o Japão e a Coreia do Sul procuraram ativamente a colaboração e estudaram filósofos ocidentais da tecnologia. [...] Deixe-me focar aqui em três exemplos de linhas de pensamento que vão além da filosofia anglófona da tecnologia ou que ocorreram em um contexto fora da Europa ou da América do Norte: uma europeia (francesa: Simondon), uma latino-americana (Flusser no Brasil) e uma asiática (Confucionismo) (Coeckelbergh, 2019, p. 118).

Nesse horizonte, as pesquisadoras italianas Simona Chiodo (1977-) e Viola Schiaffonati (1967-) concentraram-se em estudos sobre a FdT italiana. Apontaram três áreas de interesse principais: a) *relações entre tecnologia, política e sociedade* – evidenciados nos estudos de Pagallo (2021) e Artosi (2021), que procuraram compreender as características únicas da cultura ocidental em relação ao desenvolvimento tecnológico e seus impactos na economia, bem como nas relações entre cidadãos e nações; b) *impactos das ações tecnológicas (principalmente das engenharias) no meio ambiente* – visível em Diodato (2021); e c) *questões legais e éticas suscitadas pela tecnologia* – debatidas em Magnani (2021).

É verdade que Luciano Floridi (1964-) é um dos filósofos italianos da tecnologia mais reconhecidos internacionalmente (Demir, 2012; Coeckelbergh, 2019, p. 132-145). Uma reputação decorrente de contribuições para os problemas ontológicos da Ciência da Informação

e para os aspectos éticos da Ciência da Computação¹. No entanto, neste trabalho, vamos priorizar o pensamento de outro filósofo italiano da tecnologia: Umberto Galimberti (1942-).

Por que escolher Galimberti?

Galimberti é reconhecido como um dos principais filósofos contemporâneos na Itália, especialmente devido às suas reflexões sobre a técnica (Verč, 2012, p. 127). Não obstante, seu nome não aparece em compêndios internacionais sobre FdT². Ainda mais intrigante é o fato de ele não ser, sequer, mencionado nos capítulos da obra *Italian Philosophy of Technology* [Filosofia da Tecnologia Italiana] (2021). Esse aspecto é intrigante, considerando que o objetivo desta coletânea é, justamente, apresentar ao público em geral “as contribuições de filósofos italianos que refletiram sobre a tecnologia nas décadas recentes” (Chiodo e Schiaffonati, 2021, p. 1).

Sendo assim, propõe-se aqui um estudo qualitativo, descritivo, com levantamento e pesquisa bibliográfica sobre a Filosofia da Técnica de Galimberti enquanto uma crítica da *Razão Técnica*. Buscar-se-á uma abordagem reflexiva sobre a tese da *Técnica* como um *Absoluto* da condição humana, diante de uma mudança de época histórica que o filósofo designou como *Idade da Técnica*. Nesta nova idade, a *Razão Técnica* funciona como um sistema organizado e eficaz, que muitas vezes relega ao um segundo plano vários aspectos essenciais da experiência humana, colocando em primazia da lógica instrumental da Técnica. Para tanto, a obra escolhida para este estudo é, destacadamente, aquela mais importante de Galimberti em reflexões sobre a técnica: *Psiche e techne: o homem na idade da técnica* de 1999.

Optou-se por organizar este estudo da seguinte forma:

No Capítulo I e nas suas seções serão abordados o contexto atual da FdT, com o enfoque no surgimento de uma Filosofia da Tecnologia das Humanidades e identificando seus filósofos precursores. Além disso, serão apresentados alguns filósofos italianos da tecnologia contemporâneos, com destaque para Luciano Floridi e Emanuele Severino, fazendo uma breve síntese de suas teses. Também será apresentado o uso das palavras italianas *tecnica* e *tecnologia*

¹ Essas investigações estão presentes em trabalhos e obras como *Information ethics, its nature and scope* [Ética da informação, sua natureza e escopo] (2006), *The Philosophy of Information* [A Filosofia da Informação] (2011) ou *The Logic of Information: A Theory of Philosophy as Conceptual Design* [A Lógica da Informação: uma Teoria da Filosofia como design conceitual] (2019).

² Como por exemplo, *Philosophy of Technology: An Introduction* [Filosofia da Tecnologia: uma introdução] de Robert C. Scharff e Val Dusek (2003); ou ainda, *The Oxford Handbook of Philosophy of Technology* [O Manual Oxford de Filosofia da Tecnologia] de Shannon Vallor (2022). E também alguns mais recentes em língua italiana como: *Filosofia della Tecnica* [Filosofia da Técnica] (2019) de Salvatori Natoli; *Tecnica e società* [Técnica e sociedade] (2020) de Emanuele Coccia; e por fim *Filosofia della Tecnoscienza* [Filosofia da Tecnociência] (2021) de Simona Sandroni.

pelos filósofos italianos, com o objetivo de compreender o uso feito por Galimberti em sua obra objeto desta pesquisa.

No Capítulo II serão abordadas a Filosofia da Técnica de Galimberti, reconhecendo-o como um filósofo da técnica humanista, bem como a utilização das palavras técnica e tecnologia por ele em sua obra. Além de uma análise do simbolismo e da fenomenologia da técnica na perspectiva galimbertiana para compreensão da construção de sua tese de Técnica como um Absoluto da vida humana.

No Capítulo III serão analisadas a crítica da *Razão Técnica* galimbertiana sobre: a transformação da verdade em eficácia e a transformação ontológica que decorre dessa mudança de paradigma; o fim das ideologias e a submissão da política e da ética, reforçando o Absoluto da Técnica; e a substituição das ações genuinamente humanos por aquelas mediadas e estabelecidas tecnicamente. Também serão abordados a interface da Filosofia da Técnica galimbertiana com a Educação Tecnológica como uma abordagem transdisciplinar. Reconhecendo que as suas reflexões sobre a antropologia, a ética e a comunicação como fontes de amadurecimento, aprendizado e formação humana.

Na conclusão será ressaltada a posição de Galimberti como um filósofo humanista da tecnologia, pertencente à geração clássica da FdT italiana, embora ele não seja frequentemente mencionado nos compêndios introdutórios sobre o tema. Além disso, destacar-se-á a crítica que o italiano faz à Razão Técnica, demonstrando que, na Idade da Técnica, a reificação humana tende a substituir ações genuinamente humanas por aquelas mediadas pela técnica. Isso posiciona-o como um filósofo essencial para a introdução aos estudos da FdT, especialmente no contexto da Educação Tecnológica.

CAPÍTULO I - A PERSPECTIVA ITALIANA SOBRE A FILOSOFIA DA TECNOLOGIA DAS HUMANIDADES

1.1. Carl Mitcham: Um olhar para questões humanas dentro Filosofia da Tecnologia

Com o propósito de explorar as nuances relacionadas ao conceito de Filosofia da Tecnologia das Humanidades (FTH) elaboradas por Carl Mitcham (1941-), essa pesquisa almeja uma análise preliminar para estabelecer *a posteriori* as bases a perspectiva da FdT italiana, buscando classificar os filósofos italianos da tecnologia dentro da perspectiva de Mitcham (1994), e endossada por Chiodo e Schiaffonati (2021).

O conceito de FTH busca apontar os aspectos da FdT que vão muito além do fenômeno tecnológico porque ela volta o olhar para os problemas reais do homem e na vida em uma sociedade altamente tecnológica. Mitcham (1994) indicou que essas reflexões buscam trazer, mais fortemente, os problemas reais da sociedade como a alienação tecnológica, os impactos ambientais, a autonomia humana, a desigualdade tecnológica, a ética da tecnologia e a dependência tecnológica. Esses problemas são percebidos em nível local e vivenciados fortemente pelos filósofos da tecnologia ao redor do mundo.

Através do reconhecimento desses problemas, Mitcham (1994) chamou as abordagens que tratam as questões da vida humana influenciadas pelo fenômeno tecnológico como "perspectivas transteconológicas³" (Mitcham, 1994, p. 39). Diante disso, o autor direcionou suas contribuições para uma linha filosófica de tradição que chamou de "romântica" (Mitcham, 1994, p. 40) porque inclui em sua perspectiva a religião, a poesia, as artes e a própria filosofia, trazendo os aspectos problemáticos das sociedades tecnológicas. Nesse sentido, Mitcham (1994) sugere que a FTH adota uma abordagem "romântica" (Mitcham, 1994, p. 40), pois é uma concepção mais subjetiva e voltada para as experiências humanas e suas conexões emocionais e culturais por meio da tecnologia. Isso contrasta com uma outra abordagem, também trazida por Mitcham (1994), chamada de analítica. Para o autor a abordagem analítica é mais orientada para a lógica matemática da ciência moderna.

Para exemplificar um pouco essa vertente romântica da FdT Mitcham (1994) selecionou quatro pensadores. Normalmente, eles não estão diretamente associados à tradição romântica, porém, na visão do estudioso, "defendem fortemente a filosofia da tecnologia nas humanidades"

³ Essa expressão é usada para descrever uma abordagem na Filosofia da Tecnologia que vai além das análises puramente técnicas ou tecnológicas e se concentra nas interações complexas entre a tecnologia, a sociedade e a cultura. Cf. Mitcham (1994), pp. 39-61.

(Mitcham, 1994, p. 39). São eles: Lewis Mumford (1895-1988), José Ortega y Gasset (1883-1955), Martin Heidegger (1889-1976) e Jacques Ellul (1912-1994)". Todos os quatro, na leitura em foco, convergem no sentido de considerar a tecnologia moderna influente na vida humana em suas várias dimensões. Como tal, convém apresentar brevemente a perspectiva de cada um desses filósofos, dando destaque àquelas características ressaltadas por Mitcham (1994). Isso nos ajudará a compreender melhor este paradigma fundador da FTH.

1.2. A essência das conexões humanistas na FdT

Lewis Mumford (1895-1988) explorou o conceito de megamáquina em seus estudos, inspirando-se em questões ecológicas e ambientais, bem como em preocupações relacionadas à harmonia urbana. Segundo Mitcham (1994), a tese de Mumford sugere que um processo tecnológico dentro da organização social humana em larga escala leva à construção de uma megamáquina. Desde modo, Mumford referiu-se a essa tecnologia como monotécnica, ou técnica autoritária, que visa inerentemente ao controle autoritário por ser "baseada em inteligência científica e produção quantificada, focada principalmente na expansão econômica, abundância material e superioridade militar [...] em suma, para o poder" (Mitcham, 1994, p. 43).

José Ortega y Gasset (1883-1955) abordou a questão da técnica de maneira a demonstrar sua íntima ligação com a essência do Ser dos indivíduos. Mitcham (1994) descreveu a tese de Ortega y Gasset como uma FdT que "repousa na ideia da vida humana como vinculada a uma relação com as circunstâncias – não, entretanto, de maneira passiva, mas como uma resposta ativa e criadora dessas circunstâncias" (Mitcham, 1994, p. 46). Ainda de acordo com Mitcham (1994), na visão de Ortega y Gasset "a natureza humana, ao contrário de uma rocha, árvore ou animal, não é algo dado pela existência; pelo contrário, é algo que as pessoas devem criar para si mesmas" (Mitcham, 1994, p. 46). Ele ainda complementa:

A invenção interna precede e fornece a base para a invenção externa. A técnica, novamente, pode até ser pensada como uma espécie de projeção humana, mas não em bases estritamente naturais ou orgânicas (como em Kapp ou Gehlen). Há uma ruptura ou uma ruptura entre o humano e o mundo (Mitcham, 1994, p. 46).

Martin Heidegger (1889-1976) abordou a questão da técnica com o objetivo de compreendê-la como um fenômeno que desafia a natureza a revelar sua verdade. Mitcham (1994) observou que para Heidegger "a técnica é um tipo de verdade ou revelação, e que a tecnologia moderna em particular é uma revelação que define e desafia a natureza a produzir

um tipo de energia que pode ser armazenada e transmitida de forma independente” (Mitcham, 1994, p. 51). O estudioso ainda destacou que Heidegger descreveu uma vontade impessoal do Ser, denominada *Gestell*, a qual influencia a maneira como a técnica se desenvolve e molda a relação entre o mundo humano e o mundo tecnológico, postulando que:

não apenas ‘estabelece’ e ‘desafia’ o mundo – uma descrição que já sugere elementos volitivos – ela também estabelece e desafia os seres humanos a enfrentar e desafiar o mundo. Em última análise, não são apenas as necessidades e aspirações humanas que dão origem à técnica moderna. ‘A essência da técnica moderna inicia os seres humanos no caminho daquela revelação através da qual a realidade em todos os lugares, mais ou menos distintamente, torna-se um recurso [...]’. Heidegger quer dizer, talvez, que o próprio fato de que a realidade se deixa aberta à manipulação técnica até certo ponto suscita tal manipulação (Mitcham, 1994, p. 53).

Por sua vez, Jacques Ellul (1912-1994) considerou a Técnica como um “fenômeno social de extrema importância no mundo moderno” (Mitcham, 1994, p. 57). Ellul trouxe duas perspectivas distintas para se pensar a técnica, sendo a primeira chamada de operações técnicas. Mitcham (1994) compreendeu essa perspectiva da seguinte maneira:

as operações técnicas são muitas, tradicionais e limitadas pelos diversos contextos em que ocorrem; o fenômeno técnico – ou “*la Technique*” – é um, e constitui aquela forma exclusivamente moderna de fazer e usar artefatos que tende a dominar e incorporar em si todas as outras formas de atividade humana (Mitcham, 1994, p. 59).

A segunda perspectiva de Ellul, descrita por Mitcham (1994), é a tipologia do fenômeno técnico. Segundo Mitcham (1994) a categorização do fenômeno técnico trazida por Ellul molda a sociedade nas mais diversas dimensões como, por exemplo, a educação, o trabalho, a publicidade, a recreação, os esportes e a medicina, pois “essas envolveriam as questões de racionalidade, artificialidade, autodirecionamento, crescimento autossustentável, indivisibilidade, universalidade e autonomia” (Mitcham, 1994, p. 60). Segue a explicação sobre o pensamento de Ellul:

[Ellul] defende o determinismo tecnológico apenas em um sentido altamente qualificado, isto é, sob certas condições sociais - que numerosos fatores socioculturais e econômicos são levados em consideração no processo técnico, e que em diferentes momentos e lugares a busca pelo “um melhor” para solução de problemas técnicos pode produzir resultados superficialmente diferentes, que de forma alguma mina a abrangência do fenômeno técnico (Mitcham, 1994, p. 60).

Por conseguinte, compreende-se o porquê Mitcham (1994) identifica os pensadores acima como sendo precursores do que chamou de FTH, mesmo que dentro da tradição os autores citados não sejam assim considerados.

1.3. A Filosofia da Tecnologia das Humanidades sob a ótica italiana

Chiodo e Schiaffonati (2021) buscaram abordar os aspectos mais atuais e proeminentes nos estudos sobre a FdT italiana. Elas tomam como parte Mitcham (1994) e distinguem os pensadores contemporâneos italianos sobre a tecnologia em dois grupos: o primeiro grupo, denominado de a Filosofia da Tecnologia das Humanidades (FTH), e um segundo, a Filosofia Empírica da Tecnologia (FET).

Mas, além de distinguirem entre esses dois grupos, Chiodo e Schiaffonati (2021) também propõem uma organização baseada nas diferentes gerações de filósofos da tecnologia italianos. A geração mais recente (década de 1980 em diante) estaria ligada às engenharias e, desse modo, associados à FET, ao passo que a geração mais antiga (anterior a 1980), estaria ligada à FTH. Segundo as estudiosas, eles teriam sofrido influência de autores que “utilizam as ferramentas extraídas da metafísica, como Immanuel Kant e Martin Heidegger” (Chiodo e Schiaffonati, 2021, p. 2).

Chiodo e Schiaffonati (2021) consideram que a separação da FdT italiana em FTH e FET é possível por causa da “virada empírica” nos estudos sobre a tecnologia. Esse movimento, que ocorreu nos Estados Unidos da América e na Europa durante as décadas de 1980 e 1990, consistiu em uma nova abordagem em que muitos de seus são formados na área das Ciências Humanas e, portanto, focaram seus estudos na relação da tecnologia com a sociedade, ao invés de apenas na tecnologia em si (Mitcham, 1994, p. 62-63).

Pois bem, essa separação dos filósofos italianos em duas grandes categorias facilitaria o reconhecimento e a compreensão de suas visões em relação aos fenômenos da técnica e da tecnologia. Segundo Chiodo e Schiaffonati (2021):

na comunidade de língua italiana focada na análise da tecnologia, tem sido dada pouca atenção à própria prática da tecnologia e ao que é referido como filosofia analítica da tecnologia (Franssen *et al.*, 2018). A filosofia italiana da tecnologia agora está mudando parcialmente e, [...], a virada empírica na filosofia europeia e norte-americana da tecnologia também influenciou a comunidade italiana (Franssen *et al.*, 2016). Por um lado, as contribuições da geração mais antiga de estudiosos são principalmente (mas não exclusivamente) caracterizadas pelos traços típicos da filosofia da tecnologia das humanidades. Por outro lado, as contribuições da última geração combinam a filosofia da tecnologia das humanidades com uma filosofia da tecnologia empiricamente informada, atenta à prática da engenharia (Chiodo e Schiaffonati, 2021, p. 2).

De acordo com Chiodo e Schiaffonati (2021) a interlocução entre as duas gerações seria essencial para compreensão da rápida transformação de uma sociedade através do avanço tecnológico a que estão submetidas:

isso significa tentar fornecer uma perspectiva duplamente providente: para apreender o significado filosófico de uma certa tecnologia, os filósofos da tecnologia devem ser capazes de fazer referência tanto ao seu passado (por exemplo, às várias e complexas razões de sua escolha entre suas alternativas possíveis) quanto ao seu futuro (por exemplo, aos possíveis cenários que ela provavelmente apresentará ter impacto, ou mesmo causar). Pensamos que é precisamente isso que a extrema sofisticação das demandas de tecnologias contemporâneas (Chiodo e Schiaffonati, 2021, p. 2)

Em síntese, a FTH busca investigar a intrincada relação entre a tecnologia e a sociedade e procura apontar um caminho para reflexão em questões de dimensões éticas inerentes ao desenvolvimento e aplicação das tecnologias sobre a vida humana. Ao mesmo tempo, empenha-se em compreender o impacto desses avanços tecnológicos na construção da identidade e da experiência humana no mundo contemporâneo. Assim, a FTH caminha para ser uma disciplina filosófica que almeja decifrar os complexos vínculos e as implicações filosóficas que emergem do entrelaçamento entre a evolução tecnológica e o ser humano. Por isso, Chiodo e Schiaffonati (2021) recorrem à noção de FTH, proposta por Mitcham (1994), para iluminar o perfil geral da FdT italiana.

A próxima seção destina-se a apresentar dois expoentes da filosofia da tecnologia italiana, sendo o primeiro, Luciano Floridi (1964-), associado à FET e Emanuele Severino (1929-2020), o segundo, à FTH. Faremos também, ainda conforme Chiodo e Schiaffonati (2021), um breve relato da regionalização da FdT.

1.4. Dois expoentes da Filosofia da Tecnologia italiana

Analisando especificamente o contexto italiano, Cockelbergh (2019) constata uma tendência filosófica de explorar questões sobre a relação entre a tecnologia e a condição humana, considerando a presença de uma interseção entre cultura e ética para o desenvolvimento tecnológico. Nessa abordagem, haveria uma ênfase na importância de se refletir sobre como a tecnologia molda a vida das pessoas, seus valores e suas percepções de mundo.

Partindo de estudos de perspectiva hermenêutica e fenomenológica, o estudioso salientou que os filósofos italianos também buscam compreender a experiência humana mediada pela tecnologia, bem como os impactos culturais e sociais das inovações tecnológicas. Nessa leitura, a reflexão filosófica na Itália daria ênfase à ética, o que, segundo Cockelbergh (2019), demonstraria o compromisso com uma abordagem humanista da FdT italiana.

Luciano Floridi (1964-) e Emanuele Severino (1929-2020) são dois expoentes da FdT italiana cujas obras impactam em debates dentro e fora da Itália. Suas obras trazem noções

relevantes para pensarmos, respectivamente, os desafios surgidos em sociedades altamente tecnológicas ou a metafísica da dominação técnica, temas fortemente alinhados à FTH.

1.4.1. Luciano Floridi: os desafios da ética nas tecnologias da informação

Luciano Floridi nasceu no ano de 1964, em Roma, Itália. Pioneiro nas pesquisas sobre a Filosofia da Informação, área na qual são tratadas questões fundamentais acerca da natureza da informação, a sua relação com o conhecimento e a sua relevância na vida das pessoas em um mundo digital e cada vez mais conectado. Atualmente, Floridi é professor de Ética da Informação na Faculdade de Filosofia de Oxford e diretor do *Oxford Internet Institute*, um centro de pesquisa interdisciplinar dedicado ao estudo das implicações sociais, éticas e políticas da Internet além da tecnologia da informação. Publicou diversos livros sobre Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), destacando-se: *Philosophy and Computing: An Introduction* [Filosofia e Computação: Uma Introdução] (1999) com uma introdução aos principais temas da filosofia da computação; *The Philosophy of Information* [A Filosofia da Informação] (2011), trabalho seminal sobre a Filosofia da Informação como uma área de pesquisa interdisciplinar; e *The Ethics of Information* [A Ética da Informação] (2013), dedicado às questões éticas relacionadas à coleta, ao processamento e disseminação de informações privadas.

Em Floridi (2021), encontra-se uma discussão favorável a uma nova interpretação ontológica da privacidade informacional, além de valores morais baseados em conceitos fornecidos pela chamada Ética da Informação.

Floridi (2021) entende que as TICs agravaram os problemas de privacidade informacional. Isso em razão do aumento das capacidades de processamento de dados proporcionadas pela velocidade com que esses dados podem ser coletados, registrados e gerenciados. Tal fenômeno, segundo o autor, aumentou “a quantidade e qualidade de dados, o que pode ser chamado de ‘hipótese 2P2Q’” (FLORIDI, 2021, p. 46). Essa hipótese 2P2Q pode ser resumida assim: “2P” refere-se aos dois polos da ética da informação: o que é permitido (permissão) e o que é obrigatório (obrigação); e “2Q” se refere aos dois polos da ontologia da informação: o que é o caso (factual) e o que é o valor (axiológico).⁴ Todavia, a hipótese 2P2Q, a qual buscou explicar a questão da privacidade informacional, parece ter se revelado insuficiente. Afinal, limitou-se a considerar apenas os efeitos óbvios e secundários da revolução digital. Como resultado, não ofereceu uma explicação adequada para o problema da privacidade

⁴ Para detalhes, Cf. Floridi, Luciano. *Information: A very short introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2010. 152 p.

informacional na sociedade contemporânea. O filósofo romano a criticou como uma forma de “filosofia ‘continuísta’ da tecnologia” (Floridi, 2021, p. 46).

Essa perspectiva seria “continuísta” (Floridi, 2021, p. 46) porque negligenciaria a essência do problema da privacidade informacional na utilização das TICs, seja nas tecnologias antigas ou novas. Isto é, nos dois casos haveria o potencial para afetar positiva ou negativamente o nível de privacidade informacional dos indivíduos. Dessa maneira, o pensador italiano conclui:

A diferença entre antigas e novas TICs é que as primeiras tendem a reduzir a privacidade informacional, enquanto as últimas também podem aumentá-la. Isso porque o primeiro tende a potencializar ou aumentar cada vez mais os agentes envolvidos, enquanto o segundo também pode mudar a própria natureza da infoesfera (ou seja, do próprio ambiente, dos agentes nele inseridos e de suas interações) (Floridi, 2021, p. 50).

Floridi trabalhou essa noção de “infosfera⁵” (Floridi, 2011), por exemplo, na obra *The Philosophy of Information*. Cockelbergh (2019) dedica algum espaço para discutir esse livro de 2011. Em síntese, entende que o italiano situa o ser humano como o protagonista de sua própria trajetória e ressalta a importância fundamental da informação nesse contexto. Em seguida, aponta que, uma vez que a dinâmica desse processo só pode ser adequadamente apreendida através da informação, a qual permeia e transforma tudo e todos, então haveria uma espécie de *ontologia informacional*. Em outros termos:

uma ontologia informacional, que vê a realidade ou o Ser como sinônimos de informação. Floridi (2011) escreve que a realidade é a totalidade da informação, que ele também chama de infosfera: nossas vidas, nossas tecnologias, de fato, todas as entidades devem ser entendidas como informacionais e como parte de uma ecologia de informações. Dados digitais e tecnologias digitais, então, mudam a infosfera e aumentam o espaço informacional (Coeckelbergh, 2019, p. 134).

Floridi (2021) ressalta, ao tratar do problema da privacidade informacional, a influência exercida pelas novas TICs digitais na infosfera. Diz que elas “agora podem ser analisadas em termos da sua reontologização” (Floridi, 2021, p. 46). Em seguida, o filósofo descreve cinco tendências fundamentais para compreensão do fenômeno de reontologização: 1) a digitalização do ambiente informacional; 2) a homogeneização do processador e do processado; 3) a evolução de novos agentes informacionais; 4) a informacionalização das interações; e 5) a

⁵ A Infosfera é concebida como um espaço informacional global, composto por todas as formas de dados, informações e comunicações que circulam e interagem em redes digitais, como a internet. Luciano Floridi argumenta que a Infosfera é uma dimensão fundamental da realidade contemporânea, moldando não apenas nossa maneira de interagir com o mundo, mas também nossa percepção, cognição e ética. Cf. Floridi (2011).

mutação de agentes antigos em agentes informacionais. Tudo isso envolve uma “fricção ontológica” (Floridi, 2021, p. 64) que, na perspectiva em análise, aumenta ou diminui nossa privacidade informacional, considerando-se a tecnologia utilizada. Diz o pensador:

A identidade pessoal também depende da privacidade informacional. A dificuldade de nossa sociedade contemporânea é como combinar a nova equação com a outra equação, [...], segundo a qual a privacidade informacional está em função da fricção ontológica na infoesfera (Floridi, 2021, p. 64).

Dessa forma, Floridi (2021) aponta que as antigas tecnologias provocam os maiores graus de fricção ontológica. Por isso, há uma maior delimitação dos espaços de privacidade informacional. Entretanto, consideradas as TICs digitais mais recentes, ocorrem menores graus de fricção ontológica - pois as noções de privacidade, no ambiente digital e virtual, não são tão facilmente percebidas como parte do indivíduo. Floridi (2021) ilustra o argumento com uma analogia: seria como se nossos órgãos internos fossem vistos, analisados, valorados e vendidos - sem que tomássemos conhecimento, sendo esse o grande problema da privacidade informacional das tecnologias recentes. O autor de *The Ethics of Information* ainda salienta, a propósito, que “para nós, é a privacidade informacional que não admite fricção ontológica” (Floridi, 2021, p. 67). Por isso, somos aquilo que compartilhamos no mundo digital. Da mesma forma que o somos quando usamos alguma roupa, algum adereço ou interagimos com artefatos tecnológicos fisicamente. A interação entre as nossas vontades e ações tornam-se próprias da nossa personalidade e nos definem por trazerem nossas informações. Assim, nota-se como Floridi, na trilha da FET, problematiza desafios enfrentados por sociedades altamente tecnológicas.

1.4.2. Emanuele Severino: um olhar niilista sobre a Técnica

Emanuele Severino (1929-2020), filósofo italiano nascido em 1929, na cidade de Bréscia, Itália, obteve o título de Doutor em Filosofia pela Universidade de Pavia no ano de 1948. Já professor na Universidade Católica de Milão envolveu-se em polêmicas em razão de ensaios e reflexões que afrontavam dogmas cristãos-católicos sobre a existência e eternidade de Deus, sendo então julgado pela Congregação da Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício). Na sentença emitida contra ele, o órgão vinculado à Igreja Católica Apostólica Romana, descreveu as ideias de Severino como incompatíveis com a fé e doutrinas católicas, pois destruiriam a concepção de transcendência e de eternidade de Deus (Pecoraro, 2020, p 262). Assim, em 1970, deixou a Universidade Católica de Milão e ingressou na Universidade de Veneza, local em que permaneceu até sua aposentadoria. Como um importante pensador contemporâneo contribuiu

significativamente para a Filosofia, particularmente na área da metafísica e da ontologia. Sua obra é marcada por uma crítica radical à tradição filosófica ocidental e uma tentativa de redefinir alguns conceitos fundamentais da filosofia (Pecoraro, 2020, p. 262; Severino, 2021)

Pecoraro (2020) distinguiu duas fases no desenvolvimento do pensamento de Severino a respeito da *Técnica*. Na primeira, Severino buscava explorar os estudos ontológicos e metafísicos para, então, redefinir conceitos da tradição filosófica ocidental. Os eixos fundamentais são a noção de *niilismo*, com a afirmação da eternidade do ‘Ser’ em detrimento da eternidade de Deus, e a concepção da técnica como um *sistema autônomo* de produção e destruição. Na segunda, prevalece a perspectiva relacionada à destinação da técnica para o domínio planetário e como uma força que rege o mundo. O estudioso destaca que Severino parte da concepção de que a técnica, de natureza niilista, pode criar e, por fim, a todas as coisas:

...a técnica – sistema niilista de produção e dissolução de todas as coisas no mundo baseado na fé (grega) da *existência do devir* e na temporalidade do ser – transforma-se em tecnociência, isto é, o aparato técnico/tecnológico ‘enquanto dirigido pela ciência moderna’, a *dimensão* originária do nosso tempo, o ‘instrumento mais potente à disposição do homem’ onde *mais potente* significa: todas as forças que hoje dirigem o mundo se servem da técnica (Pecoraro, 2020, p. 265).

Em Severino (2021) encontra-se uma concepção niilista ainda mais radical, uma vez que a *tecnociência* é considerada por ele como estando cada vez mais próxima de seus objetivos: construir e destruir todas as coisas continuamente. Assim, na visão do italiano, a tecnologia dominará o mundo porque os poderes existentes procuram manter como um objetivo a própria valorização da tecnologia em detrimento do próprio poder. Diz o italiano:

podemos acrescentar que a tecnologia está destinada ao domínio radical do mundo porque é inevitável [...] que todos os poderes que utilizam tecnologia para atingir seus objetivos passam a assumir o aprimoramento da tecnologia como objetivo e, portanto, deixam de ser o que são (Severino, 2021, p. 70).

Severino (2021) define a *tecnociência* como a ferramenta utilizada pela tecnologia para a tomada de poder, de si mesma e dos demais poderes constituídos, sejam econômicos, políticos ou jurídicos. Dessa forma, segundo o bresciano, à medida que se faz uso do poder da tecnologia, os demais poderes incrementam o seu próprio poder. Entretanto, para manterem o poder por eles alcançado, esses tendem a fortalecer o poder da própria tecnologia. Como dito no trecho a seguir:

... se quiser prevalecer sobre as demais, ou pelo menos não sucumbir, então é obrigado não só a proteger a sobrevivência dessa parte, mas também a fortalecer e estendê-lo.

E é obrigado a continuar fazendo isso, porque os outros poderes que não querem sucumbir agem da mesma forma. [...] Além disso, esse fortalecimento contínuo da parte da tecnologia que cada poder administra requer não ser impedido e enfraquecido pelo objetivo que cada um deles persegue, ou seja, pela direção que cada poder dá aos seus próprios meios para atingir seu próprio objetivo. Enfraquecer os meios implica comprometer a consecução do fim (Severino, 2021, p. 71-72).

A supremacia do poder da tecnologia sobre os demais poderes é um tema central para Severino (2021). Primeiro, ele aponta a disputa de poder entre grandes potências globais no desenvolvimento, após a dissolução da antiga União Soviética, de aparatos tecnológicos nucleares. Em seguida, afirma que tais potências só teriam optado pelo caminho de fortalecimento do poder tecnológico para conterem o poder mútuo crescente entre cada uma:

E, como já disse, uma vez que uma ação é o que é pelo fim que tem, então o vencedor é um tipo *diferente* de agente, aquele que assumiu como fim último o fortalecimento do aparato tecnológico que este agente possui. Isso pode acontecer mesmo que, pelo menos no início, as potências em luta não percebam o que está acontecendo (Severino, 2021, p. 72).

E o grande fomentador de desenvolvimento, com o objetivo final de aprimorar o poder da tecnologia, seria o capitalismo mundial:

... é a economia capitalista mundial que, por sua vez, se torna o meio que o aparato tecnológico mundial emprega para aumentar seu poder indefinidamente. Se, a essa altura, esse aparato continua sendo gerido por ambos os poderes que tomaram essa decisão, então o fato de serem diferentes e de manterem suas próprias autonomias prolongam seu conflito sem motivo a não ser a própria vontade de serem diferentes, e esse conflito enfraquece seus poderes. Assim, é inevitável que seja justamente sua vontade de poder o que supera sua diferença, até que constituam um poder único, cujo objetivo (o aumento do poder) passa a ser o objetivo de todo o planeta. Este é o tempo do governo mundial governado pela *pax technica* (Severino, 2021, p. 73).

Severino (2021) argumenta que os desafios relacionados à dominação tecnológica do mundo tem sido uma questão contínua ao longo do desenvolvimento do mundo ocidental. Para ele, compreender a dominação da tecnologia requer uma análise do problema fundamental da natureza do Ser, afirmando:

Desde o início, e durante toda a tradição ocidental, a tradição, o pensamento filosófico é, portanto, uma antinomia. Por um lado, afirma que o ente vem (parcialmente ou totalmente) de seu não-ser, e a ele volta – e que esse vir de é uma obviedade inquestionável. Por outro lado, partindo, por sua vez, de uma estrutura conceitual que pretende manifestar-se como uma obviedade inquestionável, o pensamento filosófico afirma que os seres provêm do “Princípio” imutável e divino que inicialmente os contém, e, ao serem destruídos, eles voltam a ele (mesmo que de várias maneiras). Esta configuração da matriz filosófica da história ocidental tem consequências decisivas no processo que se destina a instaurar a dominação da tecnologia (Severino, 2021, p. 76).

Nesse sentido, somente é possível compreender o fenômeno da dominação tecnológica reconhecendo a natureza do Ser como incerta. Então, o autor propõe, também, uma visão radicalmente nova: o Ser como um processo eterno de autodeterminação, em constante autoafirmação e autorrenovação. Nessa ótica, o não-Ser não é simplesmente a ausência ou negação do Ser, mas, isso sim, uma dimensão coexistente e necessária para a realização plena do Ser. Além disso, o pensador italiano explora a ideia do imutável não como algo estático e inalterável, mas como a essência subjacente que se manifesta através das mutações e transformações constantes.

Afirmando a existência do Imutável, passamos a pensar que esse nada (do passado e do futuro) é um ser: passamos a pensar, contra nossas próprias intenções, que aqueles que vêm do nada e ao nada voltam, cujas existências inegáveis das quais temos certeza de qualquer maneira, não existem. [...], a antinomia enunciada (Severino, 2021, p. 76).

No cerne da filosofia de Severino há uma investigação sobre a natureza do Ser. Melhor dizendo, o pensador destaca a incerteza, a transformação contínua e a coexistência entre o Ser e o Não-Ser. Assim, a visão tradicional de um princípio imutável e divino é desafiada. Propõe-se uma concepção do Ser como um processo eterno de autodeterminação e autoafirmação, o que implica um Ser dinâmico e em constante mudança.

Portanto, Severino oferece uma visão nova sobre a natureza da realidade e do poder da tecnologia, destacando a importância de entender o Ser como um processo contínuo de transformação. A filosofia de Severino questiona conceitos estabelecidos e estimula uma reflexão profunda sobre a interação entre tecnologia, poder e existência. Em essência, sua visão abraça uma perspectiva niilista da natureza da técnica, destacando a substituição do poder das antigas divindades sobre a humanidade pela influência do poder da dominação técnica exercido pelas tecnologias em escala global.

1.5. “Técnica” e “Tecnologia”: a perspectiva dos Filósofos Italianos

As seções 1.4.1. e 1.4.2. mostram a riqueza da FdT italiana. Antes de avançar no sentido trazido pela obra de Galimberti, convém apontar ocasionais variações nos sentidos das palavras *tecnica* [“técnica”] e *tecnologia* [“tecnologia”] no idioma italiano, com vistas a compreender nuances conceituais do debate filosófico sobre a tecnologia naquele país. Para tanto, recorreremos à *Enciclopedia Italiana di scienze, lettere ed arti - Treccani* e a Chiodo e Schiaffonati (2021).

A enciclopédia Treccani (2023), aponta dois sentidos de *tecnica*. Ambos trazem um significado antropológico: um ligado mais às artes e, o outro, mais ligado às reflexões oriundas de estudos da técnica e da ciência, procurando de certa forma uma delimitação entre elas.

O outro significado mais notável que o conceito de ‘técnica’ assumiu no campo da filosofia também depende dessa abrangência ainda indiferenciada em relação à posterior distinção entre teoria e prática, que foi vista como pertencente ao antigo conceito de *τέχνη*. De fato, para aqueles que pressupõem essa distinção como algo válido em última instância, e consequentemente veem na ciência - em seu sentido mais amplo de investigar tudo o que pode ser experimentado - uma consideração puramente teórica da realidade, claramente distinta de operar sobre ela, a técnica, como forma de aplicação do conhecimento científico ao domínio prático da própria realidade, vem a se apresentar como algo intermediário entre a teoria e a prática, que, não podendo se resolver completamente nem em uma nem em outra, requer uma consideração em si. Assim nasceu a ‘filosofia da tecnologia’, cujo desenvolvimento é também favorecido pelo fato de que, sob o aspecto deste problema, aquele, mais particularmente gerado pela investigação dos economistas, da progressiva mecanização do trabalho e, portanto, da intervenção cada vez maior da tecnologia na organização do mundo moderno. Por outro lado, para aqueles que compreenderam que a ‘ciência’ nunca é pura contemplação teórica de uma verdade, mas sim experiência concreta do passado que pode ser explorada para dominar o futuro, é óbvio que o problema da ‘técnica’, neste segundo significado, é resolver-se sem resíduo no da própria ciência (Treccani, 2023).

Em relação à palavra italiana tecnologia, Treccani (2023) aponta para um significado aplicado às ferramentas desenvolvidas através de processos técnico-científicos:

Setor de pesquisa multidisciplinar com o objetivo de desenvolver e aplicar ferramentas técnicas, ou seja, aplicáveis à solução de problemas práticos, à otimização de procedimentos, à tomada de decisões, à escolha de estratégias voltadas para dados objetivos, com base no conhecimento científico, incluindo matemática e ciência da computação. [...] diz respeito à utilização ótima, também e sobretudo do ponto de vista econômico, das técnicas, procedimentos e conhecimentos técnico-científicos avançados num dado setor, e o conjunto de elaborações teóricas e sistemáticas aplicáveis ao planejamento e racionalização da intervenção produtiva (Treccani, 2023).

Compreende-se, então, que há uma diferenciação nos significados de *tecnica* e *tecnologia*, fato destacado por Chiodo e Schiaffonati (2021) ao comentarem os termos usados por filósofos italianos da tecnologia. Elas apontam que a palavra mais utilizada pelos filósofos italianos da geração mais antiga, àqueles ligados às humanidades, seria *técnica*. Com isso, eles buscariam compreender o comportamento humano diante do fenômeno técnico e, principalmente, no que se refere também no uso e na fabricação de artefatos simples:

... a palavra *tecnica* geralmente significa algo mais simples. Significa um artefato técnico mais simples, que não envolve necessariamente qualquer metodologia científica na sua concepção e desenvolvimento. Pode até expressar uma maneira simples de fazer algo (Chiodo e Schiaffonati, 2021, p. 3).

Já os filósofos italianos das gerações mais recentes, mais alinhados à abordagem analítica, procuram utilizar a palavra *tecnologia*. Presumem, assim, uma integração entre a construção de artefatos e o uso de conhecimentos científicos:

... a palavra *técnica* é substituída pela palavra *tecnologia* para justificar, também do ponto de vista terminológico, essa mudança de perspectiva. Nessas contribuições, o objeto de estudo requer competências científicas e tecnológicas, bem como metafísicas e históricas. Isso significa que a própria prática da filosofia da tecnologia está se afastando de uma reflexão majoritariamente solitária, para alcançar um trabalho mais colaborativo, incluindo interações com cientistas e tecnólogos (conforme nossa própria experiência de filósofos trabalhando em uma universidade técnica) (Chiodo e Schiaffonati, 2021, p. 3).

Como evidenciado, na FdT há uma diferença semântica e conceitual entre “técnica” e “tecnologia”⁶. Essa distinção semântica ganha ainda mais relevância ao explorarmos a obra de Umberto Galimberti. Como será visto nas próximas páginas, *Psiche e techne* tematiza a dominação da vida humana pela técnica, portanto, realiza uma crítica das interações entre humanos e tecnologia.

⁶ Observa-se que, no idioma italiano, as duas palavras possuem as mesmas denotações que encontramos em português. Para os empregos de “técnica” e “tecnologia” em nosso idioma, recorremos ao arquiteto brasileiro Ruy Gama (1928-1996), que em *A tecnologia e o trabalho na história* (1986) buscou compreender o emprego e a utilização daquelas palavras. Segundo ele, “técnica” corresponde a “um conjunto de regras práticas para fazer coisas determinadas, envolvendo a habilidade do executor e transmitidas verbalmente, por exemplo, no uso das mãos, dos instrumentos e das máquinas” (Gama, 1986, p. 168). Já “tecnologia”, ele diz, “compreende o estudo sistemático dos instrumentos, das ferramentas e das máquinas empregadas nos diversos ramos da técnica, dos gestos e dos tempos de trabalho e dos custos, dos materiais e da energia empregada [...] também na comunicação desses conhecimentos pelo ensino técnico” (Gama, 1986, p. 39).

CAPÍTULO II - A TÉCNICA COMO UM ABSOLUTO DA CONDIÇÃO HUMANA

2.1. Idade da Técnica: a perspectiva de Galimberti

Umberto Galimberti é um filósofo e psicanalista italiano. Nasceu em 1942 na cidade de Monza, Itália. Sua biografia é marcada por um profundo engajamento nos estudos entre as complexas interações da técnica com o desenvolvimento da psique humana.

Galimberti é graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Milão em 1965. Atua como professor titular de História da Filosofia e Psicologia Geral da Universidade Ca' Foscari de Veneza. É também membro ordinário da Associação Internacional para Psicologia Analítica⁷. Frequentou, concomitantemente, ao final de sua graduação, a Universidade da Basileia, em 1963, na Suíça, onde conheceu Karl Jaspers (1883-1969). O pensador o estimulou a investigar mais tarde as interconexões entre a psicopatologia e a filosofia. Em seguida, tornou-se seu aluno-discípulo, dedicando-se à tradução e à divulgação, em italiano, de obras do psiquiatra e filósofo alemão-suíço⁸. O italiano também traduziu obras do filósofo alemão Martin Heidegger⁹ (1889-1976) (Galimberti, 2017).

Expandindo suas reflexões para além dos domínios acadêmicos Galimberti se comunicou com o público em geral através de várias publicações em jornais, revistas, encontros, congressos além de participações em programas de rádio e televisão italianos. Atualmente, escreve colunas sobre sociedade, educação e cultura para o jornal italiano *La Repubblica*¹⁰. O filósofo italiano tem ainda várias obras¹¹ publicadas, sendo que algumas delas

⁷ A Associação desempenha importante papel nos estudos, desenvolvimento e disseminação internacional da Psicologia Analítica. Associação Internacional de Psicologia Analítica. Disponível em: <https://iaap.org/>.

⁸ Galimberti traduziu as seguintes obras de Jaspers: *Sulla verità (raccolta antologica)* [Sobre a verdade (coletânea antológica)] (1970), *La fede filosofica* [A fé filosófica] (1973) e *Filosofia* (1978).

⁹ Galimberti também traduziu obras e escritos de Martin Heidegger, destacando-se: *Sulla verità (raccolta antologica)* [Sobre a verdade (coleção antológica)] (1970) e *Sull'essenza della verità* [Sobre a essência da verdade] (1973).

¹⁰ Galimberti escreve periodicamente sobre temas relacionados à filosofia, psicologia e questões culturais e sociais que movimentam a opinião pública italiana. Disponível em: www.repubblica.it.

¹¹ Algumas obras de Galimberti: *Heidegger, Jaspers e il tramonto dell'Occidente* (1996); *Linguaggio e civiltà. Analisi del linguaggio occidentale in Heidegger e Jaspers* (1977) e (1984); *Psichiatria e fenomenologia* (1979) e (1999). *Il corpo. Antropologia, psicoanalisi, fenomenologia* (1983) e (2002); *La terra senza il male. Jung: dall'inconscio al simbolo* (1984) e (2001); *Invito al pensiero di Martin Heidegger* (1986). *Gli equivoci dell'anima* (1987) e (2001); *Psiche e techne. L'uomo nell'età della tecnica* (1999). *La lampada di Psiche* (2001); *I vizi capitali e i nuovi vizi* (2003); *Il tramonto dell'Occidente nella lettura di Heidegger e Jaspers* (2005); *Filosofia e biografia* (2005); *La casa di psiche. Dalla psicoanalisi alla pratica filosofica* (2005); *L'ospite inquietante. Il nichilismo e i giovani* (2007); *La morte dell'agire e il primato del fare nell'età della tecnica* (2008); *L'uomo nell'età della tecnica* (2011); *Eros e psiche* (2012); *Giovane, hai paura?* (2014); *L'usura della terra* (2014). *Storia dell'anima* (2015); *La parola ai giovani. Dialogo con la generazione del nichilismo attivo* (2018); *Nuovo Dizionario di Psicologia, Psichiatria, Psicoanalisi, Neuroscienze* (2018); *Avventure e disavventure della verità* (2018); *Freud, Jung e la psicoanalisi* (2019); *Heidegger e il nuovo inizio. Il pensiero al tramonto dell'Occidente* (2020); *Il libro delle emozioni* (2021); *Le parole di Gesù* (2023).

podem ser lidas em francês, espanhol, alemão, grego, japonês, esloveno, sérvio e português¹² (Galimberti, 2017; Junges e Machado, 2014).

Como autor de diversos livros, Galimberti combinou em suas obras a pesquisas filosóficas com análises sutis das implicações éticas e existenciais que as inovações tecnológicas têm sobre a vida humana. O seu pensamento inspira perspectivas sobre a interseção entre o homem e a máquina, estimulando reflexões profundas no papel transformador da técnica na vida humana. Em particular, Galimberti se dedica ao entendimento dos efeitos da técnica na identidade, cultura e na sociedade em geral, explorando questões filosóficas fundamentais em um mundo cada vez mais permeado pela técnica e pelos aparatos tecnológicos.

Este trabalho busca exatamente tratar das contribuições de Umberto Galimberti e sua perspectiva sobre a técnica. Nesse sentido, analisar-se-á a obra *Psiche e techne: L'uomo nell'età della tecnica* (1999), traduzida para a língua portuguesa como *Psiche e techne: o homem na idade da técnica* (2006). O primeiro passo consistirá em abordar como ele emprega as palavras *Técnica* e *Tecnologia*. Para tanto, buscar-se-á estabelecer um paralelo entre a abordagem adotada por Galimberti (2006) e aquelas abordagens presentes nos estudos sobre a FdT italiana mapeadas por Chiodo e Schiaffonati (2021). Tal passo parece valioso para a compreensão da grande tese galimbertiana de: *Técnica como Absoluto da condição humana*.

2.2. “Técnica” e “Tecnologia” em *Psiche e techne*

Galimberti (2006) entende que a técnica manifesta-se como uma essência do homem à medida em que esse vive ligado às questões de funcionalidade e de eficiência dos meios e dos materiais. Dessa forma, diz o filósofo italiano: “[com] o termo *técnica* entendemos tanto o universo dos meios (as *tecnologias*), que em seu conjunto compõem o aparato técnico, quanto a racionalidade que preside o seu emprego” (Galimberti, 2006, P. 9).

A reflexão de Galimberti (2006) nos permite dizer que os artefatos são aparatos tecnológicos produzidos e utilizados pelo homem com objetivos de ação para resolução de problemas humanos. Segundo ele, na busca por uma ação eficiente “o homem, para viver, é obrigado a construir um conjunto de artifícios (ou *técnicas*) capazes de suprir a insuficiência desses códigos naturais que, para os animais, são os instintos” (Galimberti, 2006, P 76). Então, torna-se evidente que, para Galimberti (2006), são os artefatos concebidos e criados pelos

¹² Obras de Galimberti disponíveis em português: *Rastros do sagrado* (2003), do original *Orme del sacro*; *Os vícios capitais e os novos vícios* (2004), do original *I vizi capitali e i nuovi vizi*; *Coisas do amor* (2009), do original *Le cose dell'amore*; e *Dicionário de Psicologia* (2010) de *Dizionario di psicologia*.

indivíduos por meio da técnica que conferem a si um vasto universo de meios ou tecnologias que destinam-se, então, à transformação do mundo humano.

Galimberti (2006), ao analisar as passagens de Aristóteles em *Metafísica*, descreveu que se “estabelece um nexo entre memória, experiência, ciência e *técnica*; é dito que sem memória não é possível a experiência, e sem experiência não é possível nem a ciência nem a *técnica*” (Galimberti, 2006, p. 95). Dessa maneira, o italiano afirmou:

No âmbito do agir, a experiência não parece divergir em nada da técnica; ao contrário, aqueles que são dotados de experiência são mais bem-sucedidos do que aqueles que possuem somente uma teoria geral sem uma adequada experiência. A razão está no seguinte: a experiência é conhecimento do particular, ao passo que a técnica é conhecimento universal, e todas as atividades práticas e produtivas, referem-se ao particular (Galimberti, 2006, P. 95).

A partir dessa perspectiva aristotélica, Galimberti (2006) compreendeu que a experiência de ações é o princípio de nascimento da técnica, pois essa “torna-se memória das ações bem-sucedidas, a qual, ao se consolidar, permite ter aquela força (*dýnamis*) sobre o mundo que Aristóteles chama de *téchne*” (Galimberti, 2006, P. 95-96). Sendo assim, o saber trazido pela ação, de acordo com o italiano, só é possível sobre o mundo experimentado e organizado, ressaltando:

A alma, o saber, a *epistémē* são, pois, devedores do corpo, da ação, da *téchne*. Isso significa conhecer aquilo que *pode* ou *pôde* fazer, e assim como seu conhecimento limita-se ao que ele construiu, ao homem não é possível saber sem um antecedente poder. A técnica desenha, então, o horizonte cognoscível, que se estende até onde se estendeu a ação (Galimberti, 2006, p. 96).

Ainda no contexto de *Psiche e techne*, Galimberti (2006) utiliza a palavra (no original) *tecnica*, e não *tecnologia*, em suas reflexões ontológicas sobre as questões fundamentais da FdT. Isso indica que o filósofo italiano busca pelas raízes da técnica no pensamento ocidental, passando por pequenos comparativos, inclusive, com a filosofia oriental. Portanto, segundo Galimberti (2006), o pensamento sobre a técnica é uma questão anterior às questões sobre a tecnologia: não se exige qualquer conhecimento científico para pensar a técnica, apenas um poder prático e eficiente em modificar o meio através de uma ação.

A partir do que vimos sobre o uso galimbertiano de *técnica* e *tecnologia* em *Psiche e techne* é possível situar o filósofo italiano, seguindo a abordagem de Chiodo e Schiaffonati (2021), no contexto daquela primeira geração (ou geração mais antiga) de filósofos da tecnologia italianos. Afinal, o autor buscou responder às questões do problema da técnica

utilizando ferramentas ontológicas e metafísicas. Todavia, é nítida a exclusão de Galimberti no referido estudo sobre a FdT italiana: isto é, não há em Chiodo e Schiaffonati (2021) quaisquer menções ou apontamentos a ele, ou sobre suas reflexões e perspectivas sobre técnica e tecnologia. Diante disso, volta-se ao pensamento de Galimberti (2006), especialmente para a obra *Psiche e techne*, tendo como objetivo explicitar como o autor compreende os efeitos do fenômeno técnico sobre a vida humana e, ao final, a interface de sua tese com a Educação na Idade da Técnica.

2.3. A simbologia da técnica galimbertiana: incompletude humana e acesso ao mundo

Psiche e techne aborda a técnica como uma característica inerente à espécie humana. Na obra, a técnica é apresentada como o ambiente pelo qual o homem acessa o mundo ao seu redor, e a partir da técnica os indivíduos então constroem um mundo ideal para si, procurando superar as suas inaptidões instintivas perante a natureza. Assim, ao procurar desvendar o fenômeno da técnica como uma atitude essencial para sobrevivência do homem, em um mundo hostil, Galimberti (2006) focalizou a amplitude ontológica da técnica. Então, buscou as origens da técnica ainda no pensamento grego arcaico, através da mitologia prometeica, demonstrando a simbologia caucasiana¹³ na manifestação da técnica. Importante notar que, ao estudar o mito prometeico, ele procurou iluminar a relação entre a técnica e a cultura.

A técnica antiga não era inquietante, porque não era capaz de ultrapassar a ordem da natureza, que o pensamento mítico e filosófico colocava sob o selo da *Necessidade*. Esta era mais forte do que a *técnica divina* de Zeus, que acorrenta Prometeu servindo-se dos instrumentos de Efesto, e do que a *técnica humana*, que Prometeu havia doado aos mortais para tirá-los da sua condição indefesa (Galimberti, 2006, p.31).

Na visão de Galimberti (2006), o segredo de Prometeu reside na capacidade de vislumbrar o advento de uma nova era, na qual a técnica e a racionalidade técnica tornam-se a força motriz da história. A queda dos deuses não teria se dado pela intervenção de outras divindades, mas pelo próprio declínio de sua sabedoria e poder. Assim, Galimberti explica como Zeus, ao perder o vínculo essencial entre “ciência e força” (Galimberti, 2006, p.55),

¹³ Referente à região do Cáucaso, divisa da Europa Oriental com a Ásia Ocidental. Sobre o mito de Prometeu Galimberti remonta à cena “sobre o Cáucaso, onde uma águia, enviada por Zeus, rói o fígado de Prometeu, fígado que em seguida se reconstitui, o que eterniza o suplício. A culpa de Prometeu foi ter ensinado aos homens a técnica, transformando-os, ‘de crianças que eram, em seres [racionais] e senhores da própria mente’” (Ésquilo, *Prometeu acorrentado*, v. 443-444 *apud* Galimberti, 2006, p. 29)

desencadeia uma crise - que ecoa na reflexão filosófica - sobre o papel da tecnologia na construção do mundo moderno.

O segredo de Prometeu, que vê por antecipação, é a queda dos deuses e da visão mítica do mundo, incapaz de prefigurar a história que virá com a inauguração da técnica. Zeus não será destituído por outra divindade, como sempre ocorreu no escansão mitológica da sucessão dos deuses, mas perderá ele próprio o poder porque não há sensatez em suas decisões, não há aquele laço entre “ciência” e “força” que, como vimos, é o nexa constitutivo do agir técnico (Galimberti, 2006, p.55).

Desta maneira, a narrativa mitológica de Prometeu e Zeus leva a uma reflexão profunda sobre o papel da técnica, não apenas como um conjunto de habilidades práticas, mas como uma força que redefine a própria natureza da existência humana. A derrocada de Zeus como força dominadora, como mencionado por Galimberti (2006), não é simplesmente resultado da superioridade técnica de Prometeu, afinal, Zeus também possui suas próprias habilidades técnicas. É, sobretudo, resultado das capacidades de previsão e antecipação.

Diante disso, Galimberti (2006) ressalta que, aquilo que realmente determina a mudança radical é uma transformação antropológica que se desenrola por meio de uma nova compreensão do tempo, para uma visão que transcende o entendimento mítico. Dessa forma, a capacidade de prever o futuro, não somente no sentido de antever, mas no sentido de moldá-lo ativamente, é o verdadeiro poder da técnica. Isso revela, para o italiano, a profundidade da simbologia prometeica e a influência do tempo como um elemento-chave na revolução tecnológica e cultural que se desdobra no ocidente, refletindo:

Não é, pois, a técnica que derrota Zeus, que também dispõe de técnicas, mas essa invisível transformação antropológica decidida por uma nova e radicalmente diferente visualização do tempo, sem a qual o próprio dom da técnica não teria nenhuma relevância. Prometeu sabe disso e guarda o segredo. Por isso pode dizer: “Eis o sinal de que o meu pensamento vislumbra mais do que aquilo que vê” (Galimberti, 2006, p. 57).

A transformação antropológica impulsionada pela técnica, de acordo com Galimberti (2006), não é apenas uma revolução técnica. Ela é, também, uma reconfiguração da nossa relação com o tempo. Nesse sentido, longe de ser um mero depósito do passado, a memória torna-se uma força dinâmica que lança as finalidades humanas nas transações do tempo.

Segundo Galimberti (2006), a noção de tempo como um projeto humano contrasta com a visão cíclica da natureza, e isso é essencial para a compreensão da capacidade humana de antecipar, planejar e moldar o futuro. A visão projetual do tempo, como apontada por pelo filósofo italiano, não só antecipa a morte como um desespero fatídico, mas também transcende a tranquilidade do ciclo natural, em que tudo ocorre de acordo com a necessidade. Essa reflexão

leva o homem a questionar profundamente a natureza da esperança, da expectativa e da liberdade em um mundo moldado pela técnica.

A corrente da memória, que vê o passado não com os olhos da saudade, mas com o olhar percorrido pela intenção futura, lança na trama do tempo – que não é mais ciclo da natureza, mas projeto do homem - o desdobramento dos desígnios humanos, que o agir técnico concatena tendo em vista um futuro que ultrapassa o destino de cada um dos seres vivos destinados à morte. Tempo projetual quer dizer também isto: antecipação da morte como desespero, para além da tranquilidade do ciclo, onde tudo acontece segundo a necessidade, sem esperança e sem expectativa (Galimberti, 2006, p. 58).

Ao explorar as complexas conexões entre a memória e a busca pela felicidade Galimberti (2006) revelou um aspecto fundamental da experiência humana: a memória. Ela, ao revelar o passado, conecta os humanos às suas origens, além de confrontá-los com a inevitabilidade da morte. Essa dualidade, entre a consciência de ser ao mesmo tempo aberto ao sentido e também destinado à morte, define, para filósofo monzino, a natureza trágica da existência humana. Consequentemente, a memória desempenhará um papel ambivalente, pois abre para os humanos o sentido mesmo da vida, ao mesmo tempo também lhes recorda que são abertos para o vazio. Explorando mais a fundo essa complexa relação, Galimberti (2006) descreveu que:

De fato, a presença da memória expõe o homem à procura de uma felicidade que não pode excluir a abertura para o sentido, sendo essa abertura, dilatando-se para frente e para trás, situa homem entre o nascimento e a morte; também o animal está situado entre esses dois limites, mas não tem consciência disso, portanto, não vive a dimensão trágica de ser ao mesmo tempo aberto ao sentido e destinado à morte, que é a implosão de todo sentido. O trágico é, pois, elemento constitutivo do homem, a quem a memória, depois de tê-lo aberto para o sentido lhe recorda que é aberto para o nada (Galimberti, 2006, p. 60).

Galimberti (2006) enfatizou a promessa da técnica de desafiar o modelo biológico de crescimento, maturidade e envelhecimento que leva à morte. Para ele, essa “cega esperança” (Galimberti, 2006, p.62), oferecida por Prometeu e pela técnica, sugere a possibilidade de transcender a temporalidade cíclica da natureza. Nesse sentido, de acordo com o autor de *Psiche e techne*, a técnica, à primeira vista, parece capaz de *resistir aos efeitos do tempo*, distinguindo-se de outros eventos humanos, e revelando um elemento permanente e progressivo na sucessão das mudanças. Esse progresso, no entanto, desafia a transitoriedade e finitude inerentes à existência humana, levando à consideração de um fim que só pode ser imaginado como uma espécie de autodestruição e de morte, em contraste com a morte natural que faz parte do inevitável ritmo da natureza humana.

A ‘cega esperança’ que, junto com a técnica, Prometeu doa ao homem é a ideia de uma vida não mais regulada pelo modelo biológico, no qual o crescimento e a maturidade levam inevitavelmente à senescência e à morte. Anunciando-se como ruptura com a temporalidade cíclica da natureza, a técnica, de fato, dá facilmente a impressão de poder resistir aos efeitos do tempo e, diferentemente de todos os eventos humanos, de não estar submetida à consumação do devir, mas de desvelar, na sucessão das mudanças, aquele algo permanente que, crescendo a partir de si mesmo, é reconhecível como progresso. Um progresso que se afirma para além de qualquer transitoriedade e finitude, e cujo fim só pode ser imaginado na perspectiva de sua explosão, portanto na perspectiva do suicídio da *morte pelas próprias mãos*, não da *morte natural* que cabe a quem está irremediavelmente entregue ao ritmo invencível da natureza (Galimberti, 2006, p.62).

A técnica em seu cerne é uma extensão da racionalidade humana, que de acordo com Galimberti (2006), torna-se o ambiente que permite aos humanos exercerem controle sobre o mundo ao seu redor e sobre si mesmos. É através da técnica que os indivíduos buscam aliviar o seu sofrimento e melhorar a qualidade de suas vidas. Nessa perspectiva, a técnica é uma manifestação do desejo humano de superar as limitações e alcançar um estado de existência mais elevado.

Doando a técnica aos homens, Prometeu transforma-os, ‘de crianças que eram, em seres racionais [*énnois*] e patrões da própria mente [*phrenôn epebólous*]. A técnica, então, é pensada pelo grego como aquela racionalidade que permite, a quem é senhor da própria mente, afastar a dor, esse elemento inútil que perturba quem delira, quem não sabe dispor da própria mente. A técnica, portanto, é a racionalidade, e a razão é uma técnica para pôr fim à dor (Galimberti, 2006, p. 65)

A reflexão de Galimberti (2006) sobre o fortalecimento da relação causal e sua conexão com a ideia de destino, abre caminho para uma consideração sobre a origem da busca por causas e, portanto, a expressão da técnica como uma defesa contra a imprevisibilidade do próprio destino. De acordo com o italiano, à medida que o valor da relação causal é consolidado, a busca por causas é, intrinsecamente, ligada à prática técnica, e surge como uma tentativa de enfrentar a imprevisibilidade do destino.

O determinismo causal, mais moderado, mostra semelhanças com a ideia de destino. Desse modo, Galimberti (2006) entende que o destino revela-se como um sistema que não projeta, não demonstra preferências, não tem objetivos futuros, mas perpetua um presente que repete a si mesmo, obedecendo a leis que parecem não admitir exceções ou revogações.

A análise de Galimberti (2006) revela uma visão perspicaz sobre como a busca por causas e a expressão da técnica surgem como meios de mitigar a imprevisibilidade inerente ao curso natural do destino humano, conforme observado por ele:

Se é possível levantar uma hipótese a respeito da origem da ideia de destino, a partir da ignorância das causas, com o fortalecimento do valor da relação causal é possível pensar que a busca das causas, na qual se expressa a técnica, é uma defesa contra a imprevisibilidade do destino. No fundo, o determinismo causal apresenta as mesmas características do destino. É cego e não realiza projetos, não odeia nem favorece os homens, não têm objetivos futuros, mas ultrapassa o passado e o futuro num presente que repete a si mesmo, obedecendo a uma lei que não conhece revogações nem exceções (Galimberti, 2006, p. 66).

Segundo Galimberti (2006), a técnica é vista como uma ferramenta para antecipar o futuro a partir de uma conexão com o presente, ganhando destaque, também, como forma de escapar da dor. A previsão apresenta-se como um instrumento poderoso na busca por modulações do futuro a partir das ações no presente, de maneira a estabelecer uma correspondência entre os efeitos e a culpa, segundo uma noção de justiça. Diante disso, o italiano entende que a técnica oferece um caminho para antecipar e controlar eventos futuros. Além, também, de posicionar-se como algo que assegura uma espécie de equilíbrio entre a ação presente e as suas consequências, envolvendo a noção de responsabilidade e justiça. Assim, para ele, “da dor se sai com a técnica da *previsão*, que antecipa o futuro a partir da sua conexão com o presente, de modo que o efeito corresponda à culpa, segundo a justiça” (Galimberti, 2006, p. 70).

Galimberti (2006) explorou a relação entre a técnica, a mitologia grega (especificamente o mito prometeico) e a natureza humana. Destacando, principalmente, como a técnica tornou-se fundamental para a existência humana, pois permitindo aos indivíduos o acesso e a transformação do mundo, superando as limitações instintivas biológicas perante a natureza.

A análise de Galimberti (2006) do mito prometeico evidencia a supremacia técnica e, também, uma transformação antropológica que vai além da compreensão mítica do tempo conhecido. Ele mostra como a técnica reconfigurou a percepção do tempo, da memória e da busca pela felicidade, confrontando a dualidade da existência humana entre a busca por significado e o destino inevitável da morte. O autor italiano ressalta a esperança e a promessa da técnica de desafiar o ciclo natural de vida e morte, oferecendo a possibilidade de transcender a temporalidade cíclica.

Na antiguidade, a técnica era vista como uma extensão da racionalidade humana, conforme destacado por Galimberti (2006). Ela possibilitava o controle sobre o ambiente e a procura por soluções para enfrentar a imprevisibilidade do destino. A transformação de paradigma ocorre com o surgimento do domínio técnico pelos médicos da escola de Kós, narrada pelo autor italiano:

preparado pela tragédia grega, terá início a primeira técnica, a de Hipócrates e dos médicos da escola de Kôs, que, promovendo esse pensamento que procede por nexos e consequências, será um paradigma para todas as técnicas. De fato, não existe remédio para a dor se esta escapa à compreensão do homem, ficando envolta no âmbito imperscrutável de deus. Desse modo, a técnica se repropõe como figura da racionalidade, e a razão, como técnica para remediar a dor (Galimberti, 2006, p. 70-71).

Em resumo, ao explorar a simbologia do fenômeno da técnica no Ocidente, Galimberti (2006) examinou a interação entre técnica, mitologia, tempo, memória e ética, evidenciando que a técnica transcende a mera habilidade prática, tornando-se uma força que reconfigura a natureza da experiência humana e seu vínculo com o mundo.

2.4. A fenomenologia da técnica galimbertiana: a transformação dos meios em fins

Na sua análise da fenomenologia da técnica, Galimberti (2006) explora a interseção entre a filosofia e a técnica, examinando como essa última influencia e, também, é influenciada pela experiência humana. Essa abordagem implica na compreensão dos aspectos práticos ou funcionais da técnica e dos aparatos tecnológicos, bem como suas implicações filosóficas e psicológicas sobre o ser humano.

A experiência subjetiva dos indivíduos em relação à técnica influencia, de acordo com Galimberti (2006), a percepção das coisas, das relações sociais e da própria identidade humana. Dessa maneira, a fenomenologia da técnica é uma análise das interações entre o homem e a técnica, observando não somente o objeto técnico em si, mas como este objeto é interpretado, vivido e integrado à própria experiência humana.

Com o propósito de compreender não apenas os aspectos exteriores e funcionais da técnica, mas sobretudo os aspectos subjetivos, ou seja, como as pessoas experimentam, interpretam e integram a técnica e as tecnologias em suas vidas, é o que torna essencial entender o fenômeno da técnica na vida dos indivíduos.

Segundo Galimberti (2006), a fenomenologia da técnica é uma abordagem que procura explorar a subjetividade humana e o mundo técnico com análise dos impactos da técnica na consciência, percepção e cultura humana. A compreensão da relação entre a ação humana e a técnica desempenha um papel primordial na *Filosofia da Técnica* galimbertiana. Para tanto, o italiano descreve que a técnica não só capacita a ação, mas introduz também uma dimensão de racionalidade que molda a interação humana com o mundo.

Na visão galimbertiana está presente a ideia de que a técnica inaugura um modo de agir, que busca atingir objetivos específicos por meios calculados, avaliados tecnicamente e previamente estabelecidos. De acordo com Galimberti (2006), essa perspectiva coloca o homem

como o agente da ação, enquanto a técnica é concebida como uma ferramenta à disposição do indivíduo. Esse entendimento não só enfatiza a instrumentalidade da técnica, mas também a forma como ela guia e molda a própria noção de racionalidade no exercício das ações humanas.

No universo das ações possíveis, a técnica inaugura esse agir em conformidade com um objetivo que é reconhecido como o traço típico da racionalidade, cujo proceder não é regulado pelo arbítrio, mas pelo cálculo, que avalia a adequação dos meios aos fins prefixados. Nesse quadro, em que nos propomos fins a serem alcançados com oportunos meios aos fins prefixados [...] se visualiza o homem como sujeito da ação e a técnica como instrumento à sua disposição (Galimberti, 2006, p. 265).

A inversão de prioridades demonstra, para o filósofo italiano, a maneira como a técnica pode afastar-se, paradoxalmente, de sua finalidade inicial de servir às necessidades humanas. Colocando-se, assim, em uma espécie de pedestal, esse local onde ela própria é vista como o objetivo maior a ser alcançado, mesmo às custas de realização das demandas mais fundamentais da sociedade.

Assim, por exemplo, se a técnica se tornasse, como parecer ter ocorrido, a condição universal (meio), para produção dos bens e para a satisfação das necessidades (fim), o alcance de um adequado aparato técnico se torna o primeiro fim, para consecução do qual, se for necessário, sacrifica-se até a produção dos bens e a satisfação das necessidades (Galimberti, 2006, p. 265).

O sutil deslocamento, porém significativo, da técnica como um fim em si mesma, evidencia a sua autonomia em relação às necessidades humanas como os desejos e as motivações subjacentes à ação. De acordo com Galimberti (2006), nessa situação a técnica assume um papel predominante ao posicionar-se como uma necessidade primária e, também, como um desejo maior e o motivo centralizador no direcionamento das ações humanas.

Para o italiano, essa mudança tênue, mas crucial, ilustra a transformação da técnica de um meio para tornar-se o próprio *objetivo final*. Esse redirecionamento da técnica como um fim maior demonstra a dependência entre a realização de inúmeros fins e a instrumentalização técnica. Isso pode conduzir um questionamento ético e social sobre o papel predominante da técnica na orientação das atividades humanas, descrito assim pelo autor:

É esse o modo pelo qual a técnica se transforma *meio* em *fim automatizando-se* em relação às necessidades, aos desejos e aos motivos que estão na base da ação humana, coloca-se como a primeira necessidade, o primeiro desejo e o primeiro motivo a orientar a ação humana. Desse modo, de meio universal para a consecução de qualquer fim, a técnica se transforma em fim, a técnica se transforma em fim supremo, para qual o convergem as infinitas séries de fins, que se dobram a esse *meio*, porque desse meio depende a sua realização (Galimberti, 2006, p. 266).

O pensamento sobre a evolução da técnica nos leva a considerar o quanto ela tornou-se independente em relação às suas finalidades. Galimberti (2006) aponta que a técnica estabelece uma regra objetiva, ou uma *razão instrumental*, na qual a eficiência torna-se o critério determinante das ações a serem realizadas, das realidades a serem criadas e daquelas que são descartadas por não se adequarem ao padrão de eficiência do aparato técnico.

A ênfase na eficiência é vista pelo italiano como princípio regulador que subordina todas as outras subjetividades à lei da racionalidade instrumental. Esse fenômeno de autonomia da técnica e sua capacidade de influenciar e, até mesmo, determinar a escolha das ações a serem executadas, bem como a criação de realidades possíveis, transformando a eficiência em um critério decisivo é o que modula o curso das ações e das inovações tecnológicas. Galimberti (2006) destaca que:

a técnica se torna autônoma em relação a todas as finalidades subjetivas, e as submete a si; desse modo, impõe a sua lei objetiva, a que todas as subjetividades se subordinam. Essa lei leva o nome de razão instrumental, cujo princípio regulador é a eficiência, que vale como critério seletivo das ações a serem realizadas em relação às que não serão realizadas, das realidades que deverão ser criadas (*efficio*) em relação às que não serão criadas, porque incompatíveis com grau de eficiência do aparato técnico, ou simplesmente porque não adequadas ao emprego desse aparato” (Galimberti, 2006, p. 266).

Compreender o fenômeno da técnica pode conduzir os humanos a revelar seus aspectos positivos, assim também, como às suas nuances negativas que têm influência no critério de liberdade humana. Para Galimberti (2006) a capacidade negativa da técnica de aprisionar o homem na ilusão da liberdade está intrinsecamente relacionada à sua autonomia, que opera independentemente do senso e do discernimento sábio que, segundo o mito prometeico, seriam prerrogativas divinas de Zeus, e posteriormente, são atribuídas ao domínio da técnica política. Nesse ponto crucial, o autor italiano não indica a falta de racionalidade na técnica, mas sim, que a *racionalidade instrumental se limita a gerenciar a eficácia dos meios para alcançar determinados objetivos, sem com isso influenciar a determinação dos próprios objetivos*. Essa determinação é atribuída, então, à “sabedoria (*phrónesis*)” (Galimberti, 2006, p. 268): uma capacidade que não é técnica e, portanto, não se insere no âmbito da razão calculista empregada pela técnica. Para o filósofo italiano, tal distinção enfatiza a necessidade de discernir entre a lógica da técnica e a sabedoria humana, enfatizando que a capacidade de escolha dos fins humanos não é um atributo técnico, mas um aspecto da sabedoria humana que transcende a esfera, puramente instrumental da técnica, escrevendo o italiano:

... O aspecto negativo da técnica, a sua capacidade de acorrentar o homem na ilusão da liberdade, está na sua *autonomia*, no seu operar independentemente do *reto*

conselho e do bom uso da sabedoria, que para o mito são prerrogativas de Zeus e, para a filosofia que virá depois, prerrogativas do “político”. Isso não significa que a técnica seja desprovida de razão, mas simplesmente que a técnica só dispõe da razão *instrumental*, que controla a adequação de um meio de determinado fim, mas sem se pronunciar sobre a escolha dos fins. Esse pronunciamento cabe à sabedoria (*phrónesis*), que não é um dispositivo técnico e, por isso, não se enquadra naquela razão calculante mediante a qual a técnica se expressa (Galimberti, 2006), p. 268).

Galimberti (2006) ainda destacou uma mudança significativa na relação entre o homem e o divino desencadeada pelo avanço da técnica. Para ele, a técnica ao proporcionar ao homem a capacidade de realizar aquilo que antes só poderia ser obtido através de súplicas aos deuses, simboliza a emancipação do homem em relação ao sagrado. Essa emancipação, de acordo com o filósofo italiano, é essencial para o desenvolvimento do conhecimento humano, que tem suas raízes no conhecimento prático, ou seja, técnico.

No entanto, essa autonomia da técnica, embora represente um avanço, trouxe consigo um risco de solidão. Essa solidão e independência da técnica escondem, para o homem, um perigo simbolizado pelas correntes que mantêm Prometeu acorrentado à rocha sem nenhuma possibilidade de escapar. A mitologia prometeica demonstra, dessa forma, o perigo intrínseco na dependência excessiva da técnica, representando os desafios e as amarras que a autonomia técnica trouxe aos indivíduos, restringindo-lhe de certa forma a liberdade. Diante dessa reflexão, o italiano levanta questões entre o equilíbrio e a autonomia técnica com a necessidade de preservação da liberdade e da ética humana perante os avanços da técnica.

Com a técnica, o homem se emancipa da divindade, porque obtém por si aquilo que, antes, era obrigado a implorar de deus. O adeus aos deuses marca a origem do saber humano, que nasce como saber técnico, mas só como saber técnico. Nessa *solidão*, nessa *autonomia* da técnica se esconde, para o homem, o máximo risco, bem representado pelas correntes (produto da técnica) que prendem Prometeu à rocha, sem nenhuma possibilidade de escapar (Galimberti, 2006, p. 270).

A discussão sobre a relação entre a técnica e o cuidado de si levanta um ponto fundamental, e novo, sobre a limitação das técnicas instrumentais. Segundo Galimberti (2006), é crucial compreender que a simples posse de habilidades técnicas não é suficiente para orientar ou governar a vida humana. A capacidade técnica de realizar tarefas não oferece por si só a orientação sobre os fins e objetivos para os quais se deve direcionar a existência. Esse vazio na direção da vida, na definição de propósitos, não é preenchido pela técnica instrumental, mas sim por aquilo que o italiano trouxe de Platão chamada de “técnica régia” (Galimberti, 2006, p. 272) ou *técnica política*.

É essa a técnica política, que tem junto ao homem a capacidade de exercer o cuidado de si e direcionar a própria existência, substituindo aquela vigilância divina que historicamente

orientava a vida antes da grande virada prometeica. Sendo assim, o filósofo observa que a sabedoria política e ética são importantes para a orientação das escolhas humanas, evidenciando que a simples posse de conhecimento técnico não é o suficiente para guiar a vida humana de forma significativa. Para ele, é a técnica política que oferece a direção necessária para uma existência plena e responsável:

Esse cuidado ou governo de si não podia ser garantido pelas técnicas instrumentais, incapazes de indicar os fins e os objetivos para os quais orientar a própria vida, mas só por aquela “técnica régia” [*basilikè téchne*] que é a técnica política, capaz de substituir a vigilância divina que existia antes da grande virada (*meghíste metabolé*) (Galimberti, 2006, p. 272).

A compreensão sobre a técnica política como um complemento vital às técnicas instrumentais oferece um olhar mais profundo sobre o que Galimberti (2006) chamou de a “grande culpa” (Galimberti, 2006, p. 272) atribuída a Prometeu. Ele destacou que a verdadeira falha de Prometeu não está no ato de roubar o fogo dos deuses e o oferecer aos humanos, mas sim na sua crença da autossuficiência dessas técnicas para direcionar a vida humana. Nesse sentido, de acordo com Galimberti (2006), a culpa reside na visão equivocada de que as técnicas instrumentais, por si só, poderiam providenciar todo o necessário para guiar a vida humana, quando, na realidade, elas são limitadas em oferecer orientação ética e de significados aos propósitos humanos. Essa culpa, para o autor de *Psiche e Techne*, revela uma falha na compreensão das limitações das técnicas instrumentais e, ao mesmo tempo, destaca a importância da técnica política como um suplemento crucial, provendo a orientação ética necessária para uma vida plena e significativa:

Graças à técnica política, que supre a insuficiência das técnicas instrumentais para o governo de si, é possível remediar a “grande culpa [*examartía*]” de Prometeu, que não consiste tanto no ter roubado dos deuses “o fogo que dá origem a todas as técnicas [*pantéchnou pyròs*]”, mas no ter imaginado a autossuficiência (*authadía*) dessas técnicas para a condução da vida humana (Galimberti, 2006, p. 272).

Em sua análise sobre a emancipação das técnicas em relação ao sagrado, Galimberti (2006) identificou a história da medicina como um ponto de partida fundamental. A medicina foi a primeira técnica a desvincular-se do sagrado, simbolizando um movimento em direção à compreensão racional das causas e tratamentos das doenças. Essa emancipação torna-se clara para o autor com a abordagem de Hipócrates, em que associou o afastamento do divino à superação da ignorância. Esse desligamento do sagrado permitiu uma investigação mais

profunda e racional das enfermidades, como exemplificado na discussão da “doença sagrada” (Galimberti, 2006, p. 275):

A primeira técnica a emancipar-se do sagrado, é de fato, a medicina com tentativa de evitar a morte evitável, aquela derivada da ignorância, cujas raízes afundam no fato de se atribuir ao divino a causa dos eventos. Para Hipócrates, afastar-se do divino equivale a afastar-se da ignorância, e a impiedade, antes que uma revolta contra os deuses, é a condição necessária para se chegar ao conhecimento. Abrindo a discussão sobre a doença sagrada, nome que se dava, na antiguidade, à epilepsia (Galimberti, 2006, p. 275).

Assim, na obra de Galimberti (2006) o critério para a verdade não é somente aquilo que se apresentou até então pela natureza, mas a partir de procedimentos que validem ou não o fenômeno observável. A técnica médica, portanto, veio como forma de aumentar os conhecimentos sobre natureza humana, criando a liberdade para validação dos fenômenos naturais. Acerca disso, escreveu:

Critério de verdade não é mais o desvelar-se da natureza (*alétheia*), mas a correção (*orthôtes*) dos procedimentos que confirmam ou negam (“correto” ou “incorreto”) a validade dos conhecimentos. Assim, a técnica médica inaugura essa nova forma de saber que, ao invés de se limitar à experiência, dela parte para chegar, de um lado, à ampliação do saber e, do outro, à transformação mesma da experiência (Galimberti, 2006, p. 275)

Todavia, Galimberti (2006) aborda uma mudança crucial na concepção do agir intelectual ao longo da história, destacando a transição do mundo das teorias como fim último para um mundo de concepção como um instrumento de ação. Esse novo paradigma, para o italiano, emergiu na época moderna, marcando um afastamento das visões grega e latina, como o objetivo final subordinando o agir prático. Ao invés disso, para o filósofo italiano o pensamento baconiano, exemplificado pelo lema *scientia est potentia*, demonstra uma nova finalidade do conhecimento, orientado às funcionalidades e potencialidades do poder humano.

antes, evidenciam as consequências inscritas nessa virada de perspectiva que se iniciou como a época moderna, quando o agir intelectual, que os antigos gregos chamavam de *theoría*, e os latinos de *contemplatio*, deixou de ser pensado como o *fim último*, a que estaria subordinado o agir prático, e passou a ser visto como *instrumento operacional*. O programa baconiano *scientia est potentia* expressa claramente a destinação do saber e a sua funcionalidade em relação ao poder: possibilidade de fazer e de modificar a natureza, tendo em vista a projetualidade humana (Galimberti, 2006, p. 318).

A mudança de paradigma na era moderna, iniciada por Francis Bacon (1561-1626), motivou Galimberti (2006) a investigar suas origens. Para o autor, esse processo decorre da

gradual substituição do pensamento grego pelas concepções judaico-cristãs, nas quais a dominação do mundo e sua submissão à humanidade são entendidas como parte de um desígnio divino. Isso levou os seres humanos a buscarem as verdades subjacentes aos fenômenos naturais, abandonando a mera contemplação e passando a formular hipóteses testáveis. Escreveu o italiano:

A raiz dessa atitude (moderna) não é grega, mas judaico-cristã. Segundo essa tradição, Deus colocou o homem no mundo a fim de que fosse o seu dominador e, dominando, fizesse obra de verdade. Não mais a verdade na acepção grega de *alétheia*, que significa “desvelamento” das leis imutáveis da natureza, função que cabe à *theoría*, mas a verdade na acepção hebraica de *émet*, que significa “fazer” o que Deus prescreveu para o homem (Galimberti, 2006, p. 319).

Galimberti (2006) demonstrou, ressaltando a transição fundamental entre as concepções grega e hebraica sobre a verdade da era moderna, que enquanto a verdade grega antiga era contemplativa e ancorada na “imodificabilidade da natureza” (Galimberti, 2006, p. 319), a verdade hebraica valoriza a ação no tempo, colocando o fazer acima do contemplar. Esse paradigma operativo possibilitou o avanço do conhecimento científico para dominar a natureza e, também, criou as condições históricas para uma transformação significativa nas condições da vida humana. Essa mudança de perspectiva, destacada pelo autor de *Psiche e techne*, reflete uma nova forma como os seres humanos compreendem o mundo ao seu redor e também uma mudança na própria natureza da busca pelo conhecimento e da relação com a realidade.

Abandonada a verdade grega que se contempla, dentro da imodificabilidade da natureza, a época moderna adota a verdade hebraica, que se faz no tempo, como consequente e indiscutível primado do fazer sobre o contemplar. Um fazer operativo que produz tanto conhecimentos científicos, que permitem o domínio da natureza, quanto às condições históricas para a transformação das condições de vida (Galimberti, 2006, p. 319).

A reflexão de Galimberti (2006) sobre a subordinação do saber ao poder trazida por Bacon, levou-o a buscar em Karl Marx (1818-1883) ênfase na ideia de transformação do mundo, em que ecoa uma mudança fundamental na percepção da verdade e da ação humana. Ao destacar a importância do “fazer a verdade” (Galimberti, 2006, p. 319), ambos os pensadores, o alemão e o italiano, convergem para uma abordagem que prioriza a ação sobre a contemplação.

Ao valorizar o poder de intervenção e a capacidade de moldar ativamente a realidade, Bacon e Marx, na visão de Galimberti, contribuíram para a consolidação da perspectiva

hebraica que colocou o fazer no centro da busca pela verdade e para a construção do conhecimento.

Quando Bacon subordina o saber ao poder, e Marx a contemplação do mundo à sua transformação, ambos, embora sob registros diferentes, reforçam o hebraico “fazer a verdade”, que dá adeus definitivamente ao caráter contemplativo da verdade grega (Galimberti, 2006, p. 319)

A transição para o paradigma mecanicista da natureza enfatizada por Galimberti (2006), trouxe a importância da transformação ou na “tradução da ordem qualitativa numa ordem quantitativa” (Galimberti, 2006, p. 327) como um passo crucial na ascensão do domínio humano sobre o mundo. Ao abandonar as causas primeiras em favor da análise das causas segundas, baseadas em observações empíricas e mensuráveis, a ciência moderna estabeleceu as bases para, no que o filósofo italiano descreveu como o *reino humano*: o *regnum hominis* (Galimberti, 2006, p. 327).

Dessa forma, a mensuração do tempo e a determinação do espaço permitiram uma compreensão mais precisa da realidade e, também, abriram caminho para a plena capacidade de manipulação e controle exercida pela mente humana. Nesse sentido, a concepção mecanicista da natureza reflete uma mudança na maneira como percebemos o mundo e representa também uma transformação fundamental na relação entre a humanidade e o ambiente, possibilitando o surgimento do domínio sobre a natureza. Nas palavras de Galimberti (2006):

A concepção mecanicista da natureza, a tradução da ordem qualitativa numa ordem quantitativa, o abandono das causas primeiras em prol da dedicação às causas segundas, empiricamente verificáveis, a mensuração do tempo e a determinação do espaço, apresentam-se como condições prévias para a instauração do *regnum hominis*, porque só um mundo que se deixa resolver em relações mecânicas e mensuráveis pode ser plenamente dominado pela mente humana (Galimberti, 2006, p. 327)

A relação entre o pensamento de Marx e a transformação dos meios em fins, como concepção de práxis em uma troca orgânica entre humanos e natureza, levou Galimberti (2006) a analisar o filósofo germânico e sua obra *A crítica da economia política* (1859). A análise do italiano revelou que a práxis é mais do que simplesmente agir; sendo uma atividade humana que transforma tanto a natureza quanto a própria condição humana. Essa práxis não apenas refletiu “a sua origem na tradição judaico-cristã” (Galimberti, 2006, p. 348), que valoriza o fazer sobre o contemplar, mas também se enraíza nos procedimentos científicos da época moderna, nos quais o conhecimento é adquirido e aplicado por meio da ação prática.

Nesse sentido, a essência humana é definida pela atividade e pela relação com a natureza, que se torna no olhar Marx a fonte primária tanto dos instrumentos quanto dos objetos de trabalho. Então, assim como o filósofo alemão, Galimberti (2006) sugere reconhecer que a transformação dos meios em fins não é apenas uma característica da época moderna, mas também uma condição fundamental da existência humana e na relação com o mundo.

O primado do “fazer” – que tem a sua origem na tradição judaico-cristã e o seu reconhecimento definitivo nos procedimentos científicos, que inauguram a época moderna – encontra a sua expressão mais alta no conceito marxista de *práxis*, a partir da qual a essência do homem emerge como atividade e a natureza, como “primeira fonte de todos os instrumentos e objetos de trabalho” (Galimberti, 2006, p. 348).

Ao ressaltar a perspectiva de Marx sobre a relação entre ciência da natureza e história Galimberti (2006) corrobora que não se separa a ciência da natureza da história. Assim, ele acolhe a visão marxista¹⁴ segundo a qual a história é, essencialmente, a transformação da natureza realizada pelo trabalho humano. Sendo assim, para o filósofo italiano a compreensão da natureza é moldada pelas condições históricas e pelas formas como o trabalho humano a transformou ao longo do tempo. E, concordando com o Marx, Galimberti (2006), entende a história como o processo pelo qual a humanidade elabora e interage com a natureza, destacando que essa interação histórica é fundamental para a compreensão tanto da natureza quanto da própria sociedade, refletindo:

para Marx não existe uma ciência da natureza diferente da história, porque a história nada mais é que a elaboração da natureza, e a natureza só é captada pelo homem nas modalidades e nas formas históricas em que se expressou esse trabalho sobre a natureza (Galimberti, 2006, p. 349)

A integração essencial entre natureza e história no pensamento marxista, destacado por Galimberti (2006), destaca que esses elementos não podem ser considerados separadamente. Essa concepção reflete a compreensão por parte de Marx¹⁵ de que a práxis humana, ou seja, a atividade transformadora dos seres humanos sobre o mundo, é central para entender tanto a natureza quanto a história. Ao unificar natureza e história o alemão enfatizou que os humanos

¹⁴ Galimberti destacou o que diz Marx: “Nós só reconhecemos uma ciência, a ciência da história. A história pode ser considerada de dois lados: história da natureza e história da humanidade. Os dois lados, porém, não podem ser separados; para que os homens existam, história da natureza e história dos homens se condicionam mutuamente” (Marx, K.; Engels, F. *L’ideologia tedesca*: opere complete, v. V. Roma: Editori Riunit, 1972, p. 14. *apud* Galimberti, U. 2006, p. 349).

¹⁵ Galimberti descreve a ideia de Marx: “A tecnologia desvela o comportamento ativo do homem em relação à natureza, o imediato processo de produção da sua vida, e, portanto, também das suas relações sociais vitais e das representações espirituais que daí nascem” (Marx, K. *Il capitale*. L I, Cap. XIII, p. 414 *apud* Galimberti, 2006, p. 350).

moldam o ambiente natural e também são moldados por ele em um processo dinâmico e contínuo de interação.

Dessa forma, Galimberti (2006) considera: “a totalidade dos modos de apropriação econômico-tecnológica da natureza por parte dos homens pressupõem práxis social” (Galimberti, 2006, p. 349). Essa visão desafia a dicotomia tradicional entre natureza e cultura, pois reconhece que os indivíduos existem em um mundo em que a natureza é histórica e a história é natural, demonstrando a complexidade e a interconexão desses aspectos fundamentais da existência humana.

Desse modo, o conceito marxista de práxis unifica a natureza e a história, que não podem ser pensadas como “duas coisas separadas entre si”, porque os homens têm sempre diante de si uma “natureza histórica e uma história natural” (Galimberti, 2006, p. 349).

Ao enfatizar a concepção marxista sobre a relação intrínseca entre humanos e a natureza, na forma de uma troca orgânica que se transforma com o tempo, Galimberti (2006) sugere que a essência humana não é estática, mas sim moldada pelas diversas formas de práxis que emergem em diferentes contextos históricos, se “a natureza do que os homens conhecem é só aquela para a qual orientam os seus objetivos, não existe natureza que não seja mediada pela práxis humana” (Galimberti, 2006, p. 350).

Se a práxis – que para Marx define a essência do homem – é essa troca orgânica entre homem e natureza, mediada tecnicamente, então o desenvolvimento histórico da técnica é o lugar onde é possível interpretar a humanidade histórica, o seu sentido e o seu destino (Galimberti, 2006, p. 354).

Nesse sentido, Galimberti (2006) delinea três cenários da práxis humana ao longo da história: (1) o primado da natureza¹⁶; (2) o primado do mercado¹⁷; e (3) o primado da técnica.¹⁸

¹⁶ Galimberti aponta que para Marx: “Numa época caracterizada pelo primado da natureza, o valor criado pelo trabalho é um valor de uso, pois expressa a capacidade, de um bem, de satisfazer a uma necessidade “entrando, ou no consumo individual como meio de subsistência, ou em um novo processo de trabalho como meio de produção” (Marx, K. *Il capitale*. L I, Cap. I, p. 75 *apud* Galimberti, 2006, p. 351).

¹⁷ Galimberti extraiu da ideia de Marx o seguinte: “Quando o *primado da natureza* é substituído pelo *primado do mercado*, interrompe-se o finalismo imanente ao trabalho, que é *fruitivo*, porque produtivo de *valores de uso*. Separando-se do *fluir*, o *produzir*, não realça mais os *valores de uso*, mas os *valores de troca*, cujo ‘valor’ não está na sua capacidade de *satisfazer necessidades*, mas na sua capacidade de *permutar com outros bens*, segundo aquelas leis, que na produção dos bens, substituem as *leis da natureza*” (Galimberti, 2006, p. 355).

¹⁸ Galimberti diz: Se, de fato, a instrumentação (a técnica) é a *condição universal* para a produção de qualquer bem, o fim a que o fazer humano tende será a potencialização da instrumentação. Na idade da técnica registra-se, assim, a propósito do instrumento, aquela transformação dos meios em fins que na era do mercado se havia registrado a propósito do dinheiro. [...] Do mesmo modo, a técnica é um *meio* para produção de bens, mas sendo também a *condição universal* para a produção de qualquer bem, a técnica torna-se o *fim* para a consecução da qual se subordina qualquer outra finalidade. (Galimberti, 2006, p. 358-359)

Em seguida, o italiano oferece uma visão abrangente sobre a evolução das relações entre humanos, a sociedade e a natureza, destacando a importância de considerar esses cenários sucessivos para compreender a complexidade da própria condição humana.

Nesse círculo encontra confirmação o enunciado marxista, segundo o qual a vida do homem é a troca orgânica entre homem e natureza, e assim como as modalidades dessa troca mudam segundo as épocas históricas, a essência do homem não é definível uma vez para sempre, mas sempre a partir das modalidades em que se expressa sua práxis. Esquemmatizando, podemos dizer que três são os cenários até agora desenhados pela práxis humana. Em sucessão histórica, eles preveem: o primado da *natureza*, o primado do *mercado* e o primado da *técnica* (Galimberti, 2006, p. 351).

Concebida como um conjunto de instrumentos que servem como meios para alcançar um objetivo, a técnica é a garantia das condições de existência humana. De acordo com Galimberti (2006), o indivíduo é o ponto focal, enquanto os instrumentos e os bens produzidos pelos seres humanos são meros facilitadores para atender às demandas básicas da vida. Essa perspectiva remonta a uma abordagem instrumental da técnica, em que seu propósito principal é servir aos interesses humanos.

No cenário caracterizado pelo primado da natureza, a técnica, ou seja, o conjunto dos instrumentos, é funcional à produção de bens, e estes são funcionais à satisfação das necessidades humanas. O homem é o fim, enquanto a ordem dos instrumentos e os bens por estes produzidos são meios destinados a garantir as condições de existência do homem (Galimberti, 2006, p. 354).

Galimberti (2006) enfatiza a concepção marxista de valores de uso como produtos que têm uma finalidade intrinsecamente ligada à satisfação das necessidades humanas, “a técnica, ou seja, o conjunto dos instrumentos, é funcional à produção de bens, e estes são funcionais à satisfação das necessidades humanas” (Galimberti, 2006, p. 354). Sob essa perspectiva, os bens produzidos pelo processo de trabalho são designados como valores de uso devido à sua utilidade direta para os indivíduos. Essa designação demonstra a relação direta entre a produção de bens e o objetivo último do trabalho humano, que é a satisfação das necessidades básicas da vida. Portanto, os valores de uso representam uma dimensão finalista e utilitária da produção, em que os interesses humanos orientam o processo de trabalho e a criação de bens.

Essa é a razão pela qual os bens, produzidos pelo conjunto dos instrumentos, são denominados por Marx de valores de uso, onde é explícita a destinação finalista que os subordina à satisfação das necessidades humanas, objetivo último do “processo de trabalho” (Galimberti, 2006, p. 354).

Essa transformação do significado e do propósito dos bens no contexto do mercado, em que o objetivo inicial era de satisfazer as necessidades humanas é substituído pela busca do lucro monetário. Para Galimberti (2006), existe um cenário em que os bens perdem sua função primordial de atender às necessidades humanas e passam a ser valorizados principalmente por sua capacidade de gerar dinheiro. Essa inversão de valores, segundo o italiano, resulta na alienação do processo produtivo e da relação entre seres humanos e natureza, fazendo a produção de mercadorias dissociar-se da sua utilidade real, distorcendo a conexão natural entre produção e consumo.

2.4.1. A alienação técnica e a autonomia dos meios

A alienação, descrita por Galimberti, foi conceituada por Marx, e surgiu como consequência desse desvio da racionalidade, evidenciando uma desconexão entre o trabalho humano e os objetivos genuínos da existência humana. De acordo com filósofo italiano: “a alienação é, para Marx, a distorção da racionalidade da práxis, que prevê a subordinação do *produzir* (meio) ao *fluir* (fim), enquanto, numa lógica de mercado, o produzir torna-se o objetivo a que o fluir está subordinado” (Galimberti, 2006, p. 355). Segue o texto:

De fato, no mercado o bem, que inicialmente servia para a *satisfação das necessidades*, serve para a *produção de dinheiro*, e quando a ordem das necessidades não é mais funcional à produção do dinheiro, a satisfação das necessidades, e não a produção de dinheiro, é que é sacrificada. Desse modo, “a troca orgânica entre homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana”, é distorcida, e o desvio da racionalidade que conectava o produzir ao fluir é chamada por Marx de *alienação* (Galimberti, 2006, p. 355).

A noção de alienação como uma mudança fundamental na relação entre meios e fins, em que os meios tornam-se independentes e autônomos em relação aos fins que anteriormente serviam, comprova, segundo Galimberti (2006), o grande fenômeno do *Absoluto da Técnica*. Nesse paradigma, assim como propõe Marx, o mercado emerge como o principal referencial da práxis humana, substituindo a natureza, e o objetivo da produção deixa de ser a satisfação das necessidades humanas para concentrar-se essencialmente na acumulação de dinheiro.

Alienação, portanto, é a transformação dos meios em fins, é a autonomização dos meios em relação aos fins, a que antes se subordinavam. Não mais a natureza como referente da práxis humana, mas o mercado; não mais a necessidade como fim da atividade laboral, mas o produto e a sua potencialidade de garantir cada vez maior quantidade de dinheiro. Aqui assistimos à primeira grande transformação do meio em fim. O dinheiro que é meio para produzir bens e satisfazer às necessidades, se torna o fim em vista do qual se produzem bens, e só quando a coisa concorre para esse objetivo é que satisfaz às necessidades (Galimberti, 2006, p. 355-356).

Nesse contexto, em que os fins são abolidos, e os meios tornam-se autônomos, Galimberti (2006) enxerga como resultado uma inversão na relação entre seres humanos e artefatos, sendo o resultado evidente dessa reviravolta “o desencanto com o mundo” (Galimberti, 2006, p. 356). Para o italiano, o artefato representado pelo produto do mercado, assume um poder de dominação sobre o homem, que por sua vez torna-se objetivado e definido pelo tipo de atividade que se realiza. Essa dinâmica de total reificação culmina na autonomia da vida em relação às necessidades humanas, em que as mercadorias direcionam a atividade humana e determinam o valor das próprias coisas através de sua circulação.

Abolindo os fins e autonomizando aqueles que, no tempo do primado da natureza, eram meios, a lógica do mercado desvela um cenário que prevê o domínio da coisa sobre o homem, do produto sobre o produtor, porque num processo de total reificação, é a coisa que define o homem, que assim resulta objetivado e instituído pelo tipo da própria atividade, a qual, por sua vez, não é mais troca orgânica com a natureza, mas pura produção de mercadorias, que não só levam a vida autônoma em relação às necessidades humanas, mas definem, por meio de sua circulação, o sentido da atividade humana e o valor das coisas (Galimberti, 2006, p. 356).

Para Galimberti (2006), essa transformação evidencia uma alteração fundamental na dinâmica da ação humana, na qual a técnica assume uma posição dominante, ditando as possibilidades e os limites das aspirações humanas. O filósofo italiano entende que a técnica, ao estabelecer-se como uma condição universal para a consecução de qualquer objetivo humano, submete a vontade humana, e ao submeter-se a ela, os meios de produção aumentam quantitativamente, ocorrendo uma mudança qualitativa na relação entre o meio e o fim, resultando na completa subordinação humana, que é o fim último da técnica.

Mas também a vontade humana deve ceder à técnica tão logo esta se coloca como condição universal para se alcançar qualquer fim que a vontade humana se proponha. Isso significa que um incremento quantitativo dos meios de produção determina aquela mutação qualitativa que, transformando a relação meio-fim, termina por subordinar o homem (fim) à técnica (meio) (Galimberti, 2006, p. 371).

Nesse cenário, Galimberti (2006) enxerga que é a disponibilidade técnica que passa a determinar o fim a ser alcançado, ao invés de ser o fim que direciona a busca por aquisição de meios técnicos, assinalando um fenômeno de *Absoluto da Técnica*. Para o filósofo monzino, essa inversão na relação entre meio e fim reflete uma transformação significativa na maneira como os humanos concebem e buscam objetivos, levando as tecnologias a desempenharem um papel cada vez mais central na definição das possibilidades e dos rumos da ação humana.

mas quando a técnica aumenta quantitativamente, ao ponto de se tornar disponível para a realização de qualquer fim, então muda qualitativamente o cenário, porque não é mais o fim que condiciona a representação, a procura e a aquisição dos meios técnicos, mas é a maior disponibilidade técnica que define o fim que, por seu intermédio, pode ser alcançado (Galimberti, 2006, p. 373).

Galimberti (2006) destaca mais uma mudança paradigmática na relação entre liberdade e técnica, em que a liberdade não é mais exclusivamente atribuída à capacidade humana de escolher os fins, mas da própria técnica. Para o italiano, a técnica revelou um vasto horizonte de possibilidades que viabiliza suas realizações: “o meio técnico, se de um lado não constitui um ponto de chegada para nenhum projeto, do outro é o ponto de passagem para a realização de qualquer projeto” (Galimberti, 2006, p. 374). Essa chamada *autonomização crescente da técnica*, marcante do fenômeno de seu *Absoluto*, marca a relação de que qualquer intenção finalista amplia as oportunidades da própria técnica em utilizações de maneira ilimitada.

Assim, paradoxalmente, é a falta intrínseca de significado da técnica que, de acordo com Galimberti (2006), acaba por gerar uma profusão de significados, conferindo uma espécie de plenitude à sua própria ausência de sentido. Essa dinâmica complexa coloca em questão não apenas a relação entre o homem e as tecnologias disponíveis, mas também a própria natureza da liberdade humana em um contexto cada vez mais dominado pela onipresença da técnica.

Nessa altura, a liberdade não é mais uma prerrogativa do homem que escolhe os fins, mas da técnica que desvela o horizonte das disponibilidades e torna possível a sua realização. A possibilidade de uma ilimitada utilização, graças à progressiva autonomização da técnica em reação a qualquer conteúdo finalista, faz com que seja justamente a ausência interna de significado da técnica a gerar a plenitude dos significados (Galimberti, 2006, p. 374).

Essa amplitude de possibilidades técnicas, para Galimberti (2006), decorre da liberdade inerente à sua utilização, ou seja, não se restringe apenas aos objetivos para os quais foi projetada ou aplicada. Deste modo, a técnica estende-se aos momentos temporais nas quais é momentaneamente empregada, não estando sujeita às limitações temporais fixas ou vinculações específicas.

Para o autor de *Psiche e techne*, essa característica da técnica evidencia sua versatilidade funcional, além de sua influência na estruturação e na flexibilidade dos processos das atividades humanas, permitindo uma gama ampla de usos e aplicações em diferentes contextos e situações.

a técnica representa assim a mais elevada síntese de todos os fins que com ela podem ser obtidos, e isso porque a liberdade da sua utilização não é limitada aos fins para os quais é empregada, mas se estende também aos momentos temporais do seu emprego, que não são vinculados (Galimberti, 2006, p. 375).

Essa significativa mudança de paradigma na *Idade da Técnica*, em que a relação com os fins alcançados com os momentos em que eles são atingidos é drasticamente alterada. Galimberti (2006) analisa que a posse dos meios técnicos revelou-se como uma fonte de superioridade, pois transcende a própria posse dos aparatos tecnológicos, porém, o foco dos objetivos a serem alcançados deixa de ser representado pelos bens em si, e passa para o domínio e construção dos meios técnicos objetivando acessar uma ampla gama de bens. Essa nova dinâmica, segundo o filósofo, evidencia um fenômeno de absolutização técnica uma vez que há uma reconfiguração fundamental nas relações entre humanos e técnica.

a absoluta ausência de relações com os fins alcançados e com os tempos em que são alcançados fazem com que quem possui os meios técnicos seja infinitamente superior em relação a quem possui os produtos técnicos, e por isso, na era da técnica, o fim a ser alcançado ao será mais representado pelo bem, mas pelo meio técnico disponível para todos os bens, sem os limites temporais a quem os bens estão sujeitos (Galimberti, 2006, p. 375).

Galimberti (2006) lança luz sobre essa condição paradoxal da existência humana na *Idade da Técnica*, na qual cada momento da vida assume simultaneamente o papel de objetivo a ser alcançado e, simultaneamente, um outro a ser deixado para trás. Para o italiano, essa dualidade intrínseca reflete uma espécie de “‘infinidade má’ denunciada por Hegel” (Galimberti, 2006, p. 377) que confere à vida uma sensação de falta de sentido.

Essa condição, aparentemente contraditória, pela qual cada momento da vida é, ao mesmo tempo, fim a ser alcançado e ponto de passagem a ser ultrapassado, além de expressar essa ‘infinidade má’ denunciada por Hegel, tira da vida o seu sentido e obriga a alma a encontrar satisfação nessa formação do espírito: a técnica, a qual é a mais exterior à natureza, à qualidade e à intensidade da alma (Galimberti, 2006, p. 377).

A referida “infinidade má”, citada por Galimberti (2006), é derivada da crescente dominação da técnica como o sentido primordial da existência, e desafia a essência última de cada indivíduo, impondo-lhe uma cadência à sua interioridade, “trata-se [...] de captar e de evidenciar as transformações antropológicas consequentes a essa exteriorização da alma” (Galimberti, 2006, p. 377). Além disso, ela conduz a um gradual processo de reificação do homem, relegando-o a um destino cada vez mais determinado pelo mundo técnico.

ao cadenciar-se da sua interioridade a partir dessa ‘infinidade má’ que a técnica, ao se tornar o sentido da terra, expressa como definitiva abolição de qualquer fim último. Mas, antes é preciso reconhecer os sinais da técnica encontráveis na disposição que ela dá ao mundo, na redução da verdade à eficácia, na recondução da razão à ordem instrumental, no destino aos poucos atribuído ao mundo da vida, até os processos não-percebidos, mas inevitáveis, de progressiva reificação do homem (Galimberti, 2006, p. 377).

A fenomenologia da técnica galimbertiana revela uma profunda e meticulosa investigação das transformações sociais, culturais e psíquicas desencadeadas pelo avanço tecnológico. Como pode-se observar na análise feita até aqui, Galimberti (2006) demonstrou que a ascensão da técnica como uma força dominante na sociedade contemporânea que alterou a percepção humana do mundo e da sua própria identidade. Para o italiano, a técnica não é apenas um conjunto de ferramentas ou dispositivos, mas uma força que molda e redefine a experiência humana.

No exame dessa concepção fenomenológica de técnica de Galimberti (2006), revelou-se que *a técnica não é neutra*: ela possui uma ontologia própria, uma forma de ser e de influenciar o mundo. A invasão da técnica em todos os aspectos da vida humana, não apenas transforma os comportamentos e práticas, mas também afeta a percepção dos indivíduos sobre o tempo, o espaço e a realidade.

Na próxima seção abordaremos a visão de Galimberti (2006) acerca da semiologia da técnica, em que se busca demonstrar a sua percepção de transformação da verdade em eficácia e a reificação humana diante de um mundo cada vez mais permeado pela técnica.

2.5. A semiologia galimbertiana: a verdade como eficácia

Galimberti (2006) abordou a semiologia, os símbolos e sinais da absolutização da técnica, como uma ferramenta para desmistificar e analisar a aura de neutralidade da técnica. O italiano buscou investigar que por trás da aparente objetividade da técnica, existem sistemas simbólicos e históricos, além de traços culturais que influenciam as percepções humanas e determinam seus comportamentos.

Ao revelar essas camadas de significação, o autor de *Psiche e techne* convida a todos a questionar as narrativas dominantes sobre o problema da técnica, além de desenvolver uma compreensão mais crítica acerca do papel da técnica sobre a vida humana. Assim, ao introduzir o seu pensamento semiótico, Galimberti (2006) tem como cerne a vontade humana de controle e domínio sobre a natureza. O filósofo italiano argumenta que “como vontade de domínio, a técnica só pode alcançar o seu objetivo se for capaz de exercer um controle sobre o que acontece” (Galimberti, 2006, p. 381). Dessa forma, a compreensão dos símbolos e seus significados é um fator importante para compreensão da técnica como um absoluto da condição da vida humana contemporânea.

Assim, nesta seção focar-se-á na transformação de verdade como eficácia sob perspectiva de Galimberti (2006). O filósofo monzino destacou a percepção da verdade não como um mero espetáculo contemplativo, mas sim como um processo contínuo de dominação

sobre a natureza. Para ele, a verdade enquanto desvelamento da natureza está intrinsecamente ligada à trajetória histórica da técnica como uma provocação humana à natureza, um pensamento tipicamente heideggeriano. Ao associar a verdade ao domínio do mundo, enxerga que a verdade é necessária para a sobrevivência humana.

dizer que a verdade é desvelamento da natureza, dizer que a técnica segue a trajetória histórica da verdade enquanto pro-vocação da natureza, enquanto revela (*a-létheia*) a energia da natureza, significa dizer que a verdade não é tanto “espetáculo”, “contemplação”, “visão”, mas forma de domínio, esse domínio que o homem sempre teve de exercer sobre a natureza para poder sobreviver (Galimberti, 2006, p. 394).

Galimberti (2006), reforça uma ideia de que não existe estranhamento entre verdade e domínio, mas sim uma perfeita coincidência, que reflete diretamente na maneira como o conhecimento pode ser utilizado como uma ferramenta de poder. Para tanto, o domínio sobre uma narrativa, ou uma ideia, implica que “de fato, não se dá domínio sem a posse de verdadeiros conhecimentos” (Galimberti, 2006, p. 394-395), ao passo que esses conhecimentos em si podem ser moldados e direcionados de maneira a exercer controle e influência sobre os indivíduos.

Essa dinâmica complexa sugere que a busca pela verdade muitas vezes está interligada para interesses estritos de dominação, mesmo quando essa verdade é projetada para um futuro ainda inexistente. Essa reflexão de Galimberti (2006) desafia a humanidade a questionar as motivações por trás dos conhecimentos que se buscam e como eles são usados para moldar a realidade humana, o italiano escreveu:

Entre verdade e domínio não há nenhum estranhamento, mas perfeita coincidência. De fato, não se dá domínio sem a posse de verdadeiros conhecimentos, assim como não se dá verdadeiro conhecimento sem efeitos de domínio. Mesmo quando a verdade é projetada para um outro mundo, é porque, não dispondo de melhores conhecimentos, semelhante projeção é a que tem efeitos de domínio mais eficazes sobre este mundo (Galimberti, 2006, p. 394-395).

Remontando profundamente aos debates filosóficos da Grécia antiga, particularmente no que diz respeito à transição do pensamento teológico para o egológico, Galimberti (2006) buscou sinais e símbolos na filosofia platônica¹⁹, trazendo como uma preocupação central a

¹⁹ Galimberti ressalta: “Entre a divindade mítica e a platônica dá-se um abismo, porque a primeira é o *arbítrio* que a insondabilidade oculta em seu aspecto arbitrário, e a segunda é a *unidade* pré-compreensiva de qualquer sucessiva prorrogação, é o *sujeito* na acepção grega de *hypó-keiménon*, ou seja, *daquilo que está sob* qualquer variação, e, estando sob, permite às variações subsistir sem contradição” (Galimberti, 2006, p. 403).

busca pela verdade objetiva e transcendental, representada pelas ideias governadas por princípios divinos.

De acordo com Galimberti (2006), filósofos como Platão e seus seguidores, ilustraram a mudança gradual do pensamento teológico para uma compreensão mais antropocêntrica e *egocêntrica* do mundo. Para o italiano, com a virada paradigmática de pensamento teológico para um pensamento egológico, houve também uma mudança de direção do foco de referência e autoridade das divindades para a figura humana. Nesse contexto, os seres humanos reconheceriam seu próprio ‘eu’ como a fonte de autoridade e organização das ideias ao invés de atribuir essas funções a uma divindade.

Quando o sujeito de teológico passa a egológico, o convencionalismo implícito em Platão se tornará explícito, ou seja, o homem se convencerá de que quem preside a ordem das ideias não é de um deus, mas o seu eu, isto é, a sua representação (Galimberti, 2006, p. 403).

Destacando também a compreensão de Aristóteles sobre a natureza instrumental da lógica, evidenciada pelo termo "*Organon*, ou seja, *Cânon*, instrumento" (Galimberti, 2006, p. 403), Galimberti (2006) observou que, para Aristóteles, o papel essencial da lógica é ser uma ferramenta para discernir e compreender a realidade. Essa ferramenta fornece um conjunto de regras que orientam o pensamento racional ou "o conjunto das regras lógicas que, procedendo por identidade e diferença, permitem a identificação das coisas" (Galimberti, 2006, p. 403).

Sob o controle da lógica se constrói uma ordem universalmente válida de pensamento, neutra no que se refere ao conteúdo material. Os conceitos, definidos pelo princípio de identidade e não-contradição, tornam-se instrumentos de divulgação e de controle de multiplicidade, que, sem o vínculo lógico, restaria indizível e, no fim, incompreensível, porque disponível a todas as manifestações (Galimberti, 2006, p. 403).

A lógica formal, atribuída a Platão e Aristóteles, buscou compreender a totalidade do real por meio de generalizações abstratas e ordenadas em um sistema coerente, livre de contradições ou passível de reduções. Mas para Galimberti (2006), essa abordagem estabeleceu, as bases para uma compreensão lógica do mundo, destacando a importância da coerência e da consistência para o pensamento racional humano. Por outro lado, a lógica científica, que surgiu posteriormente, diferiu-se da lógica formal, entretanto, não contradiz o seu propósito fundamental de controlar e dominar o mundo real de acordo com as necessidades humanas.

Ao remover as causas finais e traduzir qualidades em quantidades mensuráveis, Galimberti (2006) identificou que a lógica científica eliminou a ambiguidade e a subjetividade,

tornando o conhecimento um objetivo como algo universalmente válido. Dessa forma, enquanto a lógica formal proporcionou os fundamentos para a compreensão racional do mundo, a lógica científica avançou na direção de um conhecimento mais controlável e mensurável, alinhada com os ideais de objetividade e universalidade.

a *lógica formal*, inaugurada por Platão e Aristóteles, colocou em condições inteligíveis a totalidade do real, em generalizações abstratas e ordenáveis num sistema desprovido de contradições ou com contradições suscetíveis de redução (Galimberti, 2006, p. 404).

a *lógica científica*, que veio depois, embora se diferencie da antiga lógica formal, não contradiz seu intento, que é o de controlar e dominar o real. Por isso, a lógica científica remove das causas finais, que são incontroláveis, traduz as qualidades em quantidades, que se deixam calcular e mensurar, elimina a tensão entre ser e dever-ser, que poderia subverter o universo dado pelo pensamento científico, que quer ser objetivo e universalmente válido (Galimberti, 2006, p. 404).

Segundo a análise de Galimberti (2006), a concepção contemporânea da verdade na idade tecnológica difere da proposta por Platão na antiguidade. Ao invés de ser associada à beleza das coisas e à bondade humana, como enfatizado pelo filósofo grego, a verdade é agora principalmente definida pela sua precisão. Esse conceito de precisão está intimamente ligado às previsões matemáticas, que não esperam passivamente pela realização do real, mas estabelecem as condições necessárias para que essa realização ocorra.

Aqui, a verdade não é apenas uma questão de correspondência com a realidade observável, “mas simplesmente ‘exata’, isto é, (*ex-actu*) pelas antecipações matemáticas que não esperam a realização do real, mas coloca as condições da sua realização” (Galimberti, 2006, p. 404). Essa perspectiva de mundo enfatiza a importância da precisão e da previsibilidade na busca pela verdade, destacando a influência da lógica matemática e da técnica na formação de noções de verdade e conhecimento.

O surgimento do saber matemático introduz uma nova dinâmica, em que o acesso à verdade, para Galimberti (2006) é mediado pelas convenções impostas pelo “*ego cogito*” (Galimberti, 2006, p. 404). O filósofo italiano, explica que essas convenções antecipam e delimitam possíveis significados, deixando de lado qualquer interpretação que ultrapasse os limites das antecipações projetadas. Nesse contexto, a verdade torna-se intrinsecamente ligada ao saber matemático, essa perspectiva ressalta a influência do pensamento cartesiano na configuração do conhecimento científico e na definição da verdade, destacando a importância das estruturas discursivas na determinação dos limites do entendimento humano.

Com advento da ciência, na época moderna, o bloqueio das bases discursivas se torna ainda mais rígido e determinado. A *convenção* adotada antecipa, todo possível significado, abandonando na insignificância todo aquele volume de sentidos que transcende as *mathémata*, as antecipações convencionadas. Nasce o saber *matemático*, isto é, *antecipado*, ao qual só se tem acesso aceitando-se as convenções discursivas que o *ego cogito* predisps para o questionamento do mundo (Galimberti, 2006, p. 404).

A essa altura, é possível deixar ruir o estatuto ontológico, em que Platão e Aristóteles haviam ancorado o conceito de verdade, para ganhar maior grau de objetividade em relação ao subjetivismo que dominava a interpretação mítica, de um lado, e a retórico-sofista, do outro (Galimberti, 2006, p. 405).

Nesse contexto, o “cenário imutável” (Galimberti, 2006, p. 407) perde sua relevância, uma vez que a função de estabelecer e controlar a realidade é, agora, assumida pela verdade, que se revela como o funcionamento intrínseco de uma ordem dinâmica e em constante evolução. Para Galimberti (2006) essa transformação indica uma mudança fundamental na forma como os indivíduos compreendem e relacionam-se com o mundo, destacando o papel central da verdade na estruturação e no controle da realidade na Idade da Técnica.

O mito, deus, o ser, o eu eram nomes diferentes que faziam referência a um *cenário imutável* no qual devia ancorar-se a verdade, a fim de que o controle da realidade, a qual o conceito de verdade desde sempre remete, fosse o mais garantido possível. Quando, na época da técnica, a verdade explicita a sua natureza de controle do real, os cenários imutáveis podem ruir, porque a função por eles exercida, de *princípio de um ordenamento*, é assumida pessoalmente pela verdade que se apresenta como o que é: *funcionamento de uma ordem* (Galimberti, 2006, p. 407).

A passagem da verdade de uma crença mitológica para uma verdade como eficácia sinaliza uma mudança fundamental na compreensão do conhecimento e da verdade. De acordo com Galimberti (2006), a verdade antes estava ligada aos conceitos abstratos do indivíduos e da identidade pessoal, agora ela é medida pela capacidade de produzir resultados tangíveis e funcionais.

Para o filósofo italiano, esta transformação inaugurou uma nova era do conhecimento, em que a determinação de verdade não é mais regida por domínios tradicionais do saber, mas sim, pelos meios técnicos que a promovem e induzem-na a florescer. Este olhar, sobretudo, coloca a técnica como um centro da produção e aplicação de conhecimentos, o que desafia as estruturas convencionais do saber e introduz uma dinâmica inovadora na busca da verdade e compreensão do mundo.

Desse modo, a verdade como eficácia, que sucede à verdade como crença mitológica, como manifestação do ser, como representação do eu, inaugura essa nova forma de

saber cuja articulação não é decidida pelos *campos* do saber, mas pelos *instrumentos* que os produzem (Galimberti, 2006, p. 408).

Evidenciar essa instrumentação significa evidenciar as regras de formação e de circulação dos saberes, onde a referência não é aos objetos ou aos dados em si realizados, mas às condições que permitem aos dados dar-se, aos objetos, configurar-se (Galimberti, 2006, p. 409).

Ao elucidar que a verdade é um processo de ordenamento em constante evolução, Galimberti (2006) aponta a correta essência da verdade, que nunca foi apenas a correspondência de ordem fixa e imutável. Ao invés disso, a verdade manifesta-se como a capacidade de criar e sustentar uma ordem funcional. Para o italiano, essa compreensão destaca a verdade como intrinsecamente ligada à eficácia, encontrando sua expressão mais íntima naquilo que Nietzsche²⁰ descreve como a “vontade de verdade” (Galimberti, 2006, p. 409).

Essa vontade reflete o desejo humano pelo conhecimento e a necessidade fundamental dos indivíduos de orientação e adaptação em um mundo em constante mudança, em que as certezas pré-estabelecidas são raras e a verdade é moldada pela própria busca incessante pelo saber.

Tirada a máscara e emergindo como processo de ordenamento, a verdade, na idade da técnica, revela a sua natureza, que jamais foi aquela da *adequação* a uma ordem imutável, mas a *produção* de uma ordem para a qual era funcional também a hipótese de uma ordem imutável. E isso é o que basta para dizer a que a verdade mede a si mesma na ordem da eficácia, e encontra a sua mais íntima natureza naquela que Nietzsche chama de *vontade de verdade*, que coincide como a *vontade de saber*, de que o homem tem necessidade para se orientar e viver num mundo que não foi antecipadamente predisposto para ele (Galimberti, 2006, p. 409).

2.5.1. A reificação humana no mundo da técnica

Na análise semiótica de Galimberti (2006) sobre a da absolutização da técnica, o filósofo abordou, de forma muito particular, o processo de reificação humana a partir da perspectiva de Karl Marx, abarcando o fetichismo humano pelas “mercadorias” ou “dinheiro” (Galimberti, 2006, p. 442) nas sociedades capitalistas.

Galimberti apontou que Marx destaca a percepção de que tanto nas sociedades capitalistas quanto nas arcaicas, os objetos são valorizados não pelo que são intrinsecamente, mas pelo seu valor de troca, ou seja, na capacidade de serem convertidos em ouro ou dinheiro “como o *mana* dos primitivos” (Galimberti, 2006, p. 442).

²⁰ Galimberti afirma que Nietzsche pode dizer: “Em todo filosofar até hoje nunca se tratou de “verdade”, mas de alguma outra coisa, como saúde, futuro, desenvolvimento, potência, vida etc.” (Nietzsche, Friedrich. *La gaia scienza* (1882). Vol. V, 2. p. 16. 1965 *apud* Galimberti, 2006, p. 409).

Nessa dinâmica, Galimberti (2006) entende que o filósofo alemão, enxergou uma espécie de aura em torno dos objetos, obscurece a sua verdadeira natureza, transformando-os em símbolos puramente de valor econômico.

A alienação presente nas relações de mercado, levou Galimberti (2006) a concordar com Marx²¹, pois para ele, os objetos são elevados à condição de fetiches, para depois perderem a sua identidade original. Dessa forma, passam a servir principalmente como veículos de valor econômico ao invés de satisfazerem as reais necessidades humana.

Quando Marx fala do fetichismo da mercadoria ou do fetichismo do dinheiro, alude ao fato de que na sociedade capitalista, exatamente como nas sociedades arcaicas, os objetos não são considerados pelo que *são* (valor de uso), mas pelo que *valem* (valor de troca), ou seja, pela sua capacidade de serem permutados com o ouro ou com o dinheiro, que, como o mana dos primitivos, se difunde sobre os objetos, mascarando sua intrínseca natureza, ‘seu corpo’, [...] com a finalidade de torná-las puras expressões de valor (econômico)” (Galimberti, 2006, p. 442).

Na análise da perspectiva de Marx quanto ao fetichismo, Galimberti (2006) destaca a compreensão de que não se trata de uma simples sacralização de objetos específicos ou do culto aos valores individuais, mas sim de transformação de um sistema de símbolos e significados como um todo. O fetichismo manifesta-se, de acordo com o italiano, como previsto pelo alemão, com a generalização do valor de troca que, por sua vez, neutraliza a verdadeira natureza dos objetos, difundindo seu valor econômico.

Marx nos diz que o fetichismo não é a sacralização deste ou daquele objeto, deste ou daquele valor, mas do *sistema* enquanto tal, que, generalizando o valor de troca, neutraliza a *natureza* dos objetos para difundir o seu valor (econômico) (Galimberti, 2006, p. 443).

Essa reflexão aponta para a ideia de que o sistema capitalista opera de maneira a ocultar a essência dos objetos e a subordiná-los à lógica de um valor de troca. Segundo Galimberti (2006), isso resultou na alienação do trabalho humano (como proposto por Marx) e na supremacia do capital sobre as relações sociais e da própria natureza dos objetos.

²¹ Galimberti ressalta Marx: “A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Mas essa utilidade não subsiste no ar. É resultado da qualidade do corpo da mercadoria e não existe sem ele. O corpo da mercadoria esmo, como o ferro, a semente, o diamante, etc., é, pois, um valor de uso, ou seja, um bem. [...] Mas, se nós fizermos abstração do valor de uso das mercadorias, também faremos abstração das partes constitutivas e das formas corporais que a tornam um valor de uso. A mercadoria não é mais mesa, nem casa, nem fio, nem outra coisa útil. Todas as suas qualidades sensíveis são canceladas [...] em favor desse elemento comum que se manifesta na relação de troca ou no valor de troca da mercadoria. Esse é o valor da mercadoria mesma” (Marx, K. Il capitale. *Critica dell’economia politica*. Roma: Editora Riuniti, 1964, Livro I, cap. III, p.140 *apud* Galimberti, 2006, p. 442).

O fascínio fetichista do dinheiro vai além de sua materialidade física, Galimberti (2006) destacou então o papel do dinheiro como uma garantia da circulação das mercadorias e, por conseguinte, a sustentação de um sistema econômico. Para o filósofo italiano, o que cativa no dinheiro é a sua capacidade abstrata de representar valor e facilitar a troca de bens e serviços, uma vez que, graças a essa abstração, ele pode substituir todos os valores, “quanto mais o sistema se faz sistemático, mais o fascínio do fetichismo se reforça” (Galimberti, 2006, p. 443). Essa característica torna o dinheiro um símbolo do poder econômico e da influência que exerce sobre as relações sociais.

o que fascina no dinheiro não é a sua materialidade, [...], mas é o fato de que o dinheiro garante ‘a circulação das mercadorias’, portanto sua *sistematicidade*, a capacidade presente virtualmente nessa matéria de poder substituir todos os valores, graças à sua abstração definitiva (Galimberti, 2006, p. 443).

Para Galimberti (2006), as reflexões de Marx sobre o dinheiro podem ser estendidas à técnica, que assimila em si o mundo da vida, transformando homens e objetos em elementos funcionais dentro da estrutura do aparato técnico. Entretanto, a visão do italiano sugere que a técnica emerge como uma força racionalizadora capaz de redefinir a ordem social e eliminar aspectos considerados irracionais na estrutura capitalista. Assim, a técnica apresenta-se como um mundo mais racional do que aquele capitalista, pois este último ainda retém vestígios de irracionalidade “esse traço ‘humanista’ que é a *paixão pelo dinheiro*” (Galimberti, 2006, p. 444). A técnica é progressivamente coerente com sua própria essência, que tende a eliminar esse resquício de humanista presente no sistema capitalista.

O que Marx diz do dinheiro pode ser tranquilamente referido à técnica, que, reabsorvendo em si o mundo-da-vida, resolveu homens e coisas na sua funcionalidade, dentro desse aparato que é a *técnica posta como mundo*. Um mundo mais racional do que o capitalista, porque este último, conservando ainda em si esse traço “humanista” que é a *paixão pelo dinheiro*, aparece aos olhos da técnica como um mundo ainda percorrido por um veio de irracionalidade, que o progressivo “coerentizar-se” da técnica com a própria essência não poderá deixar de eliminar (Galimberti, 2006, p. 444).

Todavia, ao lançar luz sobre uma inversão fundamental que ocorreu com o avanço tecnológico, Galimberti (2006) entende que enquanto anteriormente a técnica era utilizada como meio para atender às necessidades humanas, na Idade da Técnica é o homem que se torna subordinado à própria técnica, servindo às exigências e funcionalidades da própria técnica. Essa mudança de paradigma, para o autor de *Psiche e techne*, transformou o homem em um mero

componente do aparato técnico, em que sua identidade dissolve-se na funcionalidade do aparato técnico.

Agora o chamado *mundo-da-vida*, que é o contexto existencial das atividades humanas, tornou-se completamente moldado e viabilizado pela técnica, que de acordo com Galimberti (2006), leva à condição em que os humanos só definem-se na medida em que se tornam funcionais ao sistema técnico. Essa constatação demonstra uma profunda transformação nas relações entre as tecnologias e os seres humanos, evidenciando a centralidade da técnica na organização e estruturação da sociedade contemporânea.

De fato, se no mundo pré-tecnológico a técnica era empregada como instrumento para a satisfação das necessidades humanas, no mundo tecnológico é a técnica que emprega o homem para as suas exigências da funcionalidade. Essa *inversão*, [...], faz do homem um *funcionário* do aparato técnico, onde a sua *identidade* é completamente resolvida na sua *funcionalidade*, e onde o mundo-da-vida é por inteiro gerado e tornado possível pelo aparato técnico, e por isso o homem é *em si mesmo* (identidade) só enquanto é *funcional ao outro de si* (a técnica) (Galimberti, 2006, p. 445).

Não obstante a constatação dessa transformação de humanos em parte do aparato técnico, Galimberti (2006) oferece ainda uma perspectiva interessante sobre a relação entre o capitalismo e a técnica, desafiando a noção, por vezes convencional, de que o capitalismo representava a vanguarda da modernidade tecnológica.

Ao destacar que, no capitalismo, a técnica é subordinada aos interesses do lucro do capitalista, o italiano julgou o raciocínio trazido por Marx como “correto historicamente, porque ocorre num horizonte *pré-tecnológico* e, portanto, *humanista*” (Galimberti, 2006, p. 446). Essa visão oferece uma nova lente para entender a dinâmica entre trabalho e capital no sistema capitalista e, também, como a tecnologia é moldada em desígnios econômicos e políticos.

sendo o capitalismo a última expressão do humanismo, onde o *homem* capitalista, pelos seus interesses, aliena o operário na produção das mercadorias, de cuja troca o capitalista tira o seu lucro. Dizemos que o capitalismo pertence à era *pré-tecnológica*, porque o uso da técnica tem no *lucro* o próprio objetivo e, portanto, a técnica fica subordinada às finalidades que o homem, *detentor de objetivos* (Galimberti, 2006, p. 446).

Ao considerar o comunismo como uma via para restaurar a relação equilibrada entre o homem e a técnica, Galimberti (2006) ressaltou a importância de repensar as estruturas sociais e econômicas de maneira a promover uma sociedade mais justa e humana, pois “nesse ponto, o sujeito não é mais o homem, mas o *mercado* do qual a vida do homem depende, e nesse ‘outro de si’ a vida do homem é ‘alienada’” (Galimberti, 2006, p. 445).

Na perspectiva do italiano, no sistema comunista a técnica deixaria de ser um instrumento subordinado aos interesses do capital e do lucro e passaria a ser um meio para promover o bem-estar humano. Dessa maneira, enfatizando a socialização dos meios de produção e o direcionamento de seus usos para atender às necessidades humanas, o comunismo buscaria mitigar a alienação²² e restabelecer o homem como um agente ativo na sociedade. Essa visão comunista representa uma ruptura com a concepção capitalista, em que a técnica é utilizada para maximizar o lucro, em detrimento do bem-estar humano e da liberdade individual.

O comunismo, por meio da socialização dos meios de produção (a técnica) e a destinação do seu emprego em função das necessidades humanas (valor de uso) deveria permitir a superação da alienação e o retorno do homem para junto de si, ou seja, a restauração do homem como sujeito e da técnica como instrumento (Galimberti, 2006, p. 445-446).

Ao destacar que a Idade da Técnica tem início quando a própria técnica deixa de ser orientada por finalidades externas, como por exemplo o lucro capitalista, e passa a buscar apenas a sua própria maximização. Galimberti (2006) se refere, então, a uma transformação significativa na dinâmica tecnológica: a disponibilidade técnica torna-se o principal motor, o único e verdadeiro objetivo a ser alcançado pela técnica. Para o filósofo italiano é:

um absoluto que se apresenta como um universo de meios, o qual, como não tem em vista fins, mas só efeitos, traduz os presumidos fins em ulteriores meios para o incremento infinito da sua eficiência (Galimberti, 2006, p. 788).

Isso revela uma inversão de valores: a técnica não é mais um meio para alcançar determinados fins, mas sim um fim em si mesma.

A idade da técnica começa quando o uso da técnica não tem mais em vista uma finalidade (nem mesmo o lucro), mas só a própria potencialização. E isso ocorre quando aparece claro que a obtenção de qualquer fim é subordinado à disponibilidade técnica, e por isso a potencialização dessa disponibilidade técnica, e por isso a potencialização dessa disponibilidade termina por representar o único verdadeiro fim (Galimberti, 2006, p. 446).

²² Galimberti busca em Marx o sentido da alienação: “Na manufatura e no artesanato, o operário se serve do instrumento; na fábrica, o operário é que serve a máquina. Lá, do operário parte o movimento do meio de trabalho; aqui, ele é que deve seguir o movimento. Na manufatura, os operários constituem as articulações de um mecanismo vivo. Na fábrica, existe um mecanismo morto independente deles, e os operários são incorporados a ele como apêndices humanos” (Marx, K. *Il capitale*, livro I, cap. XIII, p. 467 *apud* Galimberti, 2006, p. 446).

De acordo com Galimberti (2006), nesse contexto o homem vê-se cada vez mais imerso em um universo reificado, em que suas próprias características são reduzidas a meras funções e utilidades determinadas pela lógica e eficiência técnica. Para o monzino, essa visão vai além das análises de Marx sobre a alienação, pois revela que tanto o sistema capitalista quanto o comunista apesar de suas diferenças ideológicas, ainda estão inseridos em um paradigma humanista, em que a centralidade do homem é mantida, mesmo que de maneiras distintas.

A essa altura, nasce a técnica como disposição do mundo, a verdade como eficácia, a razão como instrumento, a tradução do mundo-da-vida no mundo da técnica, a personificação do homem e a sua reificação em termos bem mais radicais do que os previstos por Marx, [...] tanto o capitalismo (causa alienação) quanto o comunismo (condição do seu resgate) são ainda figuras inscritas dentro do *humanismo* (Galimberti, 2006, p. 447).

Na idade da técnica, a relação vira de cabeça para baixo, no sentido de que o homem não é um *sujeito* que a produção capitalista aliena e reifica, mas um *produto* da alienação tecnológica, que se instaura como sujeito, e o homem, como predador (Galimberti, 2006, p. 447).

A análise de Galimberti (2006), revela que, apesar das diferenças aparentes entre capitalismo e comunismo, ambos sistemas estão profundamente enraizados em uma estrutura técnica que subordina as finalidades humanas às demandas da eficiência técnica. Isso sugere uma reavaliação do embate entre esses sistemas, não mais como uma dicotomia de ideologias, mas como uma expressão hegemônica da técnica sobre a organização social e política.

Por longo tempo capitalismo e comunismo, últimas expressões do humanismo, apareceram como duas possíveis escolhas de vida coletiva do homem, entre si antagônicas, ao passo que depois se revelaram duas “personificações” [...] do aparato técnico, onde a maior funcionalidade de um sistema teve a vantagem sobre o outro porque, em relação ao mundo capitalista, o mundo comunista era ideologicamente mais condicionado por finalidades humanistas (Galimberti, 2006, p. 448).

Galimberti (2006) destaca ainda a visão de Heidegger sobre o impacto da técnica na relação entre o homem e a natureza, em que tanto a terra quanto o próprio ser humano são reduzidos a meras matérias-primas do processo de reificação. Segundo o italiano, ao ser elevado a um *status* de fusão com a técnica, os humanos tornam-se “predicados” (Galimberti, 2006, p. 448). Predicado que se funde com a técnica, e essa fusão transforma-os em meros atributos ou extensões da entidade técnica.

num cenário tecnológico onde, como escreve Heidegger, a terra é reduzida a ‘matéria-prima [*Rohstoff*]’ e o homem a matéria-prima mais importante [*die wichtigste Rohstoff*]’, não se pode mais falar de alienação, mas antes de identificação do homem

com a técnica, que, elevado a *Sujeito*, traduz os presumidos objetos humanos em seus predicados (Galimberti, 2006, p. 448).

A reificação humana, para Galimberti (2006), ocorre quando os seres humanos são transformados em meros componentes desse sistema técnico, perdendo sua autonomia e individualidade para tornarem-se parte integrante de uma ordem tecnicamente determinada. Dessa forma, a natureza e o homem não são mais apenas entidades separadas, mas sim componentes interligados de uma natureza artificial moldada pela influência da técnica, pois “uma vez emancipada do vínculo natural, a história humana torna-se atributo dessa segunda natureza, ou ‘natureza artificial’, que é a técnica, a partir da qual a natureza e o homem adquirem o seu significado e a modalidade da sua expressão” (Galimberti, 2006, p. 449).

A reificação humana manifesta-se, ainda, quando, de acordo com Galimberti (2006) os indivíduos são vistos apenas como peças intercambiáveis em um sistema técnico, perdendo sua singularidade e subjetividade diante de uma lógica impessoal de eficiência e de produtividade. E ao entender o mundo como um produto humano e não como uma realidade independente do sujeito, o italiano critica a filosofia por abrir caminho para uma visão instrumentalista que reduz humanos e coisas aos aspectos que podem ser meramente quantificados e manipulados por uma razão lógica, pois segundo ele “essa reviravolta foi longamente preparada pela filosofia, a partir do dia que, com Platão, o *mundo-da-vida* foi submetido ao mundo das ideias” (Galimberti, 2006, p. 449).

Compreendendo o mundo como *próprio produto* e não como algo que subsiste independentemente do sujeito-que-conhece, a filosofia antecipa e prepara o terreno para a racionalidade técnica, que olha os homens e coisas limitadamente àqueles aspectos que a razão matemática pode captar e, captando, dominar, prever, calcular, produzir (Galimberti, 2006, p. 450).

Galimberti (2006) ilustra o fenômeno da reificação humana, no qual os indivíduos tornam-se apenas representantes do sistema técnico que os envolve. Como se colocassem uma máscara sobre o rosto (simbolizando a perda humana de sua identidade e da expressão), para o filósofo italiano, os humanos veem-se subjugados a um papel de meros executores de uma atividade predefinida pelo aparato técnico. As leis que regem esse sistema são percebidas como autônomas e estranhas aos indivíduos, limitando sua liberdade e autonomia, e colocando-os em uma posição de mera peça funcional dentro da engrenagem técnica.

Com a máscara no rosto, o homem se *dá* como representante do aparato técnico que o gera, como executor de uma atividade que não o expressa, porque as fases do seu

desenvolvimento já são descritas e prescritas pelas leis do aparato que são autônomos, independentes estranhas ao indivíduo (Galimberti, 2006, p. 451).

Na Idade da Técnica, segundo Galimberti (2006), o fazer humano traduz-se primordialmente em produção, guiado pelos critérios de racionalidade estabelecidos pelo aparato técnico. Para o italiano, a partir daí, a atividade produtiva é orientada por uma lógica de cálculo que valoriza as propriedades quantitativas em detrimento das qualitativas, fragmentando o processo de fazer em uma série de operações parciais. “O reflexo desse fracionamento objetivo do fazer é a *especialização* do homem que não se encontra mais na condição de *artesão*, [...], mas na condição do *técnico*” (Galimberti, 2006, p. 452) cujas operações são meticulosamente conectadas pelo sistema técnico, culminando na unificação dessas partes no produto final.

... na idade da técnica o fazer é a *produção*, segundo aqueles critérios de racionalidade cujo cálculo só se pode efetivar substituindo as propriedades *qualitativas*, que escapam ao cálculo, pelas *quantitativas*, que se evidenciam fracionando o fazer naquelas operações parciais que o sistema técnico conecta entre si, até unificá-las no produto (Galimberti, 2006, p. 452).

No processo de reificação humana da Idade da Técnica, analisada por Galimberti (2006), a ação humana não mais reflete a expressão do indivíduo, mas sim a lógica do sistema técnico que dita suas ações e suas interações com os outros. Para o italiano isso, “significa que o homem não está mais em relação com o mundo” (Galimberti, 2006, p. 452), pois cada indivíduo agora é inserido em um sistema como um átomo isolado, cujas ações são agora guiadas por leis que regem o sistema lógico e impessoal do aparato técnico, refletindo:

A ação, que havia gerado o homem em sua relação com mundo, tornar-se execução de uma atividade que não nasce mais do homem, mas da racionalidade do aparato, em relação ao qual a ação do homem é só um parcial reflexo das leis que o presidem. [...] O seu agir não o expressa, mas expressa a racionalidade do aparato que intui não só a sua ação, mas também a relação com os seus semelhantes, mediada pelas leis que conectam os sistemas parciais, em que cada indivíduo, como átomo isolado, se encontra inserido (Galimberti, 2006, p. 452).

A percepção e compreensão da reificação tornam-se desafiadoras, uma vez que a própria estrutura da consciência é moldada para se adequar às exigências desse sistema. Para Galimberti (2006), a convergência de aspectos objetivados e coisificados da experiência humana dentro do contexto da técnica torna desafiador identificar e confrontar a alienação inerente a essa dinâmica. E isso reflete, de acordo com o filósofo, em uma uniformidade formal na estrutura da consciência, imposta pelo domínio do aparato técnico.

... quando a estrutura da consciência se tornou formalmente unitária, porque, de um ponto de vista formal, idêntica é a estrutura que exige do trabalhador a cessão das próprias capacidades objetivadas e coisificadas e, do intelectual, a cessão das próprias faculdades também objetivadas e coisificadas, umas e outras nas formas previstas pelo aparato técnico, então se torna metodologicamente difícil, senão impossível, perceber a reificação a que o aparato técnico reduz qualquer um que nele se expressa (Galimberti, 2006, p. 455).

As análises de Galimberti (2006) sobre a verdade como eficácia e a reificação do homem revelam a complexidade das relações entre humanos e a tecnologia na Idade da Técnica. Para o filósofo, ao desvelar a verdade como um processo de ordenamento nos processos da técnica, a eficácia torna-se o principal critério orientador das ações humanas, relegando aspectos mais subjetivos e intrínsecos para um segundo plano. Através dessa perspectiva, ele evidencia uma profunda transformação nas relações humanas com mundo ao redor, em que a subjetividade cede lugar à funcionalidade da técnica, resultando, assim, na reificação do indivíduo e na perda de sua identidade de acordo com as exigências do aparato técnico. Portanto, a reificação do homem através da eficácia da técnica emerge como um desafio fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas. A perda da subjetividade e a redução do indivíduo a um mero executor das demandas técnicas evidenciam uma profunda alienação humana na Idade da Técnica. Galimberti (2006) traz, então, uma reflexão sobre os limites éticos e morais desse processo, bem como sobre a necessidade urgente de resgatar a humanidade perdida para a lógica da eficácia técnica.

No cerne da obra de Galimberti (2006), encontra-se uma profunda análise do mito prometeico e da queda dos deuses, que serve como símbolo para a transição da sociedade tradicional para a modernidade. Nesse contexto, o mito prometeico simboliza a ascensão do homem como agente ativo no mundo, enquanto a queda dos deuses representa o declínio da influência divina sobre os destinos humanos. Essa narrativa mitológica reflete a emergência de uma racionalidade que permite aos homens exercerem controle sobre o mundo, caracterizando o advento da modernidade e o surgimento de uma nova era de autonomia e liberdade.

Assim, Galimberti (2006) também aborda a racionalidade técnica como uma extensão da racionalidade humana, destacando como a técnica tornou-se um elemento essencial na vida moderna, a partir da transformação dos meios em fins. Isso influenciou profundamente a maneira como os humanos interagem com o mundo ao nosso redor. A fenomenologia técnica proposta pelo autor explora essa transformação, revelando como os aparatos técnicos adquirem significados simbólicos e tornam-se mediadores entre humanos e natureza. Sendo assim, a alienação técnica emerge como um fenômeno central, no qual os indivíduos tornam-se cada vez mais dependentes das tecnologias que criam, perdendo assim a autonomia e controle sobre os

meios. Paradoxalmente, Galimberti (2006) ressalta que a autonomia dos meios como uma necessidade humana manter o controle sobre as ferramentas que utilizam, a fim de preservar sua liberdade e capacidade de autodeterminação. Por meio da análise semiótica, o autor revelou como os aparatos técnicos comunicam mensagens e valores, moldando as percepções e comportamentos humanos, e contribuindo para a construção da cultura na sociedade.

Por fim, neste capítulo demonstrou-se a percepção de Galimberti (2006) sobre a reificação humana como um fenômeno decorrente da alienação técnica, no qual os humanos são reduzidos a meras extensões ou instrumentos dentro de um sistema técnico. Esse processo de reificação representa uma perda da humanidade e da individualidade, à medida que os indivíduos tornam-se subjugados pelos imperativos da eficiência e da produtividade técnica. O próximo capítulo abordará as consequências das transformações trazidas pela transformação de meios em fins e consequente reificação humana. Analisar-se-á a morte das ideias genuinamente humanas e, consequentemente, a submissão da política e da ética ao crescimento exponencial da técnica.

CAPÍTULO III - OS EFEITOS DA TÉCNICA SOBRE AÇÕES GENUINAMENTE HUMANAS

3.1. O fim das ideologias: a submissão da Política e da Ética

Nessa visão, focada na rápida evolução técnica, Galimberti (2006) destacou a importância de compreender os aspectos funcionais e práticos da técnica sobre a vida dos indivíduos, além de suas profundas implicações sociais e psicológicas. A abordagem de galimbertiana sobre a sociologia da técnica demonstra uma visão profunda e multifacetada, principalmente, no que tange ao papel central que as tecnologias desempenham na sociedade da Idade da Técnica.

Ao longo de *Psiche e techne*, Galimberti (2006) abordou questões ontológicas humanas, já demonstradas no capítulo anterior, como alienação, reificação e a transformação da verdade em eficiência na Idade da Técnica. Apesar de não ser sociólogo, e sim como filósofo e psicanalista, o italiano também examinou a interação complexa entre a humanidade e a técnica; investigando sobretudo como a técnica molda as atividades quotidianas humanas, além de suas identidades individuais e coletivas.

É importante destacar que as análises de Galimberti (2006) partem, principalmente, do reconhecimento de que a técnica não é apenas um conjunto de ferramentas neutras e apáticas, mas sim de um complexo sistema que influencia e é influenciado pelas estruturas sociais, políticas e econômicas.

É nessa medida que o filósofo monzino argumenta que humanos tornam-se cada vez mais dependentes da técnica e de suas tecnologias para realização tarefas simples e quotidianas, ou mesmo complexas, mas também que eles ficam mais suscetíveis à influência da racionalidade técnica sobre as maneiras próprias humanas de pensar, sentir e interagir com o mundo ao seu redor. Nesse sentido, essa sociologia da técnica galimbertiana buscou desvendar os mecanismos pelos quais a técnica moldou a percepção de realidade dos indivíduos e reconfigurando-lhes as relações sociais.

Para Galimberti (2006), a compreensão da sociologia da técnica requer uma abordagem interdisciplinar que incorpore elementos da filosofia, sociologia, psicologia e antropologia. Em suas palavras: “discutir a técnica não significa, então, enfatizá-la ou demonizá-la, mas nos tornar conscientes de que o horizonte de referência, a partir do qual o homem pode chegar a uma compreensão de si” (Galimberti, 2006, p. 598). Essa análise crítica e reflexiva levou-o a questionar as narrativas dominantes sobre o progresso técnico e considerar os impactos sociais e éticos das escolhas tecnológicas que se faz enquanto sociedade. Desse modo, ao fazê-la, o

filósofo italiano constrói sua visão da sociologia da técnica oferecendo valiosos pontos de clareza para enfrentar os desafios do Absoluto da Técnica.

Para dar seguimento a essa lógica de reconhecimento consciente do fenômeno técnico, é que abordaremos a seguir alguns pontos sobre a sociologia galimbertiana, em que apontam-se para o fim das ideologias humanas e sua substituição pelo progressivo desenvolvimento técnico, além da submissão da política à técnica como forma de dominação e, também, a impotência da ética diante do desenvolvimento da técnica.

3.2. A impotência das ideologias frente à submissão da política à técnica

Psiche e techne, Galimberti (2006) oferece uma perspectiva singular sobre como, na Idade da Técnica, evidencia-se o fim das ideologias e a submissão política à técnica. Em um mundo marcado por mudanças sociais, políticas e econômicas rápidas, permeadas e guiadas pela rápida evolução técnica, o italiano examinou criticamente o papel das ideologias na configuração das estruturas de poder e na formação das identidades políticas dos indivíduos. Ao mesmo tempo, analisou como a crescente influência da tecnologia molda as formas de submissão da política à técnica, que refletem diretamente na prática ética humana.

Galimberti (2006) trouxe à tona a complexa interação entre a técnica e a ideologia, para tanto, destacou que para entender essa relação, seria necessário saber que todo questionamento feito acerca da interação entre técnica e ideologia teria uma resposta, às vezes, sombria. Para ele, existem duas razões fundamentais para uma resposta negativa sobre a possibilidade de conciliação entre técnica e ideologia. A primeira aponta a tendência intrínseca que a própria técnica tem em reduzir todas as ideias em meras hipóteses, relegando seu valor próprio e subjugando-as a uma lógica instrumental do aparato técnico disponível. A segunda, consiste na subordinação das ideias às condições técnicas existentes e necessárias para sua real efetivação.

Dessa maneira, torna-se evidente como a técnica exerce uma influência completamente dominante no desenvolvimento e na materialização das ideologias, condicionando-as em sua natureza e no seu alcance, acerca disso Galimberti (2006) escreveu:

... modos diferentes de abordar o problema da relação entre técnica e ideologia, a resposta, qualquer que seja a forma como a elaboramos, é em todo caso negativa pelo menos por duas ordens de razões, que são: a redução, própria da técnica, de todas as ideias a hipóteses e a subordinação de todas as ideias às condições técnicas que permitam a sua realização (Galimberti, 2006, p. 459).

A transformação do conceito de verdade em eficácia (visto em 2.4.) reforça a ideia de que a subordinação das ideias às condições técnicas é um fator preponderante para sua

realização. Para Galimberti (2006), ao substituir a noção tradicional de verdade por eficácia, a técnica redefiniu o critério de validade das ideias, valorizando-as não pela sua correspondência a uma ordem imutável, mas pelo seu impacto tangível sobre a realidade humana. Dessa forma, as ideias são consideradas “verdadeiras” (Galimberti, 2006, p. 460) não somente por sua coerência e coesão interna, mas, principalmente, por sua capacidade em efetivar transformações no mundo.

De acordo com o filósofo monzino, a relação entre técnica e ideologia torna-se ainda mais estreita, pois a eficácia das ideias depende não somente de sua coerência lógica, mas também de sua viabilidade técnica, evidenciando a profunda influência da técnica.

Mas, a técnica transformou o conceito de verdade no de eficácia, e por isso “verdadeiro” não é mais uma presumida ordem imutável de ideias, mas o que surte efeito em termos reais. Isso significa que as ideias são “verdadeiras” enquanto criam um mundo, e a partir delas, o mundo torna-se compreensível (Galimberti, 2006, p. 460).

A distinção entre técnica e ideologia proposta por Galimberti (2006) ressalta a natureza dinâmica e adaptativa da primeira em contraposição à imutabilidade da segunda. Enquanto a ideologia tende a vincular-se a um conjunto fixo de premissas teóricas que eventualmente tornam-se obsoletas, a técnica está constantemente em busca de aprimoramento e superação de suas próprias hipóteses.

Essa característica permite que a técnica mantenha sua relevância mesmo diante da mudança ou falha de seus fundamentos teóricos. Sua validade não está intrinsecamente ligada a um conjunto específico de ideias, e sim à sua capacidade de gerar resultados práticos e explicativos, ou seja: “a redução, própria da técnica, de todas as ideias a hipóteses, e a subordinação de todas as ideias às condições técnicas que permitam a sua realização” (Galimberti, 2006, p. 459-460). Isso faz da técnica capaz de superar qualquer rigidez ideológica.

Assim, enquanto a ideologia pode perder sua eficácia quando suas bases teóricas tornam-se obsoletas, “a técnica determina o ocaso de todas as ideologias, pelo fato de que estas se apresentam, não como sistemas hipotéticos, mas como verdades imutáveis” (Galimberti, 2006, p. 460-461), a técnica, por sua vez, mantém um vigor ao adaptar-se para incorporar novos conhecimentos em sua busca contínua pela eficácia.

A técnica não é ideologia porque, diferentemente da ideologia que pensa a si mesma como imutável, a técnica pensa as próprias hipóteses como *em princípios* superáveis; por isso, enquanto ideologia morre no momento em que seu núcleo teórico *não faz mais mundo*, e muito menos o *explica*, a técnica, que vive e se alimenta da *superação* das próprias hipóteses teóricas, não se extingue no momento em que um núcleo teórico

se revela ineficaz, porque não ligou a verdade a esse núcleo teórico, mas à sua eficácia produtiva e explicativa, que pode ser muito bem garantida por outros núcleos teóricos (Galimberti, 2006, p. 460)

A técnica emerge como um agente disruptivo porque, para Galimberti (2006), ao contrário da ideologia, a capacidade adaptativa dela, muito ao contrário da rigidez ideológica, contribui para a resiliência e perenidade da técnica diante das transformações sociais e dos avanços científicos. Diante disso, a noção de ideologia delineada pelo italiano está na perpetuação das estruturas de poder, o qual tende “a ocultar a dependência das superestruturas em relação à estrutura econômica da sociedade” (Galimberti, 2006, p. 468).

Esse mecanismo de ocultação, ao fazer prevalecer valores favoráveis à classe dominante, é o cerne da falsa consciência ideológica na visão de Marx, corroborada pelo filósofo italiano, em que se difunde concepções e valores moldados pelas relações de produção vigentes, refletindo:

Função da ideologia²³ é [...] de fazer valer para todos esses valores, que, na realidade, só são vantajosos para a classe dominante. Nisso está a falsa consciência da ideologia, que, consciente ou inconscientemente, difunde ideias e valores nascidos de certas relações de produção (Galimberti, 2006, p. 468).

Retornando ao processo de reificação humana pela técnica (ver seção 2.4.1.) Galimberti (2006) aponta para uma concepção em que a racionalidade técnica estabelece-se como a mais alta expressão de inteligência humana, fundamentada em visões baconianas que exprimem como característica a própria natureza humana. Para o filósofo italiano, é a capacidade adaptativa da técnica, e não a imutabilidade das ideologias, que a mantém resiliente diante das transformações sociais e científicas, perpetuando-se, dessa forma, como um sistema flexível e capaz de ajustar-se às demandas dos contextos humanos em constante evolução.

A reificação do homem realizada pela técnica, como expressão mais alta de racionalidade, tem o seu fundamento no pressuposto baconiano segundo o qual a cegueira, o engano e a falsa consciência são prerrogativas da natureza humana e, portanto, em certo sentido, leis da natureza. A consequência política de tal imposição

²³ Galimberti corrobora com a explicação de Marx: “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes; isto é, a classe que a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, a sua força espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material, com isso dispõe também os meios de produção intelectual, de modo que a esta, em conjunto, são submetidas as ideias daqueles aos quais faltam os meios da produção intelectual. As ideias dominantes nada mais são que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes tomadas como ideias: são, pois, a expressão das relações que justamente fazem de uma classe a classe dominante e, portanto, são as ideias do seu domínio” (Marx, K; Engels, F. *l'ideologia tedesca*, I, 3, p. 44 - 45 *apud* Galimberti, 2006, p. 469).

é que o domínio exercido sobre aqueles que o sofrem é, por sua vez, fundado em tal lei, e que desse domínio podemos nos emancipar subordinando a natureza humana às regras da racionalidade científica (Galimberti, 2006, p. 462)

Não mais um mundo *natural* a ser interpretado a partir de ideias eternas, mas um mundo *artificial* a ser construído a partir de hipóteses concebidas desde o início como ultrapassáveis (Galimberti, 2006, p. 461)

A predominância da abstração na racionalidade técnica, de acordo com Galimberti (2006), manifesta-se na organização científica para reduzir todas as qualidades a quantidades e as atividades do trabalho humano em meros recursos funcionais. Essa racionalidade, “típica da organização científica, que resolve toda qualidade em quantidade e toda atividade laboral em *recurso* funcional” (Galimberti, 2006, p. 483-484) desprovida de ideologia, revela-se como *pura razão técnica*, em que a eficiência e a funcionalidade são priorizadas em detrimento de considerações humanísticas ou éticas. Sendo assim, para o italiano, a técnica mostra-se como um sistema altamente organizado e eficaz, mas que muitas vezes relega a segundo plano aspectos essenciais da experiência humana, colocando em destaque a primazia da lógica instrumental da Idade da Técnica.

A inversão dos papéis entre a técnica e as ideologias, demonstram, para Galimberti (2006), um estágio avançado do desenvolvimento tecnológico, e nesse avanço é a técnica que assume um papel central e dominante. De acordo com o filósofo italiano, as ideologias são compelidas então a adaptar-se e subordinar-se aos imperativos da técnica, reconhecendo que sem a incorporação e o aproveitamento das inovações tecnológicas, nenhuma ideologia poderá prosperar ou prevalecer sobre as alternativas concorrentes. Em razão disso, o italiano sugere um cenário em que a eficácia e o avanço da técnica tornam-se critérios primordiais, ofuscando a influência e a relevância das ideologias tradicionais, que antes moldavam a estrutura social e política.

A essa altura, o aparato²⁴ técnico não é mais um *meio* de que podem se apoderar as ideologias, mas são as ideologias que devem subordinar a realização dos próprios objetivos ao incremento do aparato técnico, sem o qual nenhuma ideologia é capaz de prevalecer sobre a ideologia alternativa (Galimberti, 2006, p. 486).

A dinâmica própria entre a técnica e as ideologias evidenciou, para Galimberti (2006), que no embate entre ambas a supremacia da técnica é incontestável. Pois, para ele, as ideologias

²⁴ Galimberti confirma a tese de Severino: “O Aparato transformou a própria natureza, e de meio, instrumento, tornou-se fim. De meio para a realização dos objetivos ideológicos, para o incremento indefinido da força do Aparato, tornou-se o fim supremo das ideologias, isto é, o objetivo ao qual se subordina a realização dos objetivos ideológicos” (Severino, E. *La filosofia futura*, p. 72 *apud* Galimberti, 2006, p. 486).

são compelidas a submeter-se ao imperativo do progresso técnico, uma vez que, como dito no parágrafo anterior, qualquer obstáculo imposto por suas metas ou objetivos deve ceder diante da necessidade de preservar e promover o avanço da técnica. Para o italiano, essa subordinação das ideologias aos procedimentos técnicos revelam uma ordem de prioridades em que a eficiência e a funcionalidade técnica devem prevalecer sobre as agendas ideológicas, enfatizando a centralidade da técnica na configuração e na reorientação das estruturas sociais e políticas na Idade da Técnica.

No nexos sociedade e racionalidade técnica aninha-se todo possível conflito entre técnica e ideologia, porque, se a ideologia só pode realizar os próprios objetivos servindo-se da técnica, caso esses objetivos dificultem ou conflitem com o desenvolvimento da técnica, o que deverá ser sacrificado serão os objetivos ideológicos, não a técnica, que é condição indispensável para a sua realização (Galimberti, 2006, p. 488)

O colapso do sistema comunista na Europa Oriental marcou um momento histórico de grande significado na dinâmica do domínio técnico sobre a ideologia. De acordo com Galimberti (2006), o fim do comunismo naquela região representou a queda de um sistema político e marcou a transformação de relações: de poder, da economia e da própria noção de ideologia. Para o italiano, o declínio do comunismo no leste europeu foi, em parte, catalisado pela ascensão da racionalidade técnica, pois impôs desafios insuperáveis ao modelo ideológico comunista, que foi incapaz de competir com a eficiência e a produtividade oferecidas pela economia de mercado do mundo ocidental e suas tecnologias. Galimberti (2006), observa:

O comunismo do Leste fracassou porque a ideologia da solidariedade, que se propunha a satisfação universal das necessidades, estava em confronto com o fortalecimento do próprio aparato técnico, necessário para enfrentar a ideologia capitalista do Oeste e realizar o objetivo da ideologia socialista. A insuficiência do aparato técnico do Leste em relação à do Oeste, e não o desejo de democracia, é que definiu o declínio da ideologia comunista (Galimberti, 2006, p. 488)

A supremacia do domínio da técnica sobre as ideologias aponta, de acordo com Galimberti (2006), para uma reconfiguração profunda da política e, também, da ética. O avanço da técnica como condição essencial para alcançar os objetivos propostos pelas ideologias levou ao declínio destas, porque o reflexo dessa transformação na esfera política revelou uma crise de identidade ideológica e ética. Isso implicou em uma necessidade de redefinição dos fundamentos políticos, culminando em busca por novos, e compatíveis, paradigmas políticos para a Idade da Técnica.

Colocando-se como condição essencial para a realização dos objetivos que as ideologias se propõem, a técnica subordina a si todas as ideologias e, nessa subordinação, dissolve-se todas. Mas, o declínio das ideologias ameaça levar consigo a política, a ética e a religião, que, nas formas em que a tradição as apresenta, revelaram-se carregadas de ideologia. Trata-se, então, de entender qual política, qual ética e qual religião são possíveis – e se são possíveis – na idade da técnica (Galimberti, 2006, p. 492)

Conforme descrito por Galimberti (2006), o domínio técnico sobre a política resultou em uma mudança significativa no papel desta instituição de fundamental importância na vida humana. De acordo com o filósofo italiano, no tempo antigo, a política era vista como “uma forma de adaptação ativa” (Galimberti, 2006, p. 509), de controle dos indivíduos para uma adaptação dinâmica às condições externas, muitas vezes determinadas pela natureza. Contudo, com o avanço da técnica, as condições externas passaram a ser determinadas pela própria técnica, que submeteu a política em uma posição de “adaptação passiva” (Galimberti, 2006, p. 509). Nesse contexto, “significa dizer que é a técnica que decide sobre o conteúdo e sobre a forma da política” (Galimberti, 2006, p. 509), ou seja: a política é obrigada a acompanhar o progresso técnico sem, porém, ter controle sobre tal, afinal, a técnica apenas garante agora a sua continuidade e efetividade diante das transformações em curso na sociedade. Como descreve Galimberti (2006):

A política, que, como institucionalização desse controle, sempre se expressou sob a forma de *adaptação ativa*, agora que as condições externas da existência são determinadas, não mais pela natureza, mas pela técnica, encontra-se numa condição de *adaptação passiva*, obrigada a perseguir o progresso técnico que não pode controlar e muito menos direcionar, mas só garantir (Galimberti, 2006, p. 509)

Conforme destacado pelo autor, o avanço da técnica “tornou evidente, não só que não se pode estabelecer fins sem levar em conta os meios” (Galimberti, 2006, p. 510), mas também a própria invalidação de uma política que não considere tal relação. Isso marca a interdependência entre fins e meios. Para o autor de *Psiche e techne* a política vê-se confrontada com uma forte redução de poder hierárquico, já que a legitimidade do comando baseia-se agora na consideração de meios técnicos disponíveis. Dessa maneira, o italiano compreende que, “como premissa decisória para sucessivas decisões políticas, a técnica decide sobre as decisões” (Galimberti, 2006, p. 509).

Portanto, a técnica passa a exercer um controle significativo sobre a política, influenciando suas decisões e também a própria estrutura de autoridade que se viu compelida a adotar abordagens, condicionadas e baseadas, em princípios científicos: “assim, subverte aquela hierarquia tradicional, a partir do princípio do agir racional que prevê o primado do fim sobre

os meios” (Galimberti, 2006, p. 509-510). Isso define, de vez, a perda do tradicional princípio de autoridade que havia na política:

... pareceria de todo irracional uma política que tivesse de prescindir do esquema “*dado este meio, então este fim*”. Nas relações sociais isso significa forte redução do poder hierárquico, porque o comando tira a sua legitimação [...]. Desse modo, a técnica termina por dispor de métodos muito eficazes para controlar, se não até para guiar, a política, cujos comandos, dado esse condicionamento, não podem configurar-se de outra forma como “programas condicionais” [...] não diferentes das hipóteses científicas nascidas justamente da rejeição do princípio de autoridade (Galimberti, 2006, p. 510).

A política se encontra, pois, em uma posição de relativa impotência diante do avanço da técnica. De acordo com Galimberti (2006), a orientação da pesquisa técnica agora não depende mais do direcionamento da esfera política, mas sim dos resultados alcançados e das perspectivas que a própria técnica abre para si em futuras descobertas. Somente após a obtenção desses resultados é que a política pode intervir, desde que sua intervenção esteja alinhada com a eficiência e os princípios da racionalidade técnica. Assim, para o italiano, a técnica assume um papel dominante sobre a política, ditando os rumos da pesquisa e das possibilidades de intervenção da própria política, condicionando-a à sua própria lógica de funcionamento.

Mas a política não pode realizar essa obra de mediação, porque a técnica não espera da política a orientação da sua pesquisa, a partir do momento em que essa orientação nasce dos resultados conseguidos e das antecipações que se podem fazer a partir desses resultados, e só depois que certos resultados foram alcançados pelo processo de crescimento autônomo da técnica é que a política pode criar uma conexão com os problemas práticos, na medida em que a sua solução seja compatível com a economicidade da racionalidade técnica (Galimberti, 2006, p. 511).

De acordo Galimberti (2006), mesmo que a técnica tenha diminuído o poder da autoridade política, não se notou proporcionalmente um fortalecimento dos processos democráticos. Pelo contrário, a crescente subordinação da política à administração tecnocrática tende a esvaziar o conteúdo democrático das instituições políticas, reduzindo a participação popular a um papel meramente simbólico, de forma que “a população legitima as pessoas que devem tomar decisões dentro do cenário desvelado e predisposto pela técnica” (Galimberti, 2006, p. 510-511).

Para o filósofo italiano, a população torna-se indiferente em relação aos diferentes grupos que disputam o poder político, pois percebe que suas escolhas eleitorais têm pouco impacto sobre os critérios que regem o exercício do poder. Assim, a predominância da técnica

na esfera política mina as bases da democracia participativa e enfraquece a capacidade dos cidadãos de influenciar efetivamente as decisões políticas que afetam suas vidas.

O fato de a técnica reduzir o princípio de autoridade não significa que alarga ou favorece o processo democrático; ao contrário: a redução do domínio político a administração tecnocrática priva de *objeto* toda a formação democrática originada das vontades, [...], à população só pode mesmo ser indiferente a qual dos grupos dirigentes concorrentes chega ao poder, e por isso a sua função política se reduz à escolha de *quem* garantirá posições de poder político, sem poder intervir sobre os critérios que regula a gestão desse poder (Galimberti, 2006, p. 510).

3.3. A impotência da ética face ao progressivo incremento da técnica

O domínio técnico sobre a política também tem implicações significativas para a ética. De acordo com Galimberti (2006), com o avanço da técnica, a política vê-se cada vez mais incapaz de desempenhar o seu papel tradicional de integrar o indivíduo à sociedade por meio do compartilhamento de valores éticos até então comuns: “o sistema político perde aquela *função integradora* do indivíduo com a sociedade” (Galimberti, 2006, p. 516). Ao invés disso, as interações políticas agora são mediadas em função da facilitação da comunicação em atendimento às expectativas e aos recursos disponíveis, isso em detrimento da consideração do indivíduo em si e de sua ética individual. Nessa condição, a técnica exerce uma pressão sobre a política para se afastar da tradição ética baseada na ação: “não mais com o critério pessoal do amigo e do inimigo, como ocorria nas sociedades arcaicas, mas com aquele *funcional* do papel desempenhado” (Galimberti, 2006, p. 516).

A adoção dessa abordagem baseada na funcionalidade do indivíduo, alinha-se à lógica técnica como o único meio de efetivar um governo eficiente do social. Diz o autor:

Hoje, quando a técnica não permite mais à política desempenhar uma função integradora do indivíduo com a sociedade, a interação e, portanto, as expectativas, as motivações e os recíprocos controles ocorrem mais com referência à pessoa, mas aos papéis que, em relação às pessoas, garantem uma comunicação mais unívoca em vista das expectativas e dos recursos. [...] Desse modo, a técnica obrigou a política a se separar da sua tradição milenar inspirada na ética da ação, e a se expressar em termos funcionais, que, justamente porque são congêneres à técnica, hoje aparecem como os únicos que permitem um governo do social (Galimberti, 2006, p. 516).

A democracia na Idade da Técnica torna-se dependente da existência de uma opinião pública informada e, para isso, é preciso existir “a tradução de informações entre as competências técnicas” (Galimberti, 2006, p. 511), ao ponto de ser apenas possível para os cidadãos comuns avaliar as decisões políticas com base em indicadores estritamente técnicos. Isso implica que a política, ao tomar decisões, precisa agora levar em consideração os aspectos

éticos modificados pela técnica, como forma de tradução que leve à aceitação dos indivíduos. O italiano traz esse fenômeno como sendo uma nova abordagem ética, que, orientada pela competência técnica, toma as decisões políticas:

Nas sociedades de alto nível tecnológico, só se pode falar de democracia se estiver presente uma opinião pública competente, e portanto capaz de julgar as decisões que a política assume a partir de indicação técnica (Galimberti, 2006, p. 511).

As reflexões de Galimberti (2006), leva a todos a compreensão sobre o impacto da técnica no cenário político contemporâneo. À medida que a técnica tornou-se dominante, assistimos ao declínio das ideologias tradicionais. Incapazes de adaptarem-se à lógica da eficácia técnica, elas passaram a buscar dentro da própria técnica estrutura para subsistir. Como consequência, assistimos a política subjugada pela racionalidade técnica, relegando suas funções tradicionais a um segundo plano, e sendo guiada pelo aval do incremento técnico por hora disponível.

Galimberti (2006) expõe a necessidade de uma opinião pública competente, capaz de avaliar as decisões políticas à luz dos conhecimentos técnicos, demonstrando a complexidade dessa interação. Para o italiano, o fim das ideologias e a submissão política diante da técnica representam desafios significativos para a democracia e a ética, exigindo uma redefinição dos seus papéis tradicionais e uma abordagem mais integrada e informada para a tomada de decisões em um mundo cada vez mais permeado pelos avanços tecnológicos.

Na Idade da Técnica a interação entre a ética e a técnica emerge como um tema de considerável relevância, devido a sua complexidade e profundidade. De acordo com Galimberti (2006), as “finalidades que a técnica não escolhe, mas obtém como resultado dos seus procedimentos, e que a ética tem diante de si como eventos não escolhidos, dos quais o seu *agir* não pode prescindir” (Galimberti, 2006, p. 519) demonstram a crescente supremacia da técnica e tem desafiado e, em muitos aspectos, minado a eficácia das éticas tradicionais.

O nascimento de uma dinâmica na qual a ética encontra-se em um estado de impotência diante do avanço técnico é um problema genuíno humano. E é esse fenômeno, por sua vez, que lança luz sobre a difícil relação entre os imperativos éticos e as demandas práticas da técnica no tecido social contemporâneo. Os humanos incapazes de resolvê-lo, buscam uma resposta, às vezes, inconsistente a desafios impostos pela técnica, “isso significa que não é mais a ética que promove a técnica, mas é a técnica que condiciona a ética, obrigando-a a tomar posição a parte de uma realidade, não mais *natural*, mas *artificial* que a técnica não cessa de construir e tornar possível” (Galimberti, 2006, p. 519).

De acordo com Galimberti (2006), anteriormente, a ética era vista como a guardiã da moralidade humana, enquanto a técnica limitava-se à busca de meios para alcançá-las. No entanto, essa distinção apaga-se à medida que os objetivos da técnica confundem-se com os próprios resultados alcançados pelas operações técnicas, agora eficientemente racionalizadas. Para o italiano, a ética é confrontada com sua própria impotência, ou seja, é incapaz de influenciar significativamente as decisões e ações da técnica, que moldam cada vez mais, o tecido social. A emergência dessa dinâmica entre ética e técnica acaba por desafiar as concepções tradicionais da ética. O filósofo monzino destacou a necessidade de repensar o papel e os limites da ética diante do avanço implacável da técnica.

Na idade da técnica, a ética celebra a sua impotência, a sua incapacidade para impedir que a técnica faça o que é capaz de fazer. A antiga convicção que atribuía à ética a tarefa de escolher os fins, e à técnica o encontro dos meios para sua realização, é ultrapassada no dia em que o fazer técnico assumiu como fins aqueles que resultam das suas operações (Galimberti, 2006, p. 519).

Buscando compreender essa mudança de paradigma entre a ética e a técnica Galimberti (2006) procurou analisar a perspectivas dessas mudanças desde a Idade Média, passando pelo Iluminismo modernista até chegar à dominação técnica contemporânea.

3.3.1. O dissídio entre técnica e ética

Para o filósofo italiano, a visão teológica medieval contribuiu para a homologação entre ética e técnica, ao associar a noção de domínio humano sobre a natureza à vontade divina, em que:

com o nascimento da ciência moderna, a perspectiva dos antigos se inverte, porque, traduzida a natureza como um laboratório onde o homem experimenta as suas intenções, o agir intelectual (*theoría*) não é mais o fim a que o fazer produtivo (*poíesis*) fica subordinado, mas o princípio que liberta o fazer produtivo, do qual o reto agir não pode prescindir (Galimberti, 2006, p 521).

A partir desse entendimento, Galimberti (2006) enxerga que o fazer técnico não é apenas uma atividade concreta, mas também uma expressão da dita vontade divina atribuída ao homem para governar sobre a criação. Dessa forma, para o filósofo italiano, a ética passa a ser orientada não apenas por princípios morais, mas também pela noção de cumprimento de uma missão divina através da manipulação técnica do mundo. O italiano destaca assim que a grande responsável por moldar a práxis na sociedade ocidental seria essa confluência entre esse enraizamento de ética e técnica na concepção teológica cristã.

Essa homologação do agir (*práxis*) sobre o fazer (*poíesis*) e, portanto, da ética sobre a técnica, foi preparada pela teologia medieval, que substituindo a visão grega da natureza [...] pela visão bíblica da natureza como *mundo* que Deus entregou ao homem para ser dominado, colocou as premissas para que o homem visse no fazer técnico a realização da tarefa a ele atribuída por Deus, e portanto a norma do seu agir ético (Galimberti, 2006, p. 521).

A dominação da técnica sobre a ética manifesta-se, segundo Galimberti (2006), quando o fazer técnico passa a determinar o agir ético. Nesse caso, a autonomia moral é substituída pela eficiência técnica. Então, a ética vê-se subjugada pelo imperativo técnico, já perfeitamente estipulado, que impõe seus próprios fins e critérios para avaliação. Valores éticos tradicionais acabam relegados a um plano secundário ou marginal. Dessa forma, diz o autor, “o fazer superou em muito o agir, e essa é a razão pela qual a ética, que domina o agir, não é capaz de regular a técnica, da qual procede o fazer” (Galimberti, 2006, p. 523).

Essa inversão de papéis coloca em xeque a capacidade da ética de guiar as ações humanas em direção ao bem comum. Ao mesmo tempo, realça-se o poder avassalador das tecnologias contemporâneas na definição dos rumos da sociedade. Torna-se evidente que a mera denúncia dos perigos do desenvolvimento tecnológico descontrolado não é suficiente para resolver o dilema ético no qual se encontra a sociedade atualmente. Na perspectiva galimbertiana, porém, é imperativo mostrar como a ética pode efetivamente influenciar a capacidade da técnica de realizar determinadas ações. Nesse sentido, caso a ética continue impotente diante do imperativo técnico, sua exigência de estabelecer limites à técnica será reduzida a uma mera aspiração, incapaz de manifestar-se na prática: “só se pode falar de ‘responsabilidade’ na presença de uma consciência da própria ação e das suas consequências, lá onde o saber individual e coletivo é inadequado à ordem de grandeza da competência técnica que confere poder ao nosso agir” (Galimberti, 2006, p. 525).

Sendo assim, a questão central reside na capacidade da ética de exercer efetivamente um controle sobre as possibilidades projetadas pela própria técnica, o que, segundo o filósofo italiano, pode representar um desafio considerável diante da atual dinâmica do tecido social.

O problema, de fato, não se resolve denunciando o risco ligado ao desenvolvimento descontrolado da técnica, mas mostrando como a ética pode impedir, que a técnica faça aquilo que pode fazer. Se a ética não tem essa possibilidade, a sua exigência de pôr um limite à técnica fica sendo mera aspiração, que não se torna realidade nem mesmo seguindo a hipótese de Jonas²⁵, que aliás, é autocontraditória (Galimberti, 2006, p. 526).

²⁵ Galimberti critica a visão de Hans Jonas: “Jonas propõe como remédio ‘a responsabilidade originária dos cuidados parentais dos pais em relação aos filhos’, exercida sob o registro da geração presente em relação à geração

A ética procura estabelecer limites e orientações morais para o avanço da técnica. Já a realidade mostra que a efetivação desses limites é uma tarefa duramente desafiadora, pois simplesmente denunciar os perigos tecnológicos oriundos do desenvolvimento descontrolado da técnica não resolverá o problema da racionalização técnica sobre a ética. Galimberti (2006) entende que ao “dissolver o pressuposto humanista, porque onde a técnica, com a sua autonomia, não se limita a contrapor-se ao homem, mas é capaz de integrar o homem no aparato técnico” (Galimberti, 2006, p. 538).

Todavia, o autor de *Psiche e techne* entende como necessário demonstrar como a ética realmente pode intervir para impedir que a técnica ultrapasse determinados limites. No entanto, se a ética não dispõe dos meios eficazes para conter os avanços técnicos, sua exigência de limitação acaba por se tornar uma mera aspiração: “os sistema de valores que está na base do pressuposto humanista cairia, porque na regulação dos comportamentos se revelaria menos eficaz do que as normas funcionais induzidas pelas exigências técnicas” (Galimberti, 2006, p. 538).

Essa dinâmica evidencia um conflito entre os ideais éticos e a sua real capacidade influenciadora sobre o curso do desenvolvimento tecnológico. Existindo dessa maneira uma verdadeira complexidade e desafios a serem enfrentados na busca por um equilíbrio entre os domínios éticos e técnicos.

A essa altura, a ética, como indicação do “dever ser”, não pode senão render-se à técnica, que sabe como as coisas “devem andar” para otimizar, segundo os critérios da mais rigorosa racionalidade, o bem-estar e o seu crescimento, segundo um esquema evolutivo que se parece mais com um processo natural do que com um processo histórico (Galimberti, 2006, p. 539).

Diante dessa perspectiva galimbertiana é importante destacar que a ética dissolve-se e perde a influência e relevância diante crescente domínio da técnica. Para o filósofo italiano a história deixa de ser moldada pelas ações humanas e pelo desenvolvimento das práticas e valores éticos. Ela passa a ser ditada pelo ritmo insensível da evolução técnica: “como teatro da práxis, em favor de um tempo não mais ritmado pelas ações do homem, mas pelo ritmo da evolução técnica que a ação do homem tenta governar” (Galimberti, 2006, p. 539). Porém, a

futura. Portanto, de novo um modelo antropocêntrico para corrigir o limite antropocêntrico da ética tradicional” (Galimberti, 2006, p. 526). Entretanto, “a imprevisibilidade das consequências que podem brotar dos processos técnicos torna, pois, não só a ética da intenção (o cristianismo e Kant), mas também a ética da responsabilidade (Weber e Jonas) absolutamente ineficazes, porque a sua capacidade de ordenamento é muito inferior à ordem de grandeza daquilo que se gostaria de ordenar” (Galimberti, 2006, p. 531).

tentativa de governar esse ritmo técnico torna-se uma tarefa cada vez mais desafiadora para a humanidade. Em última análise, a visão de Galimberti (2006) sobre a dominação da técnica sobre a ética revelou um cenário no qual os valores morais tecidos pela ética tradicional tornam-se progressivamente obsoletos diante do avanço incessante da técnica.

Dessa maneira, à medida que a técnica transforma-se no principal motor da mudança social e da histórica, a ética é relegada a um papel secundário, ainda incapaz de competir com a lógica impessoal eficiente da racionalidade técnica. Então, o filósofo italiano aponta para um futuro no qual os valores humanos tradicionais deixarão espaço para a supremacia implacável da técnica. Ela, por sua vez, continuará desafiando os fundamentos éticos e morais que, desde séculos passados, orientaram a conduta humana. No entanto, resta uma esperança (quase imperceptível) à humanidade, conforme destacado por Azambuja *et al.* (2022). Ela consiste no despertar da humanidade para o processo de absolutização da técnica e isso implica no reconhecimento de algumas habilidades humanas dentro do contexto educacional.

3.4. A Educação na Idade Da Técnica

Galimberti (2006) não aborda diretamente a questão de uma Educação Tecnológica.²⁶ No entanto, *Psiche e techne* refere-se a temas como a remodelação das formas de educar, nas aprendizagens estruturadas em questões éticas, antropológicas e técnicas. Também analisa o distanciamento da sociedade, em geral, de atitudes ditas humanistas. Assim, o italiano propõe formas de conhecimento que possam despertar valores humanos em uma sociedade altamente tecnológica. Parece, então, que Galimberti (2006) destaca a necessidade de uma Educação que instrua os indivíduos a utilizar as tecnologias e que desperte, também, a capacidade para fazer escolhas eticamente estruturadas em um mundo cada vez mais dominado pela técnica. Isso sugere a busca por uma Educação - inclusive a Tecnológica – que transmita conhecimentos técnicos e que também promova uma compreensão mais profunda das implicações éticas e sociais das tecnologias.

A proposição da tese que caracteriza a técnica como um absoluto da vida humana envolve um percurso da dominação técnica. Ela vai do mito prometeico até sua completa absolutização da vida humana, culminando no que ele denominou como Idade da Técnica, tendo por base filósofos como Marx, Heidegger e Severino. E ao afirmar que “a técnica não é

²⁶ Para o conceito de Educação Tecnológica utilizado aqui ver Grinspun (2002, p. 57): “Educação Tecnológica diz respeito ou à formação do indivíduo para viver na era tecnológica, de forma mais crítica e mais humana, ou à aquisição de conhecimentos necessários à formação profissional (tanto formação geral como específica”. (Grinspun, Mírian. P. S. Zippin. Educação tecnológica: *desafios e perspectivas*. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002. 232 p.).

o homem” (Galimberti, 2006, p. 17), o filósofo monzino enfatiza a centralidade da dignidade humana. Indica, pois, que a técnica é apenas uma extensão das capacidades humanas, e não a instância que deve definir a essência ou o valores intrínsecos dos indivíduos.

Na década de 2010, Galimberti concedeu entrevistas sobre a temática da dominação técnica para diversos veículos de comunicação ligados ao meio acadêmico e revistas de generalidades que abordam a temática da Educação, incluindo a revista *Educação*²⁷. Ao longo da entrevista²⁸ Galimberti (2011) sugeriu que o fracasso da Educação reside na subutilização da escola pública, especialmente pelos jovens, no sentido de construção de “todo aparato emotivo, sentimental, emocional” (Galimberti, 2011) que lhes competiria para uma vida adulta plena. Mais recentemente, Galimberti (2022) reafirmou, em uma palestra proferida no *Festival Filosofia*²⁹, sua visão acerca do fracasso da Educação: de que ela apenas instrui, e não educa os jovens para as responsabilidades emocionais com seus pares. Diz o autor:

A escola italiana ensina quando consegue, mas não educa. Porque a educação é algo mais do que instrução. A instrução é uma transferência de informação daqueles que a possuem para aqueles que não a possuem. A educação, por outro lado, é uma cura para os aspectos funcionais, emocionais e sentimentais. Esta é a educação porque como diz Platão “a mente não pode ser aberta se o coração não tiver sido aberto primeiro” (Galimberti, 2022).³⁰

Em *Psiche e techne*, Galimberti (2006) converge com o que anteriormente havia proferido quando argumenta que, em um mundo cada vez mais dominado pela técnica, é fundamental cultivar as subjetividades da dimensão humana, uma vez que “hoje as ações do indivíduo não são interpretadas como expressão de sua identidade, mas como possibilidades calculadas pelo aparato técnico” (Galimberti, 2006, p. 19), o qual não promovem a empatia, a solidariedade ou a responsabilidade social.

Conforme apresentado no Capítulo II, a técnica adquiriu uma condição de fim em si mesma. Ao mesmo tempo que descreveu o processo de dominação técnica, Galimberti (2006) convida a repensar a condição humana diante do agir e do fazer técnico, levando à promoção

²⁷ A revista *Educação* é uma plataforma com edições impressas, digitais, site e redes sociais, destinada a mantenedores, educadores e interessados em educação. Disponível para acesso em: <https://revistaeducacao.com.br>.

²⁸ Entrevista com Umberto Galimberti. *Os perigos da técnica*. Para o filósofo italiano, a sociedade atual ainda preserva uma ética pré-tecnológica e expõe crianças e jovens a estimulação excessiva, que resulta em apatia da psique. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2011/09/10/os-perigos-da-tecnica/>

²⁹ É um amplo programa criativo de exposições e instalações, de espetáculos e concertos ao vivo, de jogos e workshops, de filmes e de jantares filosóficos que oferecem formas de aceder a temas muitas vezes surpreendentes. Tem objetivo de realçar as ligações virtuosas entre as formas de reflexão e as de criação artística. Disponível em: <https://www.festivalfilosofia.it/il-festival>

³⁰ Tradução própria.

de reflexões éticas. Para o autor, “talvez só seja possível falar de ética enquanto durar essa persuasão humanista, segundo a qual o homem pode dispor dos meios técnicos e pode orientar-se segundo os objetivos que ele se propõe” (Galimberti, 2006, p. 537).

Na próxima seção busca-se estabelecer uma interface entre a obra de Galimberti (2006) com a Educação, incluindo àquela tecnológica. Para tanto, será feita uma abordagem baseado em uma perspectiva transdisciplinar³¹, uma vez que o autor propôs a integração de diversas áreas do conhecimento para a construção da sua tese, em particular as áreas da antropologia, da ética e da comunicação como fonte de amadurecimento, aprendizado e formação de saberes humanos.

3.5. Filosofia da Técnica galimbertiana e a Educação Tecnológica: interfaces

Galimberti (2006) demonstra preocupação com a tendência atual da instrução escolar ou nos institutos de formação. Para o italiano as instituições de ensino parecem cada vez mais direcionadas para uma mera transmissão de competências técnicas. Nelas, as “potencialidades sentimentais, pulsionais e emotivas foram completamente zeradas pelas exigências intelectuais de que se nutre a cultura objetivada das coisas em relação à cultura subjetiva dos indivíduos” (Galimberti, 2006, p. 785). Diante disso, o autor considera repensar o papel da Educação, na busca por um ideal educativo mais amplo. Com isso, pretende-se resgatar dimensões humanistas na formação, fundamentando-se em valores éticos e emocionais dos indivíduos. Como tal, vemos que para o filósofo italiano a Educação não deveria limitar-se à transmissão de habilidades técnicas ou tecnológicas. Ela também deve cultivar valores, promover o desenvolvimento integral dos jovens e prepará-los para enfrentar os desafios éticos e sociais do mundo na Idade da Técnica.

A esse tipo de cultura hoje se renderam completamente também a instrução escolástica e, mais em geral, os institutos assim chamados ‘de formação’, que parecem ter definitivamente renunciado a qualquer ideal educativo e formativo, em favor da pura e simples aquisição de instrumentos e competências técnicas (Galimberti, 2006, p. 786)

Ferrante (2014) também discute essa Educação pós-humanista e suas implicações pedagógicas. Ele descreve que as mudanças culturais, midiáticas e tecnológicas têm transformado profundamente diversos aspectos da vida humana, incluindo estilos de vida,

³¹ Em *O Manifesto da Transdisciplinaridade*, Basarab Nicolescu (1999) descreve que a transdisciplinaridade “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (Nicolescu, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 1999. 167 p.).

ambientes urbanos e naturais, trabalho, alimentação e percepções do tecido social (Ferrante, 2014). Como consequência, torna-se fundamental refletir sobre o impacto dessas transformações na Educação, suas implicações pedagógicas e como ajustar os processos educacionais para enfrentar os desafios do cenário atual. Assim, sua visão aproxima-se daquela de Galimberti (2006), cujas ideias sobre a técnica desempenham um papel fundamental na transformação humana.

Para Ferrante (2014, p.17) a técnica é referência “de uma mudança antropológica”, ou seja, “uma alteração nos modos pelos quais o ser humano não apenas vive, pensa, imagina e descreve o mundo e a realidade, mas também vive, pensa, imagina e se descreve”. Essa é a essência do pensamento galimbertiano, em que a noção de descrição do mundo pré-moldado pela técnica fundamenta-se na autorrepresentação do próprio mundo humano e na sua percepção do mundo circundante. Ferrante ainda diz que essa descrição (torna-se um projeto para si mesmo e, portanto, acredita ser possível segurar firmemente as rédeas do próprio destino” (Ferrante, 2014, p. 201). Entretanto, essa visão, como mostra Galimberti (2006) é limitada pelos avanços técnicos que visam um projeto que permita aos indivíduos delinearem um futuro incrementando a própria técnica.

De acordo com Galimberti (2006), na construção do conhecimento e na formação das percepções dos indivíduos sobre o mundo a Educação tem fundamental importância. Ao descrever o mundo de uma maneira que permita aos indivíduos entenderem e preverem as situações, ela se tornará a ferramenta fundamental para proporcionar uma compreensão com mais significados da realidade humana. Nesse cenário, educar não se limita apenas à transmissão de informações. Para o filósofo italiano “educar significa, antes de tudo, descrever o mundo de um modo que permita a todos tratar as coisas de maneira bastante previsível” (Galimberti, 2006, p. 725).

Galimberti (2006) destaca a influência do ambiente dos indivíduos para o processo de aprendizagem e de formação desde os primeiros momentos da vida humana. É assim que, para o italiano, a Educação assume um papel ainda mais crucial na Idade da Técnica. Ela torna-se responsável por mediar a compreensão do mundo porque “cada um de nós aprende o sentido das coisas a partir da descrição que das coisas nos fazem aqueles que cuidam da nossa educação” (Galimberti, 2006, p. 725).

Os homens sempre pensaram habitar o “mundo”; na realidade, jamais saíram da “descrição” que várias épocas deram do mundo. [...] Talvez o homem nunca tenha tido contato com as coisas, mas sempre e unicamente com as ideias que fazem das coisas. Se assim não fosse, não poderíamos falar de história e de sucessão de épocas (Galimberti, 2006, p. 724)

Em continuidade a essa visão antropológica na Educação, antes do processo de aprendizado, é necessário um processo de amadurecimento de estruturas biológicas dos indivíduos. É por meio dessas estruturas que eles terão acesso ao mundo ao seu redor e, gradativamente, aumentando o nível de reconhecimento do ambiente à sua volta. Ele diz:

o amadurecimento biológico, entendido como amadurecimento dos órgãos, dos recursos sensoriais e motores, acontece sob a influência crescente do *ambiente*, portanto em situação de aprendizado (Galimberti, 2006, p. 107-108).

Apenas após o amadurecimento das estruturas biológicas é que os indivíduos são capazes de aprender: aprendem movidos pelas influências do seu entorno desde o momento do nascimento, em um processo, não sucessivo, mas de adaptação contínua aos estímulos a que são expostos. Dessa forma, a própria cultura humana tem um papel fundamental de educar. É nela que acontecem os primeiros estímulos sensoriais e emocionais que levam os indivíduos a aprendizagem gerando respostas em vários níveis:

Se os recursos sensoriais, motores e expressivos só podem amadurecer biologicamente sob a influência cultural, então, no homem, a natureza e a cultura são em origem solidários e, portanto, a sua separação corresponde exclusivamente à exigência do método científico e não à realidade das coisas (Galimberti, 2006, p. 108).

A aprendizagem ocorre não apenas pelos estímulos ao redor dos indivíduos. De acordo com Galimberti (2006) a carência instintiva humana, torna os indivíduos propensos a aprendizagem logo após o nascimento. Complementando essa perspectiva, Azambuja (2017), ao analisar em seu trabalho a natureza da técnica, relatou que para o filósofo italiano, a “técnica será, portanto, o ‘pacto original entre homem e mundo’ que permitirá à humanidade superar seus limites biológicos e estabelecer-se como espécie” (Azambuja, 2017, p. 175). Diferentemente dos demais animais, que nascem com todos seus aparatos instintivos funcionais e com possibilidade de operação em um curto espaço de tempo, nos humanos o processo é longo, e o aprendizado depende das estruturas culturais que o cercam. Como consequência disso, o processo de aprendizado humano é considerado como anômalo em relação àquele dos animais:

Um aprendizado que não é “sucessivo”, mas originalmente inserido no desenvolvimento puramente biológico, porquanto a criança – de modo natural e normal, mas de todo anômalo em relação ao animal – é retirada do corpo materno e submetida a essa influência (Galimberti, 2006, p.108).

Dessa forma, instintos que, nos demais animais, seriam absolutamente naturais, nos humanos perdem sua funcionalidade. Eles necessitam, então, que os estímulos externos passem a permear o aprendizado em função das situações, dos objetos ou dos instrumentos que se apresentem nesse processo. Galimberti (2006) afirma que o sistema motor humano é dependente do aprendizado, realçando a natureza complexa e adaptável do comportamento humano, que não se limita a padrões hereditários e instintivos, mas é moldado pelo processo de aprendizagem ao longo da vida:

De fato, à exceção dos primeiros movimentos neonatais, como reflexo de sugar, apertar, agarrar-se, o sistema motor, diferentemente daquele animal (que é hereditário), é desligado do instinto e depende, na modalidade da sua execução e nos objetos a que se aplica, do aprendizado (Galimberti, 2006, p. 198)

E ainda:

no homem não há traços dessa resposta inata, mas, se tanto, uma disponibilidade para respostas genéricas e frequentemente desorganizadas, que o aprendizado gradativamente, codifica em úteis e inúteis, abrindo um caminho que permite ao indivíduo encontrar as condições mínimas de existência (Galimberti, 2006, p. 108)

É importante salientar a construção antropológica no processo de Educação humana, que tem início com o amadurecimento de seus aparatos biológicos. Para Galimberti (2006), esses fatores antropológicos são determinantes no processo de aprendizado dos indivíduos. Uma vez que a codificação que se faz do mundo natural prepara uma projeção para a intervenção e construção do mundo próprio humano. Isso, faz com que essa condição adaptável humana facilite a sobrevivência no ambiente à sua volta. O italiano refletiu:

Mas, dizer que o amadurecimento biológico ocorre sob a influência do aprendizado significa ter que admitir, no caso do homem, uma *carência de codificação instintual*, favorecendo totalmente uma característica *plasticidade* (Galimberti, 2006, p. 108).

E:

Essa especificidade antropológica deve-se ao fato de que o homem não tem um ambiente já predisposto à sua organização biológica; em vez disso, este deve ser construído explorando-se as oportunidades que a generalidade do mundo a que está aberto lhe oferece (Galimberti, 2006, P. 198)

Galimberti (2006) observa ainda a importância do aprendizado na construção da identidade e na integração social. Para ele, ao interpretar e internalizar os papéis sociais, os indivíduos socializam-se e constroem sua própria identidade por meio de processos de

identificação com os outros e, também, no reconhecimento por parte dos outros. Nesse sentido, a Educação desempenharia um papel essencial ao proporcionar a aquisição de: conhecimento, habilidade e, também, de facilitação do desenvolvimento de relações interpessoais na construção de uma identidade autêntica dentro da sociedade.

Desde sempre o espaço de liberdade foi delimitado pelo papel, sendo a interpretação de um papel social o objetivo de qualquer processo de aprendizado, que permite aquela socialização sem a qual nenhum indivíduo chega à própria identidade por meio de processos de identificação com o outro e de reconhecimento por parte do outro (Galimberti, 2006, p. 668).

A partir da construção do mundo habitável, e com os indivíduos amadurecidos e detentores de aprendizados, a técnica passa a compelir a ética tradicional para um papel secundário. Essa ética tradicional é que confere um poder de julgamento e escolhas de acordo com razões humanas. Todavia, agora não mais o homem é quem toma as decisões para suas escolhas, e sim a técnica. Isso deve-se ao processo de racionalização do saber técnico, que de forma articulada assume o poder de escolhas sobre os indivíduos, inclusive dos fins de suas ações a serem realizadas: “aí estão as raízes do dissídio entre técnica e ética, entre o que se *pode* fazer o que se *deve* fazer” (Galimberti, 2006, p. 280), essa persuasão, altera profundamente a Educação dos indivíduos à medida que há substituição de uma ética humanista por uma mediada pela eficácia da técnica.

A razão técnica só tem competência quanto ao que se pode; o problema é ver como se consegue impedir de fazer aquilo que é possível fazer, e, sobretudo, em nome de qual saber, dado que não existe saber, a não ser como saber determinado e limitado pelo objeto a que se aplica (Galimberti, 2006, p. 280)

Nessa racionalidade técnica, a ética tradicional já não pode mais direcionar o uso de instrumentos, pois para Galimberti (2006), é a partir de objetos que se oferecem possibilidades de usos mediados por saberes técnicos. De acordo com o italiano, para a razão técnica “não é importante a natureza do instrumento, a sua essência, ou, [...], sua estrutura, mas a sua *funcionalidade*, que é decidida a partir desse critério que é a *eficácia*, ou seja, a capacidade de ‘fazer ser’ (*kraínein*) aquilo que se deseja” (Galimberti, 2006, p. 281). Essa descrição da dominação da técnica sobre a ética, a qual Galimberti (2006) faz referência em grande extensão da sua obra, visto aqui na seção 3.2.1., também é fonte de observação por parte de Soares (2008; 2010). Para Soares (2008), diante da impossibilidade de libertar-se das tecnologias, o caminho seria exercitar o controle sobre a técnica através do aprendizado:

... é pela ação que nos posicionamos na face da Terra. Se a humanidade nos deixou como herança tecnologias por meio das quais nossos antepassados buscaram solucionar seus problemas, nos cabe, hoje, rediscuti-las e redirecionar seus usos, em favor de projetos que criamos (Soares, 2008, p. 52).

Ao reconhecer os ambientes escolares como aqueles em que se podem resgatar a consciência ética Soares (2008; 2010) e Azambuja *et al.* (2022) endossam a perspectiva galimbertiana sobre um despertar da humanidade para o processo de Absoluto da Técnica. Para Soares (2008; 2010), quando o filósofo italiano ao final de sua obra deixa aberta a porta da esperança de que não é tarde para a humanidade enxergar o processo de absolutização da técnica. Por sua parte, Soares (2008; 2010) entende que o local onde esse despertar pode acontecer é a escola: local onde se faria o debate sobre a dominação técnica como forma de despertar, despertar para não ser dominado.

No caso da escola e da educação, a proposta não é subordinar-nos às tecnologias (até mesmo ao deixar de discuti-las por considerá-las secundárias ou optativas na formação de nossos alunos), mas, sim, dominá-las, como condição civilizatória, caso reconheçamos que seja indispensável que nossos alunos delas se apropriem para não serem por elas dominados (Soares, 2008, p. 52)

E ainda:

... a educação é – ela própria – uma construto humano, uma técnica (um conjunto de fundamentos teóricos e de procedimentos práticos destinados a formar o homem para uma ação em sociedade). Uma técnica que produziu suas tecnologias, entre as quais os recursos de linguagem disponibilizados para os processos de ensino e de aprendizagem (Soares, 2008, p. 53).

3.5.1. O papel da comunicação na Educação das sociedades tecnológicas

A comunicação de massa, geralmente, nas sociedades tecnológicas assume um papel fundamental na formação dos indivíduos. Acerca disso, Galimberti (2006) aponta: “a telecomunicação é o nosso ambiente. Mesmo quando dele não se participa, pelo fato de outros dele participarem, em seu agir cotidiano, será legível o seu aprendizado” (Galimberti, 2006, p. 725). As tecnologias, como a televisão, telefones celulares, a internet e outras, apresentam, de forma constante, formas de significação das coisas no mundo, massificando, por exemplo, usos e não usos de objetos, ou ainda o certo e o errado, ou bom e o ruim, contribuindo para o processo de aprendizado, e portanto, de Educação dos indivíduos, para o italiano:

A televisão, distribuindo sem cessar o significado das coisas e o seu variado uso, prossegue o trabalho da educação, que codifica, não porque manipula, engana, mente,

mas simplesmente porque descreve o mundo, o qual não existe fora da sua descrição (Galimberti, 2006, p. 725).

Assumindo-se a descrição do mundo, como forma de aprendizado e, portanto, de Educação, Galimberti (2006) entende o importante papel das mídias no processo de absolutização da técnica. Para ele, “hoje todos veem televisão ou utilizam a internet, não para dispor de alguma informação a mais, mas simplesmente porque estão no ‘mundo’, o qual na televisão, e cada vez mais na internet, tem a sua mais ampliada e completa descrição” (Galimberti, 2006, p. 725). Nesse sentido, as mídias atuam no processo de Educação e Soares (2010) endossa essa visão porque compreende que a partir das reflexões do italiano “é pela ação que podemos posicionar-nos na face da terra, sendo-nos permitido ensaiar esta ação, educar para esta ação, comunicar esta ação. Este é o campo da educação, ou melhor, da educomunicação” (Soares, 2010).

A interface da Educação (incluindo a Tecnológica) com a Filosofia da Técnica de Galimberti (2006) está justamente em apresentar todo o processo de dominação e absolutização da técnica sobre a vida humana, analisando os traços antropológicos, éticos e da comunicação na formação e no aprendizado humano, e, portanto, no educar dos indivíduos. O italiano reforça, então, que é preciso utilizar as capacidades humanas de adaptação, antecipação e imaginação como formas para contrapor-se ao Absoluto da Técnica.

A adaptação é percebida como uma característica intrínseca à natureza humana, mesmo em sociedades pré-tecnológicas, em que a técnica era apenas uma extensão natural do homem, contribuindo para a sobrevivência da espécie (Galimberti, 2006, p. 752). A habilidade de antecipar cenários hipotéticos é destacada como fundamental para atribuir significado à interação humana com o mundo, reconhecendo que a perda dessa capacidade representa um significativo desafio para a humanidade (Galimberti, 2006, p. 214). E a imaginação emerge como uma força capaz de superar a separação entre o imaginário e o real, possibilitando aos humanos tornarem o inexistente em existente e produzirem significado para a percepção de um mundo habitável (Galimberti, 2006, p. 729). É por meio da imaginação que se torna viável antecipar e construir cenários possíveis, abrindo espaço para a inovação e para a expansão do mundo perceptível.

Dessa forma, a Educação desempenha uma função essencial ao cultivar essas habilidades humanas, contribuindo significativamente para estabelecer uma relação mais harmoniosa entre os indivíduos e a tecnologia (Yasin, *et al.*, 2020, p. 9-10). Tal abordagem possibilita que a criatividade e a ponderação ética orientem tanto a utilização quanto o avanço das tecnologias, promovendo assim seu uso responsável e inevitável aprimoramento.

CONCLUSÃO

A Filosofia da Técnica de Galimberti e sua *Crítica a Razão Técnica* aborda a complexa interação entre o ser humano e a Técnica. As suas críticas, sobretudo na obra *Psiche e techne: o homem na idade da técnica*, oferecem uma análise que não se limita apenas à formação dos pensamentos, emoções e interações entre os indivíduos e os artefatos técnicos, mas também às características e implicações da técnica sobre a psique humana. Essa profunda crítica revelou como a técnica influencia o desenvolvimento humano, tanto na esfera individual quanto na coletiva, ramificando-se nas mais variadas áreas da vida humana.

A título de conclusão, pode-se agora recuperar alguns dos pontos importantes sobre esta investigação sobre a FdT galimbertiana:

1. Galimberti faz parte de uma tradição filosófica humanista, por fazer uma reflexão voltada aos problemas humanos - tomando por base o esquema de Mitcham (1994) - e, uma vez que realiza reflexões ontológicas e metafísicas sobre a técnica, pode ser classificado como um filósofo pertencente às gerações mais antigas ou clássica da FdT italiana - seguindo às ideias de Chiodo e Schiaffonati (2021).
2. Galimberti não aparece nos compêndios introdutórios para estudos FdT, tanto na língua italiana quanto na língua inglesa.
3. Galimberti emprega as palavras “técnica” e “tecnologia” com significados diferentes, assim, são utilizadas com denotações distintas ao longo de *Psiche e techne*: para ele, “técnica” concerne à *racionalidade* que guia a produção dos artefatos; e “tecnologia” diz respeito aos *dispositivos tecnológicos*.
4. Galimberti entende que o Absoluto da Técnica envolve a reificação do homem, em um processo que acarreta transformações *antropológicas, psíquicas, sociais, éticas e políticas* no ser humano. Assim, a racionalidade técnica manifesta-se na organização científica para reduzir todas as qualidades a quantidades e as atividades do trabalho humano em meros recursos funcionais.
5. Galimberti oferece uma abordagem crítica que nos permite antever uma interface entre a Educação e a Filosofia da Técnica, com destaque para a reflexão sobre o papel dos impactos sociais, ambientais e éticos das tecnologias (em uma perspectiva transdisciplinar) na vida das pessoas e na organização do tecido social.

Com base nesses aspectos, conclui-se que um retrato mais completo da FdT italiana, como pretendido, por exemplo, por Chiodo e Schiaffonati (2021), deveria incluir a *Crítica da Razão Técnica* desenvolvida pelo pensador de Monza.

REFERÊNCIAS

- ACHTERHUIS, Hans. **American Philosophy of Technology: The Empirical Turn**. Bloomington: Indiana University Press, 2001. 192 p.
- ARTOSI, Alberto. Technical Normativity. In: CHIODO, Simona. (org.); SCHIAFFONATI, Viola. (org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2021, p. 149-160.
- AZAMBUJA, Celso Candido. A Natureza da Técnica: *crítica do caráter instrumental do conceito de técnica*. **Pensando - Revista de Filosofia**. Teresina, v. 8, n. 15, 2017, p. 166-182. Disponível em: <https://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/5937/3703>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- AZAMBUJA, Celso Candido; DIEHL, Márcia Regina; CHAVES, Carolina Wiedemann. Umberto Galimberti: *A idade da técnica e o futuro da humanidade*. In: OLIVEIRA, J. **Filosofia da Tecnologia: seus autores e seus problemas** – v. 2. Caxias do Sul: Educs, 2022. p. 313-321.
- CHIODO, Simona; SCHIAFFONATI, Viola. The Italian Philosophy of Technology. In: CHIODO, Simona. (org.); SCHIAFFONATI, Viola. (org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Switzerland, 2021, p. 1-9.
- COECKELBERGH, Mark. **Introduction to Philosophy of Technology**. Oxford: Oxford University Press, 2019. 336 p.
- CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. 233 p.
- DEMIR, Hilmi. **Luciano Floridi's Philosophy of Technology: Critical Reflections**. v.8, Dordrecht: Springer Science+Business Media, 2012. 274 p.
- DIODATO, Roberto. Ontology of the Virtual. In: CHIODO, Simona. (org.); SCHIAFFONATI, Viola. (org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2021, p. 233-245.
- DUSEK, Val. **Filosofia da Tecnologia**. São Paulo: Ed. Loyola, 2009. 312 p.
- FERRANTE, Alessandro. **L'educazione nell'età della tecnica. La prospettiva post-umanista e le implicazioni pedagogiche della crisi dell'antropocentrismo**. 2014. 409f. Doutorado. Ciências da Educação e Comunicação. Università Degli Studi di Milano-Bicocca, Milão, 2014.
- FERRÉ, Frederick. **Philosophy of Technology**. Athens: University of Georgia Press, 1995. 149 p.
- FLORIDI, Luciano. **Information: A very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2010. 152 p.

FLORIDI, Luciano. The Ontological Interpretation of Informational Privacy. In: CHIODO, Simona. (org.); SCHIAFFONATI, Viola. (org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Switzerland, 2021, p. 45-68.

FLORIDI, Luciano. **The Philosophy of Information**. Oxford: Oxford University Press, 2011. 405 p.

FRANSSEN, Maarten.; LOKHORST, Gert-Jan; VAN DE POEL, Ibo. (VI) Filosofia da Tecnologia. In: OLIVEIRA, T. L. T. de (org.). **Série Investigação Filosófica**. Tradução: CRUZ, C. C.; ABRAHÃO, L. NEPFIL Online: Pelotas, 2021, p. 247-300. Disponível em: <https://11nq.com/FilosofiaDaTecnologiaVerbetetraduzidoFranssen>. Acesso em: 12 dez. 2021

GALIMBERTI, Umberto. **Autore Umberto Galimberti**. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2017. Disponível em: <http://umbertogalimberti.feltrinellieditore.it/autore/>. Acesso em: 09 jan. 2022.

GALIMBERTI, Umberto. **La scuola e l'educazione delle emozioni e dei sentimenti**. Modena. Festival filosofia, 2022. 1 vídeo (48 min). Disponível em: <https://www.festivalfilosofia.it/video-lezioni&cerca=Umberto%20Galimberti>. Acesso em: 26 set. 2022.

GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006. 918 p.

GAMA, Ruy. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986. 240 p.

GRINSPUN, Mírian. P. S. Zippin. **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002. 232 p.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. 269 p.

IHDE, Don. **Philosophy of Technology: An Introduction (Paragon Issues in Philosophy)**. Nova York: Paragon House, 1998. 157p.

JERÓNIMO, Helena Mateus. Introduction: Pathways in the Philosophy of Technology in the Portuguese-Speaking Community. In: JERÓNIMO, Helena Mateus (org.). **Portuguese Philosophy of Technology: Legacies and contemporary work from the Portuguese-Speaking Community**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2023, p. 1-8.

JUNGES, Márcia; MACHADO, Ricardo. A dimensão racional da Técnica e a modelagem da vida. **Revista do Instituto Humanitas**. São Leopoldo: Unisinos – IHU- Online. ed. 457, 2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5732-umberto-galimberti>. Acesso em: 21 nov. 2021.

LASPRA, Belén; CERESO, José Antonio López. Introduction: Thinking Through Technology in Spanish. In: LASPRA, Belén. (org.); CERESO, José Antonio López (org.). **Spanish Philosophy of Technology: Contemporary Work from the Spanish Speaking Community**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2018, p. v-vii.

LOMBARDI, Olimpia; CORDERO, Alberto; PÉREZ RANSANZ, Ana Rosa. Philosophy of Science in Latin America. In: ZALTA, Edward Nouri. (org.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/phil-science-latin-america>. Acesso em: 12 nov. 2023.

MAGNANI, Lorenzo. Knowledge as Duty Morality in a Technological World. In: CHIODO, Simona. (org.); SCHIAFFONATI, Viola. (org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2021, p. 199-215.

MITCHAM, Carl. **Thinking Through Technology: The Path between Engineering and Philosophy**. Chicago: University of Chicago Press, 1994. 397p.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999. 167p.

PAGALLO, Ugo. On the Principle of Privacy by Design and Its Limits: Technology, Ethics and the Rule of Law. In: CHIODO, S. (org.); SCHIAFFONATI, V. (org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2021, p. 111-127.

PECORARO, Rossano. Emanuele Severino: a essência do niilismo o destino da técnica. In: OLIVEIRA, Jelson. (org.). **Filosofia da Tecnologia: seus autores e seus problemas**. Caxias do Sul: Educs, 2020. p. 261-269.

REYDON, Thomas Alexander Christian. Filosofia da Tecnologia. **Problemata: R. Intern. Fil.** João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 235-267, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/38146/20765>. Acesso em: 18 set. 2021.

SEVERINO, Emanuele. On the Meaning of Technology's Domination. In: CHIODO, Simona. (org.); SCHIAFFONATI, Viola. (org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2021, p. 69-82.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e terceiro entorno: diálogos com Galimberti, Echeverría e Martín-Barbero. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 57–66, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44845>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. Muitos meios, muitas comunicações. In: TORNAGHI, Alberto (org.). **Educação digital e tecnologias da informação e da comunicação**. Salto para o Futuro, Ano XVIII – Boletim 18 – Set./Out., 2008. Disponível em www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/173815Edu-digital.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

TRECCANI, Istituto per la compilazione, l'aggiornamento, la pubblicazione e la diffusione della Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti iniziata dall'Istituto Giovanni Treccani. 2023. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/tecnica_res-b1fd3667-8bb7-11dc-8e9d-0016357eee51_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Acesso em: 01 mai. 2023

VERBEEK, Peter-Paul. The Empirical Turn. In: VALLOR, S (org.). **The Oxford Handbook of Philosophy of Technology**. Oxford: Oxford University Press, 2022, p. 35-54.

VERČ, Jurij. Umberto Galimberti: Man in the Age of Technics. **Phainomena**: Selected Essays in Contemporary Italian Philosophy. Liubliana, 2012, v. XXI, n. 82-83, p. 127-144. nov. 2012. Disponível em: <https://www.phainomena.com/wp-content/uploads/2019/11/Revija-Phainomena-%C5%A1tevilka-82-83-Izbrani-spisi-iz-sodobne-italijanske-filozofije.pdf>. Acesso em : 13 jun. 2022.

WANG, Qian. Introduction. In: WANG, Qian (org.). **Chinese Philosophy of Technology: Classical Readings and Contemporary Work**. Singapura: Springer Nature Singapore, 2020, p. 1-9.

YASIN, Janaína Cassana Mello; ANDRADE, Gustavo Baade de; BARLEM, Edison Luiz Devos; BARLEM, Jamila Geri Tomaschewski; GUTIERRES, Évilin Diniz; SOARES, Luana da Silva. Moral sensitivity and the use of care technologies under Galimberti's perspective. **Research, Society and Development**. Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 5, p. e84953188, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3188>. Acesso em: 04 jan. 2024.